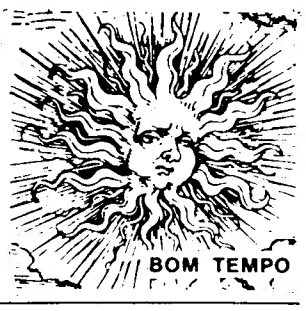
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO DE 1973 — N. 18220 — ANO 53. — PREÇO 1$50



Dois prisioneiros civis são levados pela polícia chilena depois de terem sido detidos na Câmara Municipal durante a luta que se travou em frente do palácio presidencial de Santiago. As fontes militares informaram que a situação estava controlada, embora subsistissem algumas bolsas de resistência organizadas pelos partidários do poder do malogrado presidente Salvador Allende. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

GOVERNO MILITAR NO CHILE

Os chefes militares chilenos tomaram oficialmente conta do poder e nomearam um novo gabinete para substituir o Governo constitucional do falecido presidente Salvador Allende. O novo gabinete foi constituido durante uma cerimónia na Academia Militar, onde os novos ministros juraram defender os princípios políticos do golpe e não a Constituição. O general Augusto Pinochet, comandante do Exército, presidiu a sessão e os observadores pensam que ele é o chefe máximo do novo regime. Da junta militar que comandou o golpe fazem ainda parte os comandante da Marinha, almirante José Marino, o comandante da Força Aérea, general Gustavo Leigh, e o general César Mendoza, comandante dos carabineiros. A lista completa do novo gabinete não foi ainda anunciada, mas pensa-se que é inteiramente constituída por militares, embora haja informações que dão como pertencendo ao Governo duas personalidades civis. Entretanto, as patrulhas do exercito continuam a percorrer as ruas de Santiago do Chile com ordem para atirar a matar contra quem quer que tente oferecer resistência. Embora não haja números oficiais das vítimas do golpe, o embaixador chileno no México disse que milhares de pessoas perderam a vida desde que os aviões a jacto da Força Aérea e os tanques do exército entraram em acção na terça-feira. Os soldados encontraram forte resistência nalguns pontos da cidade e, ontem à noite, havia ainda tenaz resistência numa zona industrial. Por outro lado, a junta militar confirmou oficialmente a morte do presidente Allende, afirmando que ele se suicidara com um tiro na cabeça. Allende foi ontem sepultado. Por toda a América Latina os governantes começam a reagir, acusando os Estados Unidos de cumplicidade no golpe. Perón foi um dos primeiros a manifestar a opinião de que a mão de Washington se encontrava por detrás dos acontecimentos. O México, a Venezuela e a Costa Rica proclamaram três dias de luto nacional por Allende. No Chile foram já presas centenas de pessoas e os militares continuam à procura de vários dirigentes de partidos e de ministros de Allende. A vida está completamente paralisada devido ao recolher obrigatório. (R. e «DL»)

"O GOVERNO ALEMÃO NÃO PODE IDENTIFICAR-SE COM O PONTO DE VISTA PORTUGUÊS"

-afirmou Willy Brandt

BONN, 13 — (ANI) — «O Governo alemão não se pode identificar com o ponto de vista português, segundo o qual Angola e Moçambique são partes inseparáveis de Portugal, mas esse é simplesmente um problema interno de um aliado nosso, problema com o qual não temos que interferir» — Declarou o chanceler Willy Brandt, na sua conferência de Imprensa, acrescentando:

— «Não tenho conhecimento de que o Governo alemão esteja dividido a este respeito, embora admita que pessoalmente passa haver opiniões diferentes e que um ou outro dos membros do Governo possam falar em voz talvez mais alta do que outros.»

Estas últimas palavras de Willy Brandt constituiam uma evidente alusão a declarações do seu ministro da Coordenação económica (dos auxílios a prestar pela República Federal aos países do Terceiro Mundo), dr. Erhard Eppler, para quem Portugal tem de optar entre integrar se economicamente na Europa ou permanecer na Africa.

Posteriormente, três dirigentes da Frelimo foram convidados a visitar a Alemanha Ocidental, mas ficou bem esclarecido que o convite viera do Partido Social-Democrático e não do Governo.

Mais tarde, o vice-presidente da Frelimo, Marcelino dos Santos, um dos dirigentes do movimento que estiveram na Alemanha, rechaçou o prometido auxílio alemão «em medicamentos», salientando (em Dar-Es-Salam) que a Frelimo do que precisa para combater portugueses é de armas e de munições, não medicamentos ou de qualquer outra ajuda de caracter «humanitário».

SPÍNOLA NA DESPEDIDA:

A conversão de sociedades não depende de pessoas nem cabe em mandatos

As obras de conversão de sociedades humanas não são tarefa cujo sucesso dependa de pessoas nem caiba em mandatos. Pelo contrário, o seu êxito tem de assentar, essencialmente, na renovação das instituições e na continuidade de uma linha de acção reformadora claramente traçada e firmemente seguida. E neste quadro, lançadas as bases e empreendidas as transformações que se revelaram imperiosas, posso dar por terminada a minha missão, na certeza, porém, de que continuarei vivendo, como português, o futuro dessa terra e das suas gentes — afirmou o general António de Spínola na mensagem de despedida ao povo da Guiné difundida hoje pela emissora oficial local.

O governador-geral cessante, no início da sua mensagem, declarou: **Alcançado o termo do prazo de prorrogação do mandato a que fui solicitado, chegou a hora de deixar o Governo da província, a cujo destino me liguei pelos laços de uma vivência de mais de cinco anos. Não foi impunemente que durante tão longo tempo os vossos problemas polarizaram as minhas preocupações. E a viva emoção desta hora de despedida apenas é temperada pela consciência de que, no processo das grandes transformações sociais, as passagens de testemunho revivificam as ideias prosseguidas ao mesmo tempo que põem à prova a sua consciência e projecção no futuro.**

Referindo, mais adiante, que as suas palavras de despedida eram **para todos, sem distinção**, o general Spínola frisou, todavia, dirigir-se fundamentalmente aos africanos **pois são os que, por constituirem a esmagadora maioria, consubstanciam a Guiné**, acrescentando:

Continua na pag. 11

32 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

PERON ACUSA OS E.U.A.

Juan Peron, ao pronunciar-se sobre o golpe de estado no Chile acusou os Estados Unidos de estarem por detrás dos acontecimentos. «Não o posso provar, mas estou firmemente convencido de que assim foi, pois sei como é que essas coisas funcionam.» (Telefoto-UPI-Telimprensa-DL).

NIXON: DOIS ANOS SEM PAGAR IMPOSTOS

WASHINGTON, 13 (F.P.) — A Casa Branca não desmentiu ontem que o presidente Richard Nixon seja um dos raros cidadãos americanos privilegiados que não pagaram impostos em 1970 e em 1971 apesar de um rendimento mínimo de 200 000 dólares.

«Os impostos do presidente são um assunto pessoal que eu não irei agora discutir», limitou-se a dizer Gerald Warren, informador da Casa Branca, a propósito das informações da Imprensa segundo as quais Nixon não pagara impostos naqueles dois anos.

O vencimento anual do presidente é de 200 000 dólares sujeito a impostos, recebendo mais de 50 000 dólares a título de despesas de representação, as quais estão isentas de impostos. Segundo alguns jornais, porém, Nixon teria acabado por nada dar ao fisco, deduzindo do seu rendimento, como o permite a lei, os juros pagos em relação aos empréstimos hipotecários e o valor dos documentos pessoais da sua vice-presidência que doou aos arquivos nacionais.

A administração das contribuições revelou que 111 americanos com um rendimento anual mínimo de 200 000 dólares não pagaram impostos em 1970 e em 1971.

DL/NACIONAL

SETE PARQUES INFANTIS PARA O CONCELHO DE LOURES

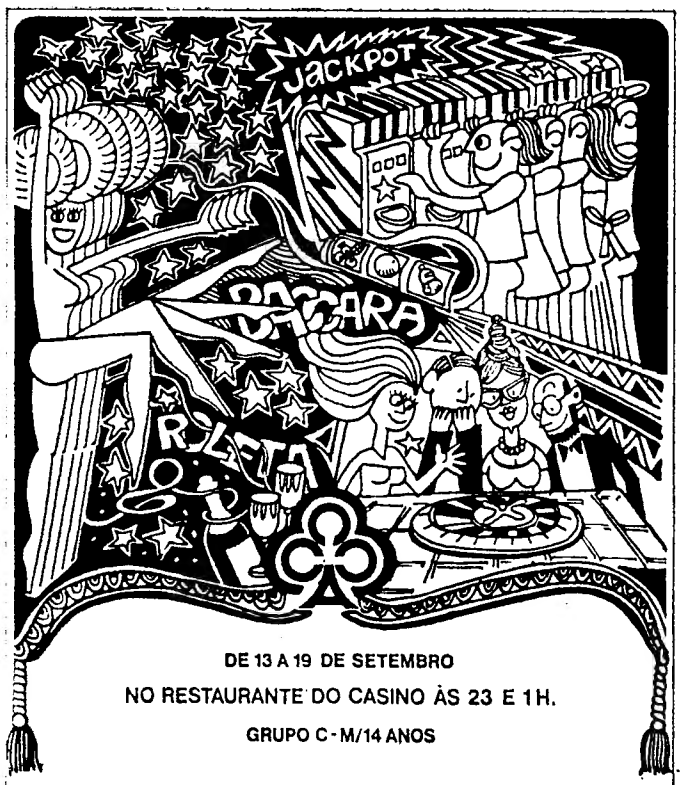
Estão em vias de conclusão ou começam a ser construídos em breve diversos parques infantis no concelho de Loures, numa iniciativa da respectiva Câmara Municipal. As localidades beneficiadas são Olival Basto, Sacavém, Bucelas, Santo Antão do Tojal, Ponte de Frielas, Santa Iria de Azóia e Bobadela.

Entretanto, continua a construção do edifício escolar em Santo António dos Cavaleiros (12 salas), obra que importa em mais de 6.250.000$00, havendo a acrescentar o mobiliário avaliado em 400.000$00. Posteriormente proceder-se-á à sua ampliação, mais 4 salas, ainda em fase de apreciação.

Está praticamente concluída e importa em 4.000.000$00 a edificação da Escola da Quintinha, na freguesia de Póvoa de Santo Adrião. Espera-se que entre em funcionamento na 2.ª semana de Outubro. No mesmo mês deve estar concluida a ampliação do cemitério de Caneças, empreendimento avaliado em 2.750.000$00.

GERENTE DE GRANDE COMPANHIA DE SUPERMERCADOS

JOVEM - AMBICIOSO
FREQUÊNCIA UNIVERSITÁRIA
SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO
com condições de trabalho impraticáveis
PROCURA OUTRA ACTIVIDADE
Resposta ao jornal n.º 910



DE 13 A 19 DE SETEMBRO
NO RESTAURANTE DO CASINO ÀS 23 E 1 H.
GRUPO C - M/14 ANOS

EM ESTREIA EM PORTUGAL
O GRUPO VOCAL-INSTRUMENTAL INGLÊS
TOUCH OF VELVET

A MAGIA E LEVITAÇÃO DE
MICHEL DE LA VEGA

O BALLET
DAYGO DANCERS

E O CONJUNTO DE
MÁRIO DE JESUS
COM A CANTORA INGLESA
JAY SOUTH

SALA DE MÁQUINAS — Acesso livre a m/ de 21 anos
SALA DE JOGOS — DIÁRIAMENTE DAS 17 ÀS 3 H.

CASINO DE ALVOR

APÓS A VISITA A ANGOLA

REPRESENTANTES DA IMPRENSA REGIONAL RECEBIDOS PELO CHEFE DO GOVERNO

O Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano recebeu ontem à tarde em audiência especial os representantes dos Órgãos da Imprensa Regional regressados de uma visita de vários dias a Angola.

A viagem foi organizada pelo Movimento Nacional Feminino com o patrocínio do Chefe do Estado e o apoio do Governo.

Durante a recepção discursou em primeiro lugar o cónego Galamba de Oliveira, presidente do conselho geral do Grémio da Imprensa Não-Diária, que, depois de saudar o Chefe do Governo e agradecer a viagem às entidades promotoras, afirmou:

... Vimos como que estonteados com a beleza da terra, as suas imensas possibilidades de toda a ordem e em todos os campos, a gravidade dos seus problemas, o seu fantástico desenvolvimentos, a dedicação e o entusiasmo dos que ali estão a construir um Portugal maior.

Mas seria pretensão estulta fazer juízos acerca de Angola após a estadia ali apenas de 12 dias, viagem que classificámos de aperitivo para mais profundo estudo ou aquisição para união de esforços e de trabalho com os que já lá mourejam (...)

Nao fomos todos a toda a parte nem era possível. Mas estiveram quase em toda a parte jornalistas metropolitanos da Imprensa Regional.

E mais adiante:

Há sombras naquilo que nos foi dado observar? E na maneira como a viagem se processou?

Decerto. E qual é a obra humana que as não tem?

Gostaríamos de ter tido mais contactos humanos em vez de tantos contactos com coisas.

Alguns poderíamos ter poupado mais tempo, evitando tão longas e tão numerosas deslocações em autocarros.

Desejávamos ter entrado a sério no sector escolar e na vida missionária.

Mas, tal qual como as manchas do sol o não impedem de brilhar também estes anseios do melhor de forma alguma desfazem o rico esplendor desta viagem.

DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONSELHO

Discursando a seguir, o prof. Marcello Caetano afirmou:

«Foi com satisfação que soube da iniciativa da visita a Angola dos representantes da Imprensa não-diária.

«O mundo está inundado de mentiras a respeito de Portugal e do Ultramar português. Uma campanha miserável apresenta-nos aos olhos da humanidade como um povo de facínoras que por ódio aos ideais de liberdade oprime os africanos, submetendo-os a um jugo inclemente.

«E tudo quanto fazemos para desmentir essa versão falsa e caluniosa das realidades encontra pela frente uma barreira difícil de ultrapassar. Tal é a força dos inimigos que nos combatem!

«E todavia, nós não temos que temer a verdade. E a cada passo abrimos as fronteiras aos homens de boa fé para que, por seus olhos, possam ver, avaliar e ajuizar.

«Muitos estrangeiros têm sido assim convertidos às razões de Portugal.

«Aqui dentro há também quem se deixe impressionar pela campanha adversa.

«É um facto que os movimentos terroristas conseguiram instalar na Metrópole as suas «testas de ponte». E daí atacam, espalhando entre a população, e em especial na juventude, catadupas de propaganda, cujo custo é financiado por potências estrangeiras. Todos os acontecimentos são aproveitados por essas centrais de propaganda terrorista para a especulação destinada a fazer vacilar no espírito dos portugueses a certeza da posição assumida.

«E ora apelam para os interesses económicos, ora pedem reflexão à consicência cristã — sempre na mesma obra de desvirtuamento das realidades e de perturbação dos espíritos.

«Por outro lado, a intensa acção desenvolvida no estrangeiro, muito embora assente na afirmação de coisas tão disparatadas e de enormidades tão incríveis que logo se denunciam como absurdas, leva por vezes certas pessoas a formular dúvidas sobre se os portugueses estarão convenientemente informados do que se passa na nossa África.

«É claro que seria muito difícil ocultar à opinião os factos que ocorrem na Guiné, em Angola e em Moçambique. Porque por lá passam, para lá vão e de lá regressam todos os dias numerosas pessoas a quem não se condiciona a liberdade de deslocação. Por isso não há ninguém que não tenha um amigo ou um conhecido capaz de lhe dar notícias directas da África portugesa.

«Nada porém pode suprir a informação colhida por quem está habituado a ver para contar. Por isso é sempre utilíssima a visita de jornalistas.

«Coube agora a vez a este numeroso grupo de redactores da Imprensa não-diária. Trata-se em geral de jornais de expansão local, com tradições regionais e que a gente da província lê com especial atenção.

«Foi-lhes dado contemplar a realidade. Viram que Angola não é um território africano com algumas aldeias de palhotas onde pretos selvagens sejam explorados por europeus cruéis. Depararam com um grande país, em via de rápido desenvolvimento, com uma já considerável população civilizada a viver em cidades e povoações tão cuidadas e airosas como as melhores da Europa.

E verificaram que essa população civilizada, graças à qual existe e é utilisado o equipamento próprio duma vida e de uma economia modernas, compreende pretos e brancos, convivendo harmoniosamente em expotânea e amistosa colaboração.

Viram assim que Angola (e não me refiro às outras províncias porque só nesta estiveram) não é uma terra de passagem mas um território de fixação onde estabeleceram o seu lar muitos milhares de pessoas que nem por não serem pretos se consideram menos africanos que estes.

Puderam avaliar a monstruosidade que constituiria o abandono desse território, com a retirada das forças que constituem a garantia da segurança dos que lá residem e que ficariam à mercê do racismo negro de que os movimentos terroristas têm dado abundantes provas.

«Forças que não excedem os modestíssimos efectivos de duas divisões para cobrir um território de área igual a catorze vezes a da Metrópole, forças inferiores à da polícia estadual de um Estado brasileiro como o de S. Paulo, por exemplo.

«Temos em marcha uma política de fomento económico do território, de promoção social das populaçãoes, de progressivo autogoverno das províncias.

«Vamos desistir da solução que, a cuidada ponderação dos interesses locais, a auscultação dos desejos dos seus habitantes, a própria segurança da paz do mundo, mostram como melhor e mais conveniente à África portuguesa?

«Vamos ceder à vozearia tumultuosa e irresponsável que por esse mundo fora se ergue a querer impor-nos um caminho que só conduziria ao caos na África meridional, e à transformação de um território agora próspero e feliz — em mais um Estado fantoche sujeito a tiranos descontrolados para desgraça das populaçãos e maior desvairo do Continente?

«Esses que bramam contra Portugal nas tribunas internacionais ou na Imprensa estrangeira estão obsecados por preconceitos ideológicos e nao querem ver ou não conhecem a verdade e a razão.

«Mas vós acabais de ver com os vossos olhos. E de julgar por vós próprios. Estais, pois, em condições de dar aos vossos leitores o necessário testemunho da verdade».

TENDA DOS MILAGRES
Jorge Amado
Na linha de força dos seus melhores romances
3ª edição

82$50
um livro editado por:
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins

À venda em todas as livrarias ou enviando-nos, directamente, o seguinte cupão de encomenda:

Enviem-me contra reembolso ..... exemp.(es) de *Tenda dos Milagres*
Nome: _____
Profissão: _____
Morada: _____

Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — LISBOA-1
Telefones: 770274 - 763276

A Direcção deste Sindicato Nacional, informa os sócios que exercem a sua actividade profissional na condução de automóveis de aluguer ligeiros de passageiros (Táxis e letra A), que devem dirigir-se à Secretaria deste Organismo das 15 às 21 horas, a fim de levantarem o DISTINTIVO criado nos termos do n.º 5 do despacho do Exmo. Senhor Director-Geral dos Transportes Terrestres, de 10/8/73, publicado no D. G. n.º 200, III Série, de 27/8/73.

Os sócios devem fazer-se acompanhar do Horário de Trabalho, bilhete de identidade e cartão sindical.

O Distintivo é concedido gratuitamente.

Lisboa, 1 de Setembro de 1973.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
Sotero Mendes de Almeida

ALTA FIDELIDADE
AMPLIF. SINT. AKAY;
GIRA-DISCOS DUAL-1210;
COLUNAS WARFDALE
VENDO IMPECÁVEIS
TELEF. 91 45 35

CHILE

NIXON SOUBE DO GOLPE 48 HORAS ANTES

. WASHINGTON, 13 (R.) — O Governo americano soube com 48 horas de antecedência que os comandantes militares chilenos se preparavam para desencadear um golpe e derrubar o presidente Allende — segundo revelaram ontem á noite fontes ligadas á administração.

Essas fontes disseram que membros da Junta Militar que ontem tomou conta do poder estiveram em contacto com representantes americanos informando-os daquilo que preparavam e em Washington o golpe era esperado na segunda-feira, mas aparentemente sofreu um atraso de 24 horas para permitir obter também a adesão das Forças Policiais dos carabineiros.

Embora a administração Nixon nunca tenha escondido o seu desagrado em relação ao regime popular chileno, funcionários americanos tentam agora repelir qualquer sugestão de que os Estados Unidos foram cúmplices do golpe militar.

As acusações de conivência americana contra Allende já surgiram no princípio deste ano durante um inquérito do Senado quando testemunhas ali afirmaram que a companhia I. T. T. tentou obter o apoio da C. I. A. para impedir a eleição de Allende em 1970.

Comunidade luso-brasileira

"Superpotência que dominaria o Atlântico Sul"

Segundo Hermano Saraiva

BRASÍLIA, 13 (ANI) — O embaixador de Portugal em Brasília, dr. José Hermano Saraiva, defendeu, ontem, uma maior integração entre o seu país e o Brasil, para a formação da comunidade luso-brasileira, «uma superpotência que dominaria o Atlântico Sul, das costas brasileiras até às africanas».

Entende o diplomata que, devido à importância estratégica dos mares do Sul, após o encerramento do Canal do Suez, a «super potência luso-brasileira é um desafio às inteligências dos brasileiros e dos portugueses, que por ela deverão optar em futuro não muito longínquo».

As afirmações do embaixador José Hermano Saraiva foram feitas na palestra que proferiu na comissão especial da comunidade luso-brasileira, da Câmara Federal, onde compareceu a convite do respectivo presidente, deputado Daso Coimbra (Arena, do Rio de Janeiro).

«Não podemos dar tempo ao tempo, para não desperdiçarmos oportunidades, como fizemos anteriormente» — disse o embaixador.

O dr. José Hermano Saraiva considera necessário que o Brasil e Portugal «sigam os caminhos das eliminações das barreiras alfandegárias, da criação de empresas luso-brasileiras, da criação de incentivos e do estímulo ao comércio exterior dos dois países, principalmente com relação aos produtos tradicionais das nossas nações, os que mais produzimos e o mundo consome».

Acrescentou o conferencista que Portugal importa do Brasil apenas dois por cento das suas compras no exterior, o que considera «muito pouco». E assinalou então que «não interessa saber se a balança comercial de Portugal está maior ou menor em relação ao Brasil, porque o importante é que façamos um mercado comum entre os dois países».

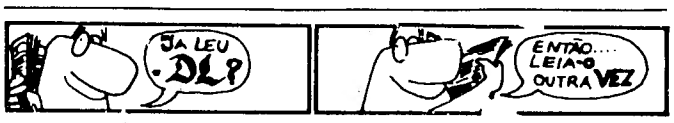
Após a palestra do embaixador de Portugal, o presidente da Câmara, deputado Flávio Marcílio, disse ser «um grande entusiasta da comunidade luso-brasileira, desde que seja também integrada por Angola e Moçambique».

Flávio Marcílio sublinhou que defende a integração dos dois países «mas sem qualquer conotação política: a comunidade luso-brasileira poderia surgir, a exemplo da Comunidade Económica Europeia, para um mercado livre entre os seus países membros».

CAMPOS DE TOMATE VISITADOS PELO MINISTRO COTTA DIAS

O ministro das Finanças e Economia desloca-se amanhã ao Alentejo onde, pelas 9.30, visitará as instalações Agrícolas e Pecuárias do Caia, no concelho de Campo Maior.

Lembramos que, na nossa edição de domingo passado, previámos a próxima deslocação daquele governante à zona de produção e industrialização de tomate, dada a grave crise provocada por uma praga de lagartas que destroem grande parte da produção deste ano, aliás jú prejudicada por estiagem muito dura. Julga-se que a visita de amanhã está directamente relacionada com o delicado problema, e que o dr. Cotta Dias vai inteirar-se pessoalmente da sua extensão.



«Apartheid»

. Durante um comício multirracial realizado em Joanesburgo, oradores brancos, negros e asiáticos condenaram a política sul-africana de «apartheid».

O comício foi organizado por um novo movimento de tendência centro-esquerda intitulado «Verligte» (esclarecimento).

Leonard Mosala, do Conselho Bantu desta cidade, disse às 700 pessoas que enchiam a sala: «Foi a consciência de que o vulcão racial poderá explodir que levou um grupo de sul-africanos a convocar esta reunião para tentarmos encontrar a forma de manter esse vulcão adormecido».

Por seu turno, Albertus Pop, dirigente mestiço afirmou: «Temos encontrado brancos que nos dizem saber aquilo que nós sofremos com o «apartheid», mas na realidade nenhum branco pode saber o que significa sofrer diariamente humilhações. Nós, a quem retiraram a nossa dignidade humana, como poderemos acreditar em todo este sistema imoral?».

Outro orador, vicepresidente do conselho dos sindicatos da África do Sul, Ron Webb, declarou à assistência que era composta por pessoas de várias raças: «Nuvens ameaçadoras estão a aproximar-se como prenúncio de tempestade, numa consequência lógica da polarização étnica».

O presidente da associação indiana, Saoljee, afirmou: «Apenas aqueles que suportam o peso do «apartheid» vos podem dizer o que é o tormento de um ser humano privado de um nível de vida decente e da livre escolha de oportunidades de trabalho, de estudo e de constituição da família».

Marroquinos em Espanha

Calcula-se que mais de mil imigrantes clandestinos procedentes do Norte de África, concretamente de Marrocos, se encontram a trabalhar e a viver de forma ilegal na Espanha, o que está a criar problemas de trabalho em certos sectores.

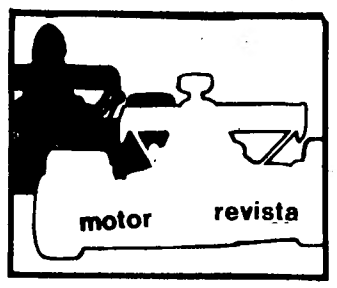
O grande aumento desta emigração de marroquinos para a Espanha é motivado pelas informações de que a França aumentou os seus «contrôles» para conseguir que cada vez menos trabalhadores marroquinos e argelinos entrem no país.

Por tal razão, a maior parte dos emigrantes que costumavam utilizar a Espanha como ponto de passagem para a França, ficam agora por aqui e colocam-se como subempregados, com falsos contratos de trabalho, sobretudo na indústria de construção.

Os interesses dos trabalhadores gregos

Num comunicado publicado em Atenas o comité executivo da **C. G. T.** grega rejeita o código elaborado pelo ministro do Trabalho enviado ao comité consultivo para discussão e aprovação.

A **C. G. T.** grega pede que o código do trabalho seja retirado e reformado, tendo em conta os interesses e os direitos da classe operária.



QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

A PIRA

. Eles não devem conhecer-me mas eu sei quem são, e como se chamam. Eles, um casal à roda dos trinta — e ameaçado, como se provará.

Vira-os no cinema, há muitos meses. Cheio de humor, o diálogo do filme. Ela rira. Ele voltara a cabeça, inquisidor, e ela interrompeu logo o riso. Daí a pouco outra gargalhada em cascata, e então ele, brusco, perguntou (ou ameaçou): «Mas o que é isto?». Ela encolheu-se um pouco na cadeira — uma fila adiante, mesmo na nossa frente — e nunca mais reagiu. Não vou dizer que no fim a vi sair muito triste, mas apagada, inexpressiva.

Agora, o encontro no restaurante.

Na mesa deles, quatro ou cinco casais. Ela sentada ao lado do marido e defronte do cunhado, irmão dele, e da cunhada.

E o seu rosto, um rosto que consegue passar despercebido, estava aceso e confirmava que bonita que é, e inteligente.

Também o corpo, cuja juventude e elegância tende (ou «tem ordem») para disfarçar, estava presente nos gestos harmoniosos e discretos. (Como tenho a mania das «fichas» um dia dissera dela «Parece uma menina que dorme. Ah, mas quando ela acordar...»).

Aqui interrompo com um pormenor, para melhor entendimento vosso.

Vivem numa quinta, nos arredores de Lisboa. Ele vem todos os dias para o trabalho mas ela é raro sair de lá. Agora os filhos estão criados, entraram para o liceu, e ela refugia-se a ler. Regar as plantas, fazer uma torta, caiar a adega, são tarefas que duram o tempo que duram, e mais nenhum.

Jantar de restaurante deve parecer-lhe uma festa. Eu observava-a quase com insistência, estava atenta à mesa toda, reconheço. Devo ter-me distraído por momentos porque não percebi que balde de água fria, que olhar de gelo, lhe lançou o marido para que tão de súbito emudecesse, e as luzes se lhe apagassem do rosto claro. Mas daí a pouco emergiu toda, e contou qualquer coisa que fez rir o grupo, e recomeçou a conversa com os cunhados. O marido amuara. E violento agarrou-lhe o braço: «Cala-te!». (Para o irmão: «Esta menina está muito saída da casca!». (Para ela): «Pára lá de te evidenciares, que eu não gosto disso«. O resto calcula-se. A rapariga levantou-se e foi enxugar os olhos ao «toilette».

Ora aquele macho-carcereiro ainda por cima aprecia a companhia de outras mulheres, em geral estrangeiras, com quem o tenho visto dentro do automóvel em inequívocas atenções... (À mulher, **não a deixa** tirar a carta).

Onde, para espanto vosso, falarei de Júlio Verne

—A mulher já quis separar-se, mas há os filhos...

—Se ela soube arregaçar as mangas para caiar a adega, que torne a arregaçá-las para furar a cal desse túmulo onde o marido a emparedou, disse eu com raiva, já na rua, aos amigos que comigo estavam, e tudo tinham ouvido, e comentavam. — Porquê deixar-se emparedar, em nome dos filhos? — Eles não lho agradecerão mais tarde! E, notem, nunca é em nome de um sentimento só que alguém se deixa emparedar. Há mais factores: fraqueza, medo, susto. Chocar os outros, abalar os pais, recomeçar uma vida, dirigir-se a si própria, perder segurança material, preservar o amor dos filhos, explicar-lhes (fazer-lhes sentir) o amor dos pais manifestando-lho sem drama, acima do que entre ambos se estragou — para tal, meus caros, é preciso muito estofo. Coragem para atacar aparar, executar — e ganhar. Mas muitas raparigas o têm conseguido. Umas tentam e perdem, bem sei, mas outras ganham. E quantas vezes sem apoio de ninguém. Absolutamente sós. Esta tem um pai que a adora. É comerciante de porta aberta. Porque não vai ela trabalhar na loja? Dirigi-la, fazer as montras, atender as pessoas, decidir encomendas, comparticipar nos riscos do negócio do pai, que pode tornar-se num patrão razoável, pelo menos no seu primeiro patrão?

. —Assim dito parece tudo fácil... Sabes lá se o pai...

—Isto são só exemplos! Com o balanço agarrei os elementos mais à mão, não entendem? Quem tem de descobrir o caminho é ela!

. —Talvez se realize melhor como vítima...

—Talvez. Há casos. Mas o que vocês não percebem com certeza é o calor que tomei e que, desta vez, pode parecer desproporcionado. Não é. Para além de tudo o que penso, e vocês sabem que assim penso, estava a penitenciar-me por, há dias, ter tomado uma posição menos sincera... e oposta... — Drama em casa da vizinha de uma amiga a quem fora visitar. A rapariga e a mãe entram por ali dentro. Arrepelavam-se ambas. A rapariga correra a casa dos pais, «que bem sabiam do desastre do seu casamento». Queria separar-se. Trouxera a filha e as malas. Despejada a história desses dez anos de insatisfação e sofrimento, eu ouvi-me a pronunciar as palavras que a mãe esperava (quem sabe se a filha, também). — Crises todos os casais têm, então a dos dez anos era uma etapa, deviam portar-se como adultos e mergulharem numa conversa como talvez nunca tivessem tido, analisarem a fundo a situação como se se tratasse de terceiros, falarem, talvez, na presença de um terceiro que não se sentisse emocionalmente envolvido, enfim, calculam agora os olhos arregalados da minha amiga. Fechada a porta do patamar, **deu-me um murro** nas costas e riu... riu-se de mim...

—Que cínicas. Ouve lá, afinal desde quando é que és «feminista»?

. Digo a palavra com todas as aspas e sublinhados. Teu amigo há tantos anos, não consigo situar quando é que tomaste verdadeira consciência da condição da mulher no mundo?

. —E eu, se não sei o dia nem a hora, sei o momento e o lugar. Tinha sete anos, era inverno, fizera os deveres da escola e enterrara-me na poltrona de fundas molas do escritório do meu pai. Haviam-me dado licença para ler todo o Júlio Verne, aí alinhado nas prateleiras mais baixas da estante. Devorara os filhos do capitão Grant, assustara-me com a ilha misteriosa, chorara com o Miguel Strogof, e andava na volta ao mundo em oitenta dias. — Quando chego à passagem em que Phyleas Fogg depara com a jovem indiana prestes a ser queimada na pira **porque o seu marido morrera** e uma mulher não tinha, naquela terra, o direito de continuar viva, morto o marido, recordo-me de como fiquei agitada. O coração batia, forte. A perturbação, contudo, era bem diferente das doces emoções provocadas pelas outras leituras... Nessa noite tive, à mesa com a família, a minha primeira — acesa e longa — discussão acerca da situação da mulher na sociedade...

A pira, essa, lamentavelmente continua para aí erguida — funcionar — com diversos feitios em diversas matérias.

Por PIERRE VIENSSON PONTE Exclusivo «Le Monde»/«DL»

A revolução das férias

Viver livre, sem obrigações, sem preocupações, sem relógico. Saborear plenamente cada instante, cada gesto, o repouso como o esforço e a própria fadiga. Retomar o contacto com a natureza, a familiaridade com os elementos, o peso do tempo, e distinguir o dia da noite. Sentir riqueza de espaço, de beleza, de abundância. Descobrir os outros com simpatia e ligeireza. Cultivar o corpo, descansar o espírito, abandonar-se ao riso. Liberdade, plenitude, saúde, euforia, fraternidade, alegria, festa: não são tudo isto as férias, as «verdadeiras» férias, a «verdadeira» vida?

. Pela sua relativa novidade, pela sua amplitude, por tudo o que contém e revela, a revolução das férias é um fenómeno dos mais curiosos e importantes do nosso tempo. Dos menos bem conhecidos igualmente, porque os estudos consagrados a este décimo segundo mês do ano são raros, muito menos numerosos, proporcionalmente (é óbvio), do que os estudos consagrados aos restante onze meses cinzentos da vida quotidiana.

No entanto, os sociólogos e os filósofos começam a interrogar-se a chave não estará aqui; se as «verdadeiras» férias não prefiguram aquilo que muitos jovens ou menos jovens chamam com um suspiro a «verdadeira» vida. Deveremos procurar neste período de excepção os esquemas dessa civilização dos tempos livres que para amanhã nos anunciam? Ou não se trata pelo contrário senão de uma caricatura ultrajante, uma falsa semelhança insignificante? Louis Armand, em todo o caso, tinha pressentido a questão, quando escrevia há já dez anos: «As férias são um dos fios do mundo moderno. Basta puxar por ele para que todos os problemas da nossa época apareçam uns atrás dos outros».

A esta pergunta, depois de Edgar Morin, Georges Friedmann, Joffre Dumazedier e alguns outros, um jovem sociólogo tenta senão responder-lhe

Continua na pág. 8

DL/GERAL

PORTO

FESTAS DE MIRAGAIA

. . Prosseguem nos dias 16, 23 e 30 deste mês, os festejos comemorativos da passagem do 18.º aniversário do Centro de Recreio Popular da Freguesia de Miragaia, agremiação de actividade cultural, recreativa e de educação física em prol dos seus associados. A sessão solene efectuar-se-á no próximo dia 22, na sua sede, á rua de Tomás Gonzaga, 3. No dia 5 de Outubro haverá um almoço de confraternização.

DIGRESSÃO FOLCLÓRICA

. . O rancho folclórico infantil de Caxaria — Norte, desloca-se no próximo dia 26 á Alemanha Ocidental, onde se exibirá em 29 e 30, durante uma festa organizada por portugueses, espanhóis, alemães e italianos.

Dali, aquele rancho infantil, seguirá para Liége, Bruges, Paris e depois Salamanca e Madrid, cidades onde se exibirá.

ESTATUTO DO TRABALHO NACIONAL

. . Inscreveram-se já vários ranchos folclóricos e bandas de música que participarão no Festival desportivo «Parada dos Campeões», comemorativo do 40.º aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional e que a F. N. A. T. levará a efeito no próximo dia 23, no parque desportivo Salazar, a Ramalde.

ANIVERSÁRIOS DE BOMBEIROS

. . A associação humanitária dos bombeiros voluntários da Areosa, começou a comemorar o 51.º aniversário da sua fundação.

Procedeu-se ao hasteamento da bandeira da associação, no edifício do quartel, cerimónia que teve a presença dos elementos directivos e do corpo activo, bem como de alguns associados.

Na sede, houve uma reunião dos bombeiros com a direcção, seguida de colóquio.

Também os Bombeiros Voluntários de Gondomar vão comemorar os sessenta anos de existência, com várias cerimónias, que se iniciam no próximo dia 16, com o hastear da bandeira, missa solene por acção de graças aos associados, fundadores e bombeiros falecidos, deposição de flores no mausoleu dos bombeiros, desfile de todas as corporações convidadas, e lançamento da primeira pedra para o quinto bloco residencial.

SARAU ARTÍSTICO

. . Na sala de espectáculos da Ala Nun'Alvares de Gondomar, realiza-se no próximo dia 15, pelas 21,30 horas, um sarau artístico, integrado nas «bodas de ouro» da colectividade e no qual participam o orfeão de Matosinhos, com números de poesia e música e o grupo coral da Ala.

FEIRA DA MOEDA

. . Reinicia-se no próximo sábado, a tradicional feira da moeda, que os Bombeiros Voluntários de Leça do Balio vinham efectuando ao terceiro sábado de cada mês. As datas passam a manter-se.

Centro de Aperfeiçoamento Profissional dos Empregados de Escritório

No dia 15 de Outubro p. f., reabrirá o Centro de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, encontrando-se abertas as inscrições, tanto para alunos que já frequentaram o CAP no ano anterior, como para novos.

Os cursos a ministrar serão os de Correspondente e de Contabilidade, com equivalência oficial ao 2.º ciclo dos liceus para efeitos de emprego, e os de Legislação do Trabalho e Previdência Social, Contribuições e Impostos, Estenografia, Mecanografia, Operador de Máquinas de Contabilidade, Dactilografia e de Secretariado.

O funcionamento destes cursos ou de quaisquer outros cujo interesse venha a justificar a sua abertura dependerá do número de inscrições.

Este ano as condições de frequência foram modificadas em relação às do ano anterior, esperando-se com elas alcançar mais amplamente objectivos de interesses gerais dos sócios.

Quaisquer informações serão prestadas na Av. Duque de Loulé, 83-3.º, em Lisboa, das 18.30 às 23 horas, ou pelos telefones n.ºs 4 57 12 e 5 99 93.

COIMBRA

CURSO DE MATEMÁTICA

Com vista aos novos programas de 1.º ano do Curso Complementar do Ensino Liceal, principiou um curso de Matemática no liceu Normal de D. João III, no qual se inscreveram 37 professores oficiais e particulares daquela disciplina.

O referido curso, que termina no sábado, é orientado pela dr.ª Teresa Alice Moura e dr. Marcelino Rodrigues Paiva, funcionando as aulas em dois períodos, das 9 às 12 e 30 e das 15 às 17 e 30.

FERROVIÁRIOS FRANCESES

Encontram-se em Portugal um grupo de ferroviários franceses. Os excursionistas iniciaram a visita ao nosso país, percorrendo todo o Norte. Estiveram ontem em Coimbra, apreciando demoradamente a Universidade e o «Portugal dos Pequeninos», seguindo depois para Tomar, Fátima e Leiria.

Hoje, os ferroviários franceses visitarão a Batalha, Alcobaça, Nazaré e Lisboa, seguindo depois em cruzeiro para a Madeira e Açores.

EXAMES «AD HOC»

Encontram-se afixados no átrio da Escola Técnica Sidónio Pais, as condições e o calendário de exames «ad hoc» para indivíduos com mais de 25 anos e que não possuem habilitações específicas.

Os exames decorrerão neste estabelecimento de ensino.

FESTAS NO DIANTEIRO

Nos próximos dias 16, 17 e 18 realizam-se no Dianteiro, povoação limitrofe de Coimbra, os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora da Lapa.

Do programa fazem parte, além das cerimónias religiosas, provas desportivas, concertos pela Filarmónica Boa Vontade Lorvanense. Um arraial encerra os festejos no dia 18.

LADRÕES «HONESTOS» ASSALTARAM UMA IGREJA PELA SEXTA VEZ

Informa a Polícia Judiciária que, por escalamento da torre do campanário, indivíduos não identificados introduziram-se, esta madrugada, na Igreja de S. Bartolomeu da Charneca, ao Lumiar, tendo causado danos avaliados em dez contos no sacrário e em duas secretárias existentes na sacristia.

Este assalto é o sexto ocorridos nos últimos dois meses o que, segundo o pároco da diocese, um sacerdote de nacionalidade irlandesa, se torna deveras estranho, já que os assaltantes não levaram nada até agora, limitando-se a remexer nas gavetas e no sacrário como se procurassem algum documento ali guardado.

A Judiciária investiga.

PAVILHÕES RECREATIVOS NAS CASAS DO POVO

. Por despacho do Secretário de Estado do Trabalho e Previdência, vão construir-se nos próximos anos, as instalações sociais, integrando todas elas Pavilhões Desportivos-Recreativos, das Casas do Povo de Vale de Vargo, Castro Verde, Mértola, Brinches, Boavista e Moura no distrito de Beja.

Vai constituir-se um Grémio para as salas de jogo

. Sob a presidência do dr. Manuel Telles reuniu-se a Direcção da Corporação dos Espectáculos, em que participaram ainda o vice-presidente Pedro Martins Fernandes e os vogais Jorge Brum do Canto, Giuseppe Bastos, Manuel Martins e o vice-presidente da secção de teatro, Vasco Morgado.

A Direcção apreciou a evolução do contrato colectivo em curso, alusivo às tabelas de remunerações mínimas a praticar pelas empresas distribuidoras e exibidoras de filmes.

Procedeu-se também à análise dos problemas suscitados pela suspensão do Regulamento para a Exploração de Diversões Mecanizadas e pela recente anulação dessa decisão.

A Direcção estudou também, nas suas linhas gerais, o projecto da constituição de um Grémio englobando as empresas concessionárias de jogo.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS

46.048 — 7.200.000$00
23.232 — 720.000$00
24.189 — 270.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PREMIO

46.047 — 32.640$00
46.049 — 32.640$00

PREMIOS DE 24.000$00

617; 1.826; 1.885; 2.533; 2.694; 8.983; 9.740; 15.061; 16.318; 16.343; 16.566; 22.246; 23.952; 26.302; 27.030; 27.129; 32.265; 34.879; 38.675; 38.866; 41.483; 42.897; 43.605; 44.761; 47.205; 47.999.

PREMIOS DE 1.200$00 (CENTENAS)

23.201 a 23.300; 24.101 a 24.200 e 46.001 a 46.100

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 007, 010, 111, 171, 444, 551, 614, 705, 779 ou 912, são contemplados com 1.200$00 em cada bilhete; os numeros cujos dois algarismos finais sejam 00, 04 ou 82 são contemplados com 720$00. Os restantes números cujo ultimo algarismo — terminação — seja 8, têm direito a 480$00, de prémio.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 270 contos do 3.º Prémio Grande foram distribuidos aos Balcões da CASA DA SORTE.

TV — DL/ESPECTÁCULOS

INQUÉRITO—OU QUÊ?

Por MÁRIO CASTRIM

O dia esteve cinzento, mas eu não. A noite corre abafada, nem uma aragem, quasezinha uma noite de Outono. Pouco influi isto em mim. A verdade é que há um programa de televisão, há uma crítica a fazer. Saber como é que é o diabo.

Até porque nem era de televisão, em geral, e da portuguesa, em particular, que eu gostaria de conversar agora. Gostaria, por exemplo, de conversar sobre o futuro, que é só do que vale a pena falar.

Para isto, está mais que visto, não me dá nenhum jeito a rubrica «Motores em Marcha» que tanto tempo queimou na emissão de ontem. Passar minutos e minutos com o tamanho de horas a ver passar automóveis, a ouvir roncar as motonáuticas, a não poder escutar mais nada a não ser o estupor dos motores — imaginem a gracinha. Não, não dá nada. A não ser uma grande fúria e uma grande vontade de fugir. De fugir para o futuro, está visto.

Já diferente poderia ser aquela emissão sobre o problema habitacional do Porto que, segundo parece, está em vias de ficar resolvido.

Ao menos foi o que se depreendeu das palavras do sr. Luis Noronha e Távora e dos números diante dos olhos 8.218 casas feitas, 712 por fazer e mais 1.041 em projecto.

Estas casas destinam-se a substituir as *ilhas* nascidas para albergar a mão-de-obra que acorreu ao Porto ao tempo da sua explosão industrial. Houve projectos, intenções, etc., mas somente a partir de 1957 é que o problema foi atacado a sério. Como? Construindo bairros inteiros, para onde se transferiam os moradores nas «ilhas».

E as suas palavras foram corroboradas pelo depoimento de dois moradores nos bairros da Câmara. Que estão muito contentes. Que estão muito agradecidos.

Ora como se tratava de uma rubrica chamada «Inquérito» seria conveniente procurar outros depoimentos além dos de pessoas interessadas no assunto.

Mentiria se dissesse que as informações prestadas me deixaram tranquilo. Pelo contrário. Muito ficou por esclarecer. Por exemplo: foi dito que, nos 25 núcleos habitacionais da Câmara, houve até agora o abandono das casas por 124 famílias (por motivo de emigração) oito despejos e quatro expulsões por castigo.

Nada se disse sobre as expulsões e os despejos. Mas, ao mesmo tempo que o eng.º Noronha e Távora nos afirmava não haver sido tomada em consideração, para efeitos da atribuição das casas, a situação legal, dos casais, também se afirma que a Câmara exerce uma certa vigilância sobre o comportamento moral dos seus inquilinos.

Foi, pois, um inquérito sem discussão, sem contraste de opiniões. A reportagem também pareceu não lhe dar muita importância, tão abruptamente terminou, tão seguido de anúncios que, por momentos, se julgou que os anúncios eram prolongamento do *«Inquérito»*.

Octávio Mouret: uma vista de olhos atenta sobre a selva que dá pelo nome de sociedade mercantilista. Sociedade onde nada mais conta a não ser o dinheiro. Onde, perante o dinheiro, todos os sentimentos se dobram e se submetem.

A sociedade retratada por Emilio Zola segue implacavelmente o seu caminho, resolvida a devorar tudo quanto se atravesse na sua frente. Zola não se deixa levar pelas aparências, pelas palavras bonitas. O mérito de Zola, ao romancear «casos» pessoais, é alargar a nossa visão do mundo, é solicitar a nossa própria análise, o nosso esforço de compreensão do mundo que nos cerca.

Era do futuro que eu gostava de ficar para aqui a conversar, hoje.

A CARTA DA SEMANA

Mário Castrim:

Leitor assíduo do «Canal da Crítica» secção que, aliás, muito aprecio (embora nem sempre esteja de acordo) pela clareza das afirmações nela contidas e pela maneira frontal e objectiva como se coloca perante os mais diversos problemas, ocorre-me hoje escrever-lhe na tentativa de esclarecer uma crítica.

Apenas ontem me chegou às mãos a s/ crítica a um programa de televisão (que nunca ou só por acaso vejo) que se chama «MOMENTO DESPORTIVO». Refiro-me ao Diário de Lisboa de 17 de Julho passado, que me foi gentilmente enviado por um amigo e grande camarada nas lides do alpinismo.

Como acima disse, não vi esse programa; no entanto ocorre-me corrigir o que li na s/crítica: UMA CORDA não pode nunca custar vinte contos!!! a menos que tenha no interior alguns fios de ouro para a tornar mais atraente. Uma boa corda de alpinismo não custará, já pelo caro, mais de mil escudos. Falo de cordas de fabrico nacional. No entanto, devo acrescentar que uma corda de 40 mts. (comprimento ideal para uma corda de escalada) de fabrico suíço marca MAMMUT DYNAMIC c/ 9 mm. de diametro e uma carga de ruptura de 1050 kg custa na origem, em qualquer loja especializada, cerca de Fr. S. 120,00. Mesmo em Espanha estas mesmas cordas custam cerca de 2.650,00 pts. Diga-se ainda que estas cordas estão de acordo com todas as normas de segurança estabelecidas pela U.I.A.A. (Union Intern. des Associations d' Alpinisme). Considerando direitos de importação, ainda que elevados, facilmente se chega a uma estimativa de preços bastante longe dos vinte mil escudos citados. No que respeita ao restante material (pitões, mosquetões, estribos, etc.) a dificuldade não está no preço mas sim na total ou quase total impossibilidade de o encontrar no mercado nacional.

Considerando o aspecto desportivo ocorre-me também corrigir que a altitude, embora seja um factor importante, principalmente acima dos 4000 mts., não é o principal, pois que as características da rocha, a sua maior ou menor verticalidade, a existência ou não de tectos ou sub-prumos, etc., a maior ou menor quantidades de pontos de apoio (presas), a necessidade de recorrer por vezes ao que se chama escalada artificial ou à dupla corda por meio de colocação de pitons na parede, são factores bem mais relevantes.

Por isto se verifica que *a falta de altas montanhas* em Portugal, não significa *a falta de montanhas para fazer alpinismo*. A título de exemplo cito-lhe alguns picos ou cabeços nessa maravilhosa serra que é o Gerês (para mim o verdadeiro santuário do alpinista em Portugal e não a Estrela como muito boa gente pretende) que são autênticos bicos de obra para qualquer alpinista experimentado (não, possivelmente, para monitores): Pé do Cabril, Cantarêlo, Pé do Medelo, Cabeço de Alva, Cornos da Fonte Fria, etc. Posso ainda acrescentar que nos arredores do Porto há algumas pequenas (ou baixas) montanhas com paredes verdadeiramente impressionantes e com dificuldades de elevado grau.

Ainda a propósito de altitudes ocorre-me citar uma observação do guia suíço e meu companheiro de algumas actividades (infelizmente poucas) Adolf Schaller, nome grande do alpinismo, (acrescento que há já alguns anos sou sócio efectivo do Clube Alpino Suíço que me dizia achar menos difícil de escalar o CERVINO com os seus quase 4.500 mts.

Continua na pág. 8

Prensas horizontais para o fabrico do vinho

Promovido pela Societé des Constructions Mécaniques Chalonnaises e pela Agro Vitivinícola de São Jorge, sua representante em Portugal, realizou-se na FIL um colóquio enológico tendo por tema a qualidade pela pressão e a qualidade dos mostos. A Societe des Constructions Mecaniques Chalonnaises, fabricante das prensas horizontais VASLIN, tem uma produção anual de 3.300 unidades, 40 por cento dos quais destinados à exportação. O método por pressão horizontal das uvas, permite uma melhor qualidade do vinho, sendo este método utilizado por algumas grandes marcas mundiais. Em Portugal, existem presentemente, laborando nas vindimas de 1973, 444 pressores, o que faz do nosso País um dos maiores clientes europeus. Em Novembro realiza-se pela 1.ª vez em Portugal, um congresso internacional a que já aderiram a Itália (1.º cliente mundial) Alemanha, Áustria, Espanha, Suíça USA, Argentina e outros.

CARREGUE NO BOTÃO DUMA 191...
E... PENSE NO PREÇO DA FOTOCÓPIA

COMPLETAMENTE AUTOMÁTICA
SISTEMA DUPLEX (frente e verso)
CORTE EM FUNÇÃO DO ORIGINAL
• ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA •

CONSULTE-NOS!

MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.
R. do Conde de Redondo, 98-102 — Tel. 53 55 36 - 53 66 09/20
LISBOA - 1
Alameda Eça de Queirós, 82 r/c — Tel. 49 81 04 — PORTO

Nome .....
Companhia .....
Morada .....
Telefone .....

Envie-nos este cupão.
Será visitado por um dos nossos Vendedores para uma demonstração gratuita e sem compromisso.

3M NOVA GERAÇÃO DE FOTOCOPIADORAS 3M

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA — LAURO ANTÓNIO

COM OS OLHOS TORTOS... DE MAUS FILMES

Título: NÃO METAS ÁGUA (Don7t Drink the Water)
Realização: Howard Morris, 1972 (EUA)
intérpretes: Jackie Gleason, Estelle Parsons, Ted Bessel, Joan Constantine, etc...
Distribuição: Doperfime;
Estreia: Cinema Alvalade (4.9.1973)

Título: O SELO DOURADO (Penny Gold)
Realização: Jack Cardiff, 1973 (Inglaterra)
Intérpretes: James Both, Brancesca Annis, Ucky Henson, Joss Ackland, Una Stubbs, etc
Distribuição: Rank Filmes;
Estreia: Cinema S. Jorge (7.9.1973)

Título: CUIDADO COM AS CURVAS (Mutiny on the Buses)
Realização: Harry Booth, 1973 (Inglaterra)
Intérpretes: Reg Varney, Doris Hare, Bob Grant, Anna Karen, Michael Robbins, etc...
Distribuição: Filmes Lusomundo;
Estreia: Cinema Tivoli (7.9.1973)

Título: COM OS OLHOS TORTOS DE MEDO (Il Terrore Con Gli Occhi Storti)
Realização: Steno, 1972 (Itália)
Intérpretes: Eurico Montesano, Alighiero Noschese, Isabella Biagini, etc...
Distribuição: Distribuidores Reunidos;
Estreia: Cinema Eden (7.9.1973)

Título: O ETRUSCO VOLTA A ATACAR (The Etruscan Kills Again)
Realização: Armando Crispino, 1972 (Itália)
Intérpretes: Alex Cord, Nadja Tiller, Samantha Eggar, John Marley, etc...
Distribuição:
Estreia: Cinema Eden (1.9.1973)

Título: PIPPI DAS MEIAS ALTAS
Realização: Olle Hellbom, 1973 (Suécia)
Distribuição: Talma Filmes;
Estreia: Cinema Roma (só nas sessões das 18.30h) (8.9.1973)

Um pouco mais de uma semana em Amesterdão (onde vimos muitos e muitos filmes, de que daremos notícia proximamente) obrigaram-nos a adiar por alguns dias a saída de referências críticas aos filmes estreados em Lisboa, durante a passada semana. Agora que, com ggande sacrifício (não por serem muitos, mas por serem bastante medíocres, sobretudo em relação ao que vimos lá por fora conseguimos pôr em dia a «escrita», aqui fica o que dessa azáfama resultou.

Não Metas Água, de Howard Morris, parte de um argumento de R.S. Alen e Harvey Bullock que, por sua vez, adapta ao cinema uma peça de teatro de Woody Allen (de quem vimos **Everything you Always Wanted to Know About Sex but were Afraid to Ask**, de que faleremos depois, mas que , para já, nos desiludiu um tanto ou quanto). Com realização de Howard Morris, e interpretação de dois actores notáveis (Jackie Gleason e Estelle Parsons), **Não Metas Água** fala-nos do encontro de uma família americana com uma realidade «para lé da cortina de ferro». É óbvio que, de um lado, se coloca a ingenuidade quase estupida do americano médio e , do outro, não pode deixar de se descobrir uma certo maquiavelismo, ainda que tudo isto esteja toldado por uma amenidade que nada tem já a ver com o clima de guerra fria dos anos 50. De qualquer forma, o peça de Woody Allen deve ser relativamente desinteressante e a realização de Howard Morris mais aborrecida a torna ainda. Salvam-se, apesar de tudo, as composições de Gleason e Parsons.

O Selo Dourado, de Jack Cardiff, não sendo uma obra importante, demonstra mais uma vez (se necessário fosse) que o cinema inglês possui uma enorme segurança não só artesanal, como até de estilo. Quando os estúdios ingleses enviam para o exterior um filme policial raro é o caso onde se pode diagnosticar um completo falhanço. Esse tipo de filme procura entreter o público, durante duas horas, mercê de um caso qualquer onde a investigação lógica e o **suspense** se conjugam para agarrar o espectador e «obrigá-lo» a não mais deixar de seguir o desenrolar da sua intriga. Nisto os ingleses são eficientes e sólidos. O **Selo Dourado** é mais um exemplo. É certo também, que nada disto tem a ver com um cinema de discussão de ideias que cumpre incentivar; mas também não é com filmes como o **Selo Dourado** que se avilta a inteligência e a sensibilidade do público. Donde...

A inteligência e a sensibilidade do público começam, porém, já a ser aviltadas com obras como **Cuidado com as Curvas** (Mutiny on the buses), de Harry Booth (comédia do estilo **Com Jeito Vai...**, que se segue ao êxito de **Curvas na Zona**) **Com os Olhos Tortos de Medo**, de Steno (Comédia italiana, de desencabrestado humor com, uma nova dupla de cómicos transalpinos: Enrico Montesano e Alighiero Nosghese, os mesmos que uma semana atrás haviamos visto em **Eu Não Vejo, Tu Não Falas, Ele Nao Ouve)** ou **O Etrusco Volta a Atacar**, de Armando Crispino (policial igualmente italiano, que procura desvendar o mistério de uma série de crimes em que se vê envolvida um maestro e a sua família, um arqueólogo, um coreografo, e várias mulheres, tudo quanto basta para preparar a receita e oferecê-la em «banho maria».

Finalmente, às 18.30 h, no cinema Roma, passou a ser projectada uma nova película «**para crianças**». Trata-se da primeira fita sobre a figura de **Pipi das Meias Altas**, célebre personagem da televisão e das «bandas desenhadas». Pois **Pippi**, a das Meias Altas, é, efectivamente, uma personagem sedutora e o filme do sueco Olle Hellbom merece a visita das crianças de Lisboa. Apologia da alegria, do humor, da invenção, da aventura (numa dimensão autêntica a sadia), **Pippi das Meias Altas** é filme a recomendar.

"INSTINTO DE MATAR"

Um novopolicial de Colin realizado por Denys de la Patelliere

«Sou um urso velho, gosto de trabalhar com as pessoas que conheço»...

O comissário Gabin, mais Gabin que nunca, «cerca o assassino» em Vallon-des-Auffes.

O tema, os actores... o sucesso...

«O que é o cinema para mim? Oh, para já é menos duro que o trapézio voador» diz Jean Gabin, **«sem contudo deixar de ser um trabalho sério; e só sei trabalhar com pessoas que conheço bem e que se ajustem a mim!»**

— Não gostaria de trabalhar com realizadores jovens?

— **«Sou um urso velho, e só trabalho com as pessoas que conheço e que se acomodam aos meus defeitos. Aliás os jovens realizadores também não pensam em mim. Sabe, as equipas com quem habitualmente trabalho chamam-me «o velho», o «ancestral» o que não é nada pejorativo, pelo contrário, é uma gentileza, isto quer dizer também que já estou há muito tempo no «ofício» e que conheço um pouco a música...»**

— Como escolhe os filmes que interpreta?

«Na origem basta-me um bom tema e actores que saibam trabalhar. Isto não quer dizer que não me engane por vezes quanto ao sucesso do filme. «Le Chat» (O Gato) por exemplo, é um filme magnífico e no entanto não obteve o êxito que se esperava».

— Depois de Carné, Gabin mantém-se fiel a um certo estilo...

«Não só Carné como Grémillon, Renoir, Duvivier, eram mais do que realizadores, era uma escola».

O rosto de Gabin torna-se de repente sério e enternecido. **«Sim, uma verdadeira escola»** sublinha.

«E no entanto, «Le Jour se Lève», esse grande clássico, hoje unanimemente considerado como tal, na época não obteve sucesso».

Gabin pensa com filosofia que os actores passam depressa e que depressa são esquecidos. Talma, Lucien, Guitry, era antigamente. Com o cinema, talvez de vinte em vinte anos, se possa recordar os rostos dos actores, quem sabe?

UM CHEFE DE ORQUESTRA DIRIGINDO OISTRAKH

Denys de la Patellière, escreveu, pela primeira vez, o argumento e os diálogos (com Pascal Jardin) de «Instinto de Matar» — Le Tueur — de que também é realizador. **«É um filme de acção construído sobre oposições. Oposição entre duas concepções da polícia: a de Gabin que é um polícia clássico com os métodos habituais, e a de Bernard Blier que encarna o grande director da Polícia Judiciária, o superior de Gabin.**

Oposição também entre dois solitários: o comissário, (Gabin), e o próprio assassino que tenta tirar-se de apuros sem ajuda de ninguém.

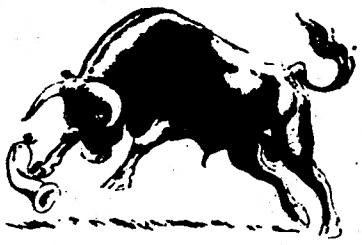
Este personagem de adjunto, não é o que Gabin normalmente interpreta nos seus filmes; quase sempre ele é «o patrão». Foi propositadamente que lhe dei um papel de subordinado».

— Como é que Gabin é dirigido?

É como um chefe de orquestra dirigindo Oistrakh. Não se lhe pode ensinar a tocar violino! É muito fácil trabalhar com um grande actor».

E claro está, Gabin intervém: **«O grande actor não existe; contentemo-nos em ser bons profissionais. Aliás, um actor, não passa à posteridade. Um pintor, sim, mas um actor... Quem se lembra de Talma, de Lucien Guitry?».**

M/ 6 ANOS



PRAÇA DE TOIROS DA NAZARÉ

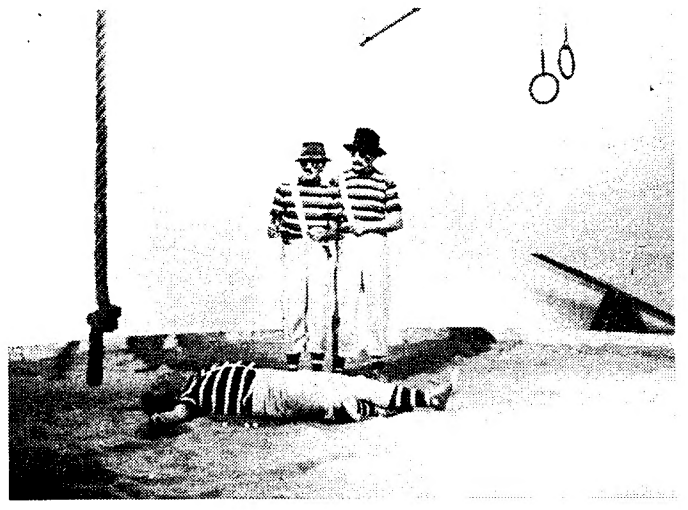
Sexta-feira, 14 — Sábado, 15 — Domingo, 16, às 17 horas (5 da tarde)

Por ocasião das tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Nazaré

AMANHÃ
Cavaleiros:
MESTRE BAPTISTA — FERNANDO A. SALGUEIRO
Espadas:
JOSÉ JÚLIO — FERNANDO DOS SANTOS
Forcados: **Amadores de Lisboa**
8 Toiros de: **Maria Manuela A. Salgueiro e João Moura**

SÁBADO
Grande Corrida à Portuguesa
Cavaleiros:
JOSÉ MALDONADO CORTES — LUIZ MIGUEL DA VEIGA e GUSTAVO ZENKL
Forcados: **Amadores de Lisboa**
6 Toiros de: **Sociedade Agro-Pecuária do Vale do Sado**

DOMINGO
Cavaleiros: os extraordinários Amadores que tanto êxito obtiveram nesta praça no passado dia 21 de Julho
NÉLITO SANTANA — JOÃO MOURA — BRITO LIMPO — ANTÓNIO BRITO PAIS — JOSÉ VARELA CRUJO e MANUEL JORGE
Forcados: **Amadores da Azambuja**
5 Novilhos do **Dr. Ortigão Costa**



VOLTAIRE APRECIARIA O "CÂNDIDO" DE LUZIA

«O escritor que obedeceu sempre a um único sistema: o de odiar todos os sistemas» — assim definiu Voltaire o famoso ensaísta francês Roland Barthes.

«CÂNDIDO», em que Voltaire revela a sua irreverência perante tudo, ou quase tudo — desde a literatura aos sistemas políticos — surge-nos, na adaptação agora em cena no Teatro Vasco Santana, numa demonstração evidente da definição de Barthes. Encenada por Luzia Maria MArtins e interpretada por Helena Félix, António Montez, Ana Paula Benjamim Falcão, Cremilda Gil, Josè Tavares, Ermelinda Duarte e Carlos Fonseca (ordem de entrada em cena), esta adaptação de «CÂNDIDO» constitui um dos melhores espectáculos realizados pela Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa. A crítica enalteceu-o. O público concorda.

Nós recomenda-mo-lo.

CINEMA NO MUNDO

NOVO FILME DE AUDIARD

Miche Audiard vai começar em Novembro a rodagem de um filme extraído de um romance intitulado «Voulez-Vous Tuer avec Moi?», cujo desempenho principal foi entregue a Jean Carmet. A película refere-se ao processo de actuação de um homem que alcança sempre os seus fins, por vezes pouco recomendáveis, ao mesmo tempo que procede de modo a levar os outros a apiedarem-se dele.

MILLER

O produtor Edgar Lansbury, que se tornou conhecido pelo seu trabalho em «Godspell» e «Gipsy», vai filmar para a televisão a peça de Arthur Miller «After the Fall», cuja adaptação para o cinema foi feita pelo próprio Arthur Miller em 1964.

SCHELL

Vai ser estreada em Bona a película de Constantin «Fussgaenger», dirigida por Maximilian Schell. O filme, que é interpretado por Gustav Rudolf Sellner, relata a transformação de um magnate industrial num modesto peão.

CÓLERA

A epidemia de cólera que se fez sentir fortemente na região de Nápoles, foi o motivo do adiamento de dois festivais cinematográficos, «O Prémio Angelo Rizzoli» e «Os Encontros Internacionais de Sorrento».

«VIDA DUPLA»

Sérgio Gobbi vai retomar a sua actividade no cinema com as filmagens de «La Fausse Maitresse», décimo terceiro filme do realizador. A película, que tem carácter cómico, procura ao mesmo tempo fazer uma crítica à vida dupla do protagonista, que ama duas mulheres, sendo o papel de mulher legítima interpretado por Virna Lise.

Depois de acabar a rodagem deste filme, Sérgio Gobbi vai iniciar «Anne et Danielle», que terá a colaboração de Patrick Jamin.

«LUCKY LUCIANO»

O realizador Francesco Rosi está a preparar um filme sobre Lucky Luciano, embora afirmando que não se tatará de uma biografia de Luciano, uma das principais figuras da Mafia nos Estados Unidos. A película debruça-se, pelo contrário, sobre as relações entre o poder legal e o poder da Mafia.

ORA DIGA-NOS

Segue as normas preventivas aconselhadas contra a cólera?

..A cólera regressou à Europa passados uns escassos anos, ou então nunca de cá saiu. Desta feita, foi outra península que sofreu as consequências da epidemia, e a bela cidade de Nápoles, em Itália, viu-se atingida com o flagelo, recuando alguns séculos na história, quando as epidemias de cólera eram frequentes e devastadoras.

Também o nosso País, juntamente com a Espanha, travou conhecimento, ainda recentemente, com o surto epidémico, razão por que a Direcção-Geral de Saúde, prevendo consequências funestas, deu a conhecimento do público as normas preventivas para evitar a doença. Para além de enunciar todas as normas essenciais de higiene a D. G. Saúde recomendava o cumprimento rigoroso das regras de higiene pessoal, tais como lavagem cuidadosa das mãos antes de comer e de preparar alimentos, e depois de se utilizarem as instalações sanitárias, e por último especificava que a prevenção da cólera e de outras doenças com epidemiologia similar depende mais do saneamento básico do ambiente (águas de abastecimento, esgotos e lixos) e da colaboração consciente da população, do que de medidas específicas contra estas doenças.

Simplesmente a contrariar toda a elucidação da Direcção-Geral de Saúde, algumas das zonas mais populosas do País foram afectadas por uma persistente falta de água, o que invalidou imediatamente algumas das normas preventivas aconselhadas. Paralelamente, as condições de saneamento básico do ambiente em alguns locais limítrofes da capital e mais além, por todo esse país, deixam bastante a desejar. Restava, pois, a colaboração consciente da população; saber até que ponto era receptiva às normas aconselháveis como prevenção da doença, como procedia, se tinha conhecimento do esclarecimento da Direcção-Geral de Saúde?

Anita Fialho

Augusto de Almeida

Armindo Martins

Rui Castro

Fernanda Camacho

..E saímos em busca da opinião das pessoas. Fernanda de Sousa Camacho, 27 anos de idade, em tempos empregada mas agora na situação de doméstica, disse-nos, quando procurámos saber se seguia as normas de higiene preventivas aconselhadas ao público.

— Sigo o máximo de eficácia nesse aspecto. Têm-me assustado as notícias da cólera no estrangeiro mas sabendo que se estão a tomar medidas preventivas fico mais descansada. No entanto, se houvesse aqui um caso de cólera era mais sério.

Despreocupado, em camisola interior, Augusto Lencastre de Almeida, motorista de turismo, dedicava-se à faina de consertar o farol de um automóvel. E foi de chave de parafusos na mão que nos respondeu:

— Eu não sigo porque ainda ninguém me apoquentou nesse assunto. Mas, como trabalho no turismo, tão depressa estou em Espanha, como na França ou em Itália e é provável que seja obrigado a vacinar-me se for para lá.

Argumentámos que a vacina seria uma última solução, antes tornava-se necessário todo um outro tipo de prevenção e quisemos saber se não teria lido o comunicado da D. G. S..

— Li todas as notícias — e continuou na sua — mas como ninguém me obrigou a ir vacinar, não fui.

..Anita Fialho, 21 anos e escriturária, não lê habitualmente os jornais, e os que lê, muitas vezes, é pelos anúncios. Por isso, não estava completamente a par das normas aconselhadas, mas depois de alguns esclarecimentos garantiu:

— A falta de higiene é impossível!

..E quando perguntámos se tinha receio da cólera a reacção não se fez esperar:

— Bastante! Tenho medo de morrer. Viver é tão bom!

..Dobrado sobre o passeio, Armindo José Martins, 49 anos de idade, reconstituía o empedrado por onde todos os dias as pessoas galgam, indiferentes, os seus afazeres. Em contacto directo com a terra, as normas de higiene tornam-se mais prementes para as pessoas que, como ele, efectuam trabalhos deste tipo.

— Eu não sigo porque não tenho feito tratamento.

Elucidámos que não era preciso, por enquanto, tratamento, simplesmente se tratava de... e fizémos a explicação completa da maneira corrente como proceder a fim de evitar a contaminação da cólera.

— Não sei, mas tenho visto na televisão que tenho em casa. E continuou — **Para a cólera não sei. A cólera é uma coisa que anda na Itália ou qualquer coisa assim.**

— Não sei quais são. — respondeu-nos Rui Castro, 25 anos, de naturalidade brasileira e radicado no nosso país na qualidade de redactor de uma publicação, quando inquirimos se seguia as normas aconselhadas pela D. G. Saúde em relação à cólera.

Perante a nossa interrogação, apressou-se a esclarecer:

— Não! Não vi nada publicado. Acho que a campanha devia ser melhor organizada, pois o leitor comum nem sempre toma contacto com esse tipo de informação.

TELEJORNAL

NO MONTE DA VIRGEM

..O Telejornal Regional do Norte, que passará a ser transmitido dos estúdios da R.T.P. do emissor do Monte da Virgem (Gaia) é inaugurado no próximo domingo, às 18 horas,

RADICAL

MARGA

O oftalmologista fará muito pelos seus olhos...

...MARGA OCULISTA fará o resto!

FORNECEDOR DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA.

OCULISTA MARGA | AV. DUQUE DE LOULÉ, 97-1º LISBOA | TEL. 55 38 49

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Escola de Enfermagem do Doutor Ângelo da Fonseca

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mantém-se abertas as matrículas nesta Escola até ao dia 15 de Setembro para os Cursos de Enfermagem:

— Geral
— Promoção de Auxiliares de Enfermagem a Enfermeiros
— Auxiliares de Enfermagem

Estes três cursos podem ser frequentados por ambos os sexos.

A idade é a partir dos 16 anos.

São concedidas bolsas de estudo de 1500$00, 1250$00 e 750$00, além de outras regalias.

A Escola possui confortáveis e acolhedores Lares para as alunas, em locais agradáveis e muito próximos dos campos de estágio, e onde funciona presentemente uma bem apetrechada biblioteca de apoio ao ensino dos alunos.

As aulas começam no dia 1 de Outubro.

CRUZEIROS NO "FUNCHAL"

- TOTALMENTE REMODELADO!
- CLASSE ÚNICA A BORDO!
- SERVIÇO DE 1.ª CLASSE!

MADEIRA - AÇORES MARROCOS - CANÁRIAS

O MAIOR SÉRIE DE CRUZEIROS NO MELHOR PAQUETE PORTUGUÊS!

Partidas de LISBOA:

19/6 - 3, 17 e 31/7 - 11 e 28/8 11 e 25/9 - 9 e 23/10

9 DIAS DESDE 6550$

Programas e Inscrições:

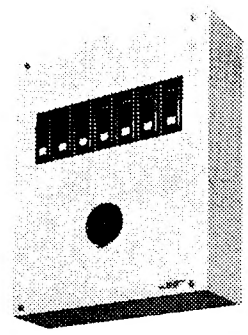
abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011 27012

QUADROS NORMALIZADOS

PARA APARTAMENTOS



METÁLICOS COM DISJUNTORES AUTOMÁTICOS

JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

viagens IT

PARA AS SUAS FÉRIAS OU VIAGENS DE NEGÓCIOS

Partidas de avião, durante todo o ano, de Lisboa, Porto, Faro, Funchal.

VIAGENS DE 7 DIAS (diárias)
VIAGENS DE FIM DE SEMANA (4 dias) partidas semanais.

?

OS NOSSOS PROGRAMAS ABRANGEM OS MAIS VARIADOS DESTINOS E ITINERÁRIOS, PARA QUALQUER CIDADE DO MUNDO.

Acomodação em bons Hotéis, com pequeno almoço.
VISITAS DE CIDADE.

PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA

VIAJE SUAVEMENTE COM O CHEQUE STAR

STAR

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO

Rua Dr. António Bernardino de Almeida

PORTO

Telefone: 484077

Continuam abertas as inscrições nos cursos de enfermagem, até ao dia 15.

DL/GERAL

ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA

A obrigatoriedade da frequência do ensino primário e do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, por parte dos menores, de ambos os sexos, que perfaçam sete anos de idade até ao próximo dia 31 de Dezembro e não tenham excedido os 12 até essa data, não é, possivelmente, do conhecimento de todos os encarregados de educação. E, no entanto, a falta de cumprimento de tal disposição legal é passível de sanções aos seus responsáveis.

Parece, pois, oportuno lembrar que o prazo normal das matrículas no ensino primário decorre de 1 a 7 de Outubro. Segundo a legislação em vigor, os menores sujeitos à obrigação da frequência escolar de seis anos, que forem encontrados por agentes da autoridade em qualquer lugar público, dentro das horas lectivas, sem motivo legítimo, serão conduzidos imediatamente à sua escola ou, não estando matriculados, à escola oficial mais próxima, cumprindo neste caso ao professor providenciar sobre a regularização da sua situação.

Em circunstâncias a apreciar para cada caso, também pode ser autorizada a matrícula na primeira classe dos menores que completem sete anos até ao próximo dia 8; assim como a matrícula, mas só no ensino oficial e exceptuadas as escolas de frequência mista, dos menores que não tenham completado 14 anos também até ao dia 8.

Como se sabe, além da quarta classe, são obrigatórios mais dois anos de escolaridade, que podem ser realizados através do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário.

ACARTA DA SEMANA

Continuação da pag. 5

de altitude do que determinada parece nos arredores de Zermatt que pouco mais teria do que 400 mts.

Temos ainda em Portugal, pelas mais diversas razões, um elemento adverso ao alpinismo: a opinião pública. Embora pouca importância tenha tido na minha formação desportiva o certo é que, ao longo de 21 anos de prática desportiva, (comecei aos 14) tenho sido apelidado de tudo, desde cigano a maluquinho desde foragido da cadeia a emigrante clandestino e outras coisas por aí fora...

Queria ainda lembrar que em Portugal existe (embora com pouca ou nenhuma actividade desportiva por razões que agora desconheço) um clube dedicado à prática deste desporto que tem nome CLUBE NACIONAL DE MONTANHISMO e cuja sede se situa na cidade do Porto.

Termino pedindo-lhe desculpa pelo tempo que lhe fiz perder e ao mesmo tempo, se algum dia lhe acontecer vir ao norte e quiser ter uma visão um pouco mais sugestiva e real do que são algumas montanhas em Portugal, terei imenso gosto em lhe proporcionar uma actividade desportiva em plena serra do Gerês.

Colocando-me à sua inteira disposição para qualquer esclarecimento que julgue oportuno ou qualquer explicação de que necessite neste campo, aproveito para lhe apresentar os meus melhores cumprimentos.

EUGÉNIO FERNANDO RIETSCH MONTEIRO

A REVOLUÇÃO DAS FÉRIAS

Continuação da pag. 3

completamente, pelo menos explorá-la nos seus diversos aspectos. Alain Laurent tomou como tema da sua tese de doutoramento os clubes de férias. Procurou situá-los na nossa sociedade, desvelar a imagem que oferecem, apreciar a sua realidade e a sua aparência — enfim, ir além dessa imagem, dessa realidade, dessa aparência.

O seu estudo é apaixonante porque o autor não se conduz nem como teórico nem como partidário. Animador cultural desde os vinte anos(e durante oito) nos centros de férias de um movimento de turismo social, abordou os clubes, objecto da sua investigação, sem confiar em qualquer ideia preconcebida e com a decisão de julgar factos e não legendas ou rótulos. E pena somente que tenha limitado o seu campo de observação a uma única «aldeia» da organização que dispõe de um quase monopólio e que foi a que levou mais longe do que qualquer outra a isentificação entre o mito e a instituição.

E é talvez discutível também que a sua escolha tenha recaído sobre um dos mais antigos centros, instalado em Cefalu, na Sicília, já estudado por Edgar Morin, que apresenta — é certo — particularidades interessantes, mas não é talvez o exemplar mais representativo das instalações e implantações actuais.

Não pormenorizemos, tanto mais que Alain Laurent completou o seu inquérito com tudo o que já fora publicado sobre o mesmoassunto. E depois, ele sabe multiplicar as fórmulas felizes — por exemplo, a que serve de título a esta minha crónica —, as citações oportunas, como a de Louis Armand, que acima reproduzi. Procuremos então nestas páginas qual é o juízo de um espírito livre sobre um dos aspectos, mais novos e mais audaciosos, da revolução das férias.

Segundo o nosso sociólogo, a existência oferecida nestas «aldeias» é a imagem levada tão longe quanto possível da vida invertida e da infância reencontrada, é a utopia concreta. A vida invertida, porque tudo é jogo, nada compromete nada, tudo é gratuito e levremente acessível (depois do pagamento inicial de acesso à aldeia, muitas vezes feito à custa de dívidas perante as instituições de crédito). Bom selvagem em tanga, grande desportista com sapatos de borracha, «playboy» ou mulher fatal, trata-se de, durante um período de tempo privilegiado, fazer tudo aquilo com que apenas se sonha na vida normal, de se representar o que se não é e a não ser o que se é. A infância recuperada, ou a regressão infantil, revelam-se no abandono total à organização-mãe que tudo previu, que tudo regula para assegurar o sossego e a beatitude num universo tranquilizante e não-repressivo. Trata-se de reaver uma relação alegre e infantil com o mundo, com os outros, consigo próprio.

Então? Trata-se de uma felicidade de confecção, de uma beatitude sabiamente fabricada e artificial? E certo que a utopia concreta é cuidadosamente encenada. Mas apesar de tudo há mais possibilidades de realização, pensa o autor do inquérito, aqui numa «aldeia» do que no parque de campismo de Saint-Tropez, no hotel La Baule ou em casa do tio de Issoudun. As férias tornam-se um objecto de consumo, entregue pronto e completo, pronto a arrancar, com um ambiente garantido e prévio à entrada.

O nosso autor explora aquilo a que chama a «ideologia hedonista-consumidora» do clube. Esta procede de um mito, de uma «mitologia neo-rousseauista e pseudo-hippy». Desmonta os mecanismos da publicidade, que se esforça antes de mais por provocar o desejo de «verdadeiras» férias, opondo à vida urbana de todos os dias, depreciada e deprimente, imagens de evasão, de sol e de mar — ou de montanha —, a calma, o mergulho na «naturalidade», a integração no grupo. Num segundo tempo, é necessário canalizar os apetites assim despertados, responder às hesitações, ou à repulsa que chega a suscitar a ideia de prazer colectivo, tranformar a apreensão em atracção. Grande arte.

Nas «aldeias», princípios de organização maduramente pensados e reflectidos e sistematicamente aplicados lançam para o exterior tudo o que evoca o trabalho e os serviços, cozinhas ou escritórios e mesmo os parques de estacionamento automóvel. Assim, a vida pode desenvolver-se em torno de três centros: o centro «lúdico» (o conjunto, bar, piscina, pista de dança); o complexo desportivo (zona litoral e instalações fixas) e o «forum» dos contactos sociais «auditorium». Não há atropelos: a afixação dos horários assegura uma autoregulação entre os três tipos de participantes recenseados pelo sociólogo: o «activista desportivo» que veio pela vela, pelo banho, pela equitação; o «activista fruidor» que quer desconprimir-se, «divertir-se»; o «turista» que se deixa ir vivendo fazendo ou não fazendo um pouco de tudo.

E necessário reunir toda esta gente que já um recrutamento essencialmente urbano, um nível económico bastante equilibrado, uma escolha comum e portanto reacções relativamente idênticas, aproximaram naturalmente. Isto será feito através dos ritos como o da chegadas e partidas, importantes e frequentes, nesta sociedade em constante movimento; um vocabulário algo pueril, em que as pessoas «devem» tratar-se por tu, revelarem apenas entre si os nomes próprios e não trazerem dinheiro a não ser sob a forma de fichas de bar; encontros forçados, por exemplo no restaurante, onde o hábito de mesas para oito pessoas dá lugar à formação de grupos — como nos colégios e nas casernas — e força a comunicação. Em suma, é toda a vida autónoma de um mundo fechado, poderoso factor de coesão, a ser organizada à falta de um espírito de clube, muitas vezes invocado e nunca definido. E assim se procura assegurar esse produto-milagre, estritamente indefinível e, no entanto, constantemente exigido, que os fanáticos — por que os há — chamam o «ambiente».

Seria necessário analisar, descrever em pormenor o porquê e o como deste extraordinário dispositivo. Seria necessário explorar mais profundamente, para além do que está dito, tudo o que é calado e, em particular, a importância exacta do mito erótico, assunto tabu na publicidade e cuidadosamente elidido nas conversas e, no entanto, constantemente procurado e generalizado com a maior intensidade, segundo Laurent. Deveríamos também interrogar-nos sobre o duplo rosto desta poderosa empresa industrial e comercial que é ao mesmo tempo uma comunidade que se define justamente pela negação dos valores comerciais e industriais.

As férias dos clubes colmatam, é verdade, a brecha por onde poderiam passar a disponibilidade, a iniciativa criadora, a responsabilidade, o risco — Numa palavra, os inegredientes da verdadeira liberdade. São, é indiscutível, um alibi e ajudam a fazer tolerar as fadigas, o vazio, os erros, o grande absurdo dos restantes onze meses. E, no entanto, estas férias constituem um inegável progresso relativamente ao turismo social, com o seu angelismo, a sua virtude de sobriedade, que não são o mais das vezes senão miserabilismo. São também «melhores» que as viajens organizadas (excursões) das agências. Preludiarão as verdadeiras férias, ao mesmo tempo autónomas, criadoras, abertas e activas que caracterizarão os tempos livres de uma sociedade de amanhã? Ou, pelo contrário, a sua forma actual — assistência e produto — será uma válvula de segurança para tornar menos insuportável o mundo actual e a sociedade sob a sua presente organização? De qualquer modo, está posta a questão de saber como se podem, hoje mesmo, «libertar as férias».

NOVAS
PROFISSÕES

Secretariado — (especialmente indicado para as alunas que concluiram o 2.º ou 3.º ciclo dos liceus) — cursos diurnos e nocturnos, com especialização em Secretarias de Direcção, Recepcionistas e Documentalistas

Turismo — com Guias-Intérpretes (oficialmente aprovado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira).

Cinema e TV.

Superior de Organização e Gestão de Empresas — especialmente indicado para os alunos que, tendo como habilitação o 3.º ciclo liceal ou equivalente, querem enveredar pelo sector empresarial, a nivel médio ou superior.

Superior de Relações Públicas e de Publicidade — para os alunos que, tendo como habilitação o 3.º ciclo liceal ou equivalente, pretendem dedicar-se, a nivel médio ou superior, a uma acção profissional fundamentada nas ciências e técnicas de comunicação.

Todos estes cursos foram oportunamente aprovados pelo Ministério da Educação Nacional.

INFORMAÇÕES
INSTITUTO DE
NOVAS
PROFISSÕES
av. duque de loulé, 47 1º tel 5553i9-556011-lisboa-1

Não se esqueça de verificar, antes de partir, se o seu
PASSAPORTE
se encontra em dia.
Lembre-se que a STAR tratará de lho obter, poupando-lhe um tempo que certamente lhe é precioso.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91-A
Rua Angelina Vidal, 63 | Lisboa

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO
Rua Dr. António Bernardino de Almeida
PORTO
Telefone: 484077

Até ao próximo dia 15 de Setembro continuam abertas as inscrições para os seguintes cursos:
— De Enfermagem Geral
— De Especialização Obstétrica para Enfermeiras
— De Especialização Obstétrica para Auxiliares de Enfermagem.

DR.ª MARIA C. PATULEIA
RETOMOU A CLÍNICA
Consultório:
Av. 5 de Outubro, 16, 2.º Esq.
Telefs. 54619/555706 — Lisboa-1

DL/NACIONAL

Parece que no hospital de Portimão só a contabilidade funciona"

. Assinada pelo sr. dr. António Rocha da Silveira, director-clínico do Hospital da Misericórdia de Portimão, recebemos a seguinte carta:

. «António Rocha da Silveira, director clínico do Hospital da Misericórdia de Portimão, vem pedir a V. se digne mandar publicar esta carta, rectificativa das falsas e caluniosas declarações feitas nesse jornal, no passado dia 5 do corrente, sob o título «Parece que no Hospital de Portimão só a contabilidade funciona». Não obstante não figurarem nomes de médicos nessa notícia, sinto-me injustamente atingido por ter sido o médico de serviço que assistiu às sinistradas.

Passo a relatar os factos tal qual se passaram:

. —Dia 31/8/73, às 23 e 45 horas, deram entrada de urgência, transportadas pelo «115» dos Bombeiros Voluntários quatro sinistradas de um acidente ocorrido próximo da Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão. Foram prontamente assistidas por um enfermeiro, que imediatamente comunicou ao médico de serviço do dia, que se encontrava numa reunião com o pessoal de enfermagem, no 1.º piso do hospital, e que prontamente desceu ao Banco a fim de se inteirar da situação e socorrer as sinistradas. Uma delas, a condutora, apresentava diversas feridas graves da face, pálpebras e maxilar inferior que foram suturadas sob anestesia, e uma outra no joelho, bastante extensa, que também foi suturada.

Das ocupantes, uma apresentava fractura da perna direita, tendo-lhe sido aplicada uma tala provisória de gesso para melhor contenção dos topos ósseos, até lhe ser feito o exame radiológico e observação pelo médico traumatologista.

Outra apresentava contusão dos ossos do nariz e ferida extensa da região cervical posterior, que foi suturada sob anestesia, e o nariz imobilizado até à observação do otorrino; e finalmente a terceira ocupante apresentava feridas contusas da região frontal e dores difusas musculares.

Terminada a assistência de urgência às sinistradas e já fora do serviço do Banco, foi o médico assistente contactado por uma senhora que se identificou como mãe de duas das acidentadas, e que vinha acompanhada por várias pessoas amigas. Foi-lhes feito um esclarecimento sobre a situação das sinistradas bem como de todos os tratamentos realizados.

As acidentadas foram internadas em quartos particulares, tendo sido visitadas passado pouco tempo pelo médico, a fim de se inteirar uma vez mais do seu estado geral e da maneira como a situação clínica evoluía.

No dia seguinte, às 8 horas da manhã, foram novamente visitadas pelo médico, que lhes fez os tratamentos convenientes e ordenou que se fizesse um exame radiológico da perna fracturada, do joelho e arcos costais da sinistrada condutora.

Foi imediatamente pedida a colaboração do otorrino para observar a sinistrada com suspeita de fractura do nariz, cujo diagnóstico foi favorável no sentido de não lhe parecer haver qualquer fractura.

A meio da tarde desse dia, uma das sinistradas queixou-se à enfermeira de serviço dizendo que começara a ver duas imagens. Prontamente foi o caso comunicado ao oftalmologista de serviço, o qual, após observação minuciosa, nada registou de anormal, informando que no dia imediato pela manhã necessitava de fazer nova observaçãc, a fim de poder formular um diagnóstico mais preciso.

Na manhã seguinte, e depois de nova observação do oftalmologista, houve uma conferência com o médico assistente, admitindo-se a hipótese de a sinistrada estar a sofrer uma compressão intra craniana, pelo que era de aconselhar os cuidados de um neurocirurgião.

Esta situação foi imediatamente comunicada ao pai da sinistrada que concordou com o seu transporte imediato e urgente para Lisboa. Dado que a situação das outras sinistradas permitia o seu transporte para Lisboa, onde residem, ficou desde logo acordado que seriam todas transferidas, por avião, para uma clínica de uma companhia de seguros naquela cidade.

Esta é a verdade dos factos. Este é o esclarecimento que se impõe, perante as falsas e caluniosas afirmações vindas a público.

É de lamentar que a emoção, que só isso o pode justificar, tenha levado os familiares das sinistradas a esquecer o reconhecimento que pessoalmente manifestaram ao médico assistente pelos cuidados tidos com as mesmas.

Como é natural em qualquer estabelecimento hospitalar, não são os clínicos que tratam da parte administrativa e financeira, e se o modo como estes serviços foram feitos não agradou aos familiares das sinistradas, não podem os médicos ser envolvidos numa crítica conjúnta, porquanto as acidentadas foram devida e conscienciosamente tratadas».

Um curso de cinema de quinze dias

. Inicia-se na próxima sexta-feira, na Cruz Quebrada, o primeiro Cursi Intensivo de Férias sobre Cinema, em regime de internato, dedicado a jovens dos 15 aos 22 anos. Promove-o o Estúdio Universitário de Cinema (Secção do Centro Universitário de Lisboa) do qual é chefe de relações públicas o actor e cineasta Luis Machado.

A carência de escolas, a inexistência de locais onde se possa aprender e praticar cinema, explicam facilmente a presente iniciativa. Simples e muito curta (o curso termina já no dia 26) ela resume-se a aulas teóricas e práticas, a colóquios a projecções, a convivência entre os participantes. O horário praticado será intensivo: das 8,45 horas às 19, das 21 às 23, tendo os candidatos ao seu dispor comida e alojamento por uma importância irrisória.

O curso é constituido por seis disciplinas: Imagem, História do Cinema, Realização, Produção, Morfologia, Narrativa e Montagem. Entre os nomes indicados para os ministrar contam-se os de Luis Santa Maria (da Escola Oficial de Cinema de Madrid), Teixeira da Fonseca, Aurélio Rodrigues e Bento Pinto França (confirmados), aguardando-se respostas de Cunha Teles e de Luzia Maria Martins.

As inscrições estão abertas até ao dia 14 na Rua D. Estefania, 14.

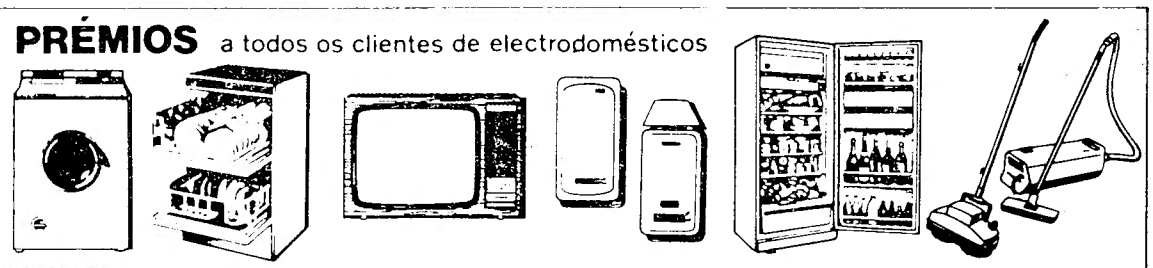
1947 1972 Dardo 25 anos

CORAJOSA INAUGURAÇÃO DE NOVA LOJA Dardo EM PLENO VERÃO

RUA GONÇALVES CRESPO, 26 - A (AO CIMO DO CONDE REDONDO)

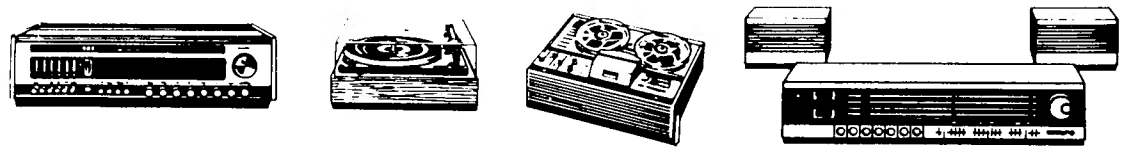
UMA OPORTUNIDADE PARA TODA A GENTE

PRÉMIOS a todos os clientes de electrodomésticos



OFERTA DE DISCOS OU CASSETTES

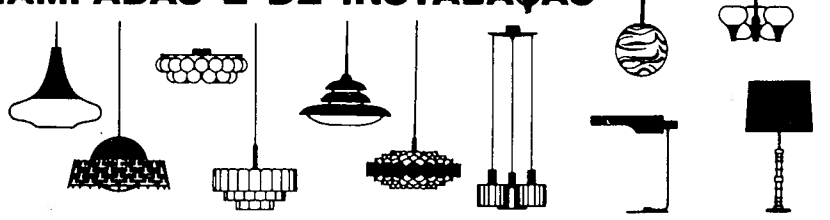
a todos os clientes de equipamento musical, gira-discos, gravadores, reprodutores, HI-FI, etc.



CHANCE DE UM AUTOMÓVEL a todos os clientes de mobílias

OFERTA DE LAMPADAS E DE INSTALAÇÃO

a todos os clientes de candeeiros (rigorosa selecção dos últimos modelos lançados nas grandes capitais europeias)



UMA ATREVIDA DISCOTECA com os mais recentes lançamentos, à disposição de todos os clientes. Posters recentemente chegados de Londres, Paris e Tóquio.

Dardo Electrodomésticos - Mobílias

MENORES PREÇOS MAIORES FACILIDADES

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124 - B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1º de Maio, 146 - A
Rua Gonçalves Crespo, 26 - A
Stand DARDO (Feira Popular)

DL/NACIONAL

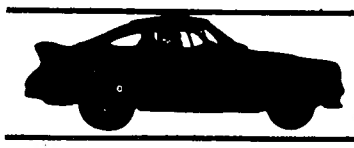
Em Moçambique seis militares feridos num acidente de viação

LOURENÇO MARQUES, 13 (L.) — Na zona do paiol de Benfica, nos arredores desta cidade, registou-se ontem um acidente de viação com uma viatura do Batalhão de Instrução e Depósito, na qual viajavam cerca de três dezenas de militares.

Por motivos até agora não apurados, o veículo ficou sem controlo de direcção e deu várias voltas, o que provocou ferimentos em alguns dos seus ocupantes.

Embora alguns militares tenham recebido tratamento a ferimentos ligeiros, somente se encontram internados nos hospitais Miguel Bombarda e Militar, desta cidade, seis dos ocupantes daquela viatura, sendo apenas considerado um dos feridos como em estado grave.

O comando daquele batalhão determinou um inquérito, a fim de se apurarem as causas do desastre.



motor

COM PROJECTO APROVADO
E LICENÇA PAGA
NO ESTORIL

CONJUNTO DE LOTES NO ESTORIL,
COM A LICENÇA
E MAIS-VALIAS PAGAS

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.
(Mediadora Autorizada)
AV.ª VALBOM, 28 - 1.º
Telef.: 280749 CASCAIS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Parracho Almeida, Lda. «Livraria Caju» Av. Heliodoro Salgado, 29 SINTRA

ACIDENTES DIVERSOS

MORTO POR DESPISTE

Um morto e um ferido foi o balanço do acidente que se registou na estrada nacional, entre Marés e Espinhaço de Cão, perto de Vila Franca de Xira.

O veículo, conduzido pelo serralheiro Aniceto de Sousa, de 50 anos, despistou-se e foi enfeixar-se numa árvore. A mulher do condutor, Ema Lira do Carmo Sousa, de 50 anos, faleceu a caminho do hospital de Vila Franca, enquanto Aniceto de Sousa foi transferido para o hospital de Santa Maria, onde se encontra internado.

UM MORTO E TRÊS FERIDOS

Cinco rapazes tiveram um acidente de viação, próximo da Ponte de S. Gens, quando regressavam a Castelo Branco, vindos de uma festa popular numa localidade vizinha.

O automóvel despistou-se indo desmantelar-se nos terrenos baldios, que ali se encontram.

Um dos jovens, Francisco Garcia Mourão, de 19 anos, acabou por falecer, enquanto Bartolomeu dos Santos Caldeira, de 30 anos, escapou ileso.

Os outros três rapazes, Joaquim Manuel Raminhos Fonseca, de 17 anos, Manuel Joaquim Chambino Caldeira, de 18 anos, e Mário José Baptista Cabarrão, de 25 anos ficaram internados no hospital de Castelo Branco, mas o seu estado não inspira cuidados.

CRIANÇA MORTA

Dois irmãos foram atropelados por um automóvel, quando estavam a brincar perto de sua casa em Rio de Mouro.

Prontamente socorridos pelos bombeiros voluntários, foram transportados para o hospital de S. José, onde Maria Isabel Ferreira Nunes, de 14 anos, chegou já morta. O seu irmão, Paulo Nuno, de 6 anos, regressou a casa após ter recebido tratamento.

FALTARAM OS TRAVÕES

Em S. Pedro de Alcântara, o veículo conduzido por Adriano Augusto Marques, ficou subitamente sem travões e foi embater em quatro carros e uma motorizada.

Não houve acidentes pessoais, apenas sendo elevados os prejuizos materiais.

MARÍTIMO MORTO

Quando regressava da pesca, perto da Nazaré uma lancha «Sol Divino» encalhou e voltou-se. Trazia a bordo o proprietário, Vítor Raul Delgado, e o companheiro, António da Parteira de 55 anos.

Este último levou uma pancada na cabeça mas conseguiu dirigir-se pelo seu pé ao posto de socorros. Transportado ao hospital daquela vila veio a falecer inesperadamente. Deixa viúva e onze filhos quase todos menores.

FIM TRISTE NA MARGEM DO RIO MINHO

Agora é um corpo sem vida. Mas era um moço com ilusões (talvez 18, talvez 20 anos) e tentava ganhar a Espanha a nado. Mas o Minho, rio sempre tão tranquilo, foi desta vez um obstáculo intransponível e o jovem apareceu afogado na margem, na freguesia de Remoães, concelho de Melgaço.

Completamente vestido: dois pares de calças e camisa preta com pintas brancas e um casaco de quadrados brancos e riscas verdes e vermelhas. A tiracolo transportava uma caixa contendo três pares de meias, duas camisas brancas e uma vermelha, uma chave com um medalhão, um par de luvas e diversas moedas estrangeiras. E também uns sapatos novos de cor castanha...

Ignora-se para já a identidade.

Acidente auto-estrada de V. Franca

DIA 4, ÀS 22.15

Pede-se ao Senhor que guiava Mercedes e foi testemunha de luzes apagadas da camioneta, favor contactar Telef. 63 19 53.

MIRAFLORES CLUB
KING RESTAURANT

6ª FEIRA 15, NOITE DE GALA

COM OS VIRTUOSOS VIOLINOS DA GRANDIOSA ORQUESTRA TZIGANE DE PALI GESZTROS DE DINERZADE PARIS
AMBIENTE INESQUECÍVEL

SABADO DIA 16
E TODAS AS NOITES DAS 19 ÁS 21 NO
PIANO BAR: SHEGUNDO GALARZA
NO
KING RESTAURANT
SHEGUNDO GALARZA E SEU CONJUNTO

REQUINTADA COZINHA INTERNACIONAL

NO TAPAS BAR
A TRADICIONAL ALEGRIA DE ESPANHA
RECOMENDAMOS A RESERVA DA SUA MESA
TELEFONES 217872 E 217874

Uma razão para matar...
Que ninguém suspeitará!

ROBERT SHAW · SALLY KELLERMAN · MARY URE · SONDRA LOCKE

A IMAGEM DO MEDO
(A Reflection of Fear)

com MITCH RYAN · SIGNE HASSO
arg. de EDWARD HUME e LEWIS JOHN CARLINO bás. na nov. de "Go To Thy Deathbed" de Stanton Forbes. · prod. de HOWARD B. JAFFE · real. de WILLIAM A. FRAKER
Distribuido por COLUMBIA & WARNER GRUPO D · 18 ANOS

HOJE ÀS 21,30 — ESTREIA NO IMPERIO

DL/GERAL

FOI CRIADA A VOLKSWAGEN DE PORTUGAL

Realizou-se num dos salões do Hotel Ritz, sob o signo do optimismo, uma reunião especial dos Agentes da Sociedade Comercial Guérin, S.A.R.L., para o Volkswagen. Presentes, além dos srs. José da Silveira Machado, presidente do conselho de administração: Heinz Ehlert, vice-presidente, e César da Silveira Machado, administrador, os srs. Horst Muenzner, administrador da Volkswagenwerk, que se deslocou propositadamente ao nosso País, e Peter Reinecke, delegado da fábrica.

O sr. José da Silveira Machado saudou os agentes, a quem agradeceu a colaboração prestada durante mais um ano de trabalho, e anunciou a criação da Volkswagen de Portugal, Ld.ª, nova firma com capital pertencente exclusivamente ao grupo Guérin, que terá uma autonomia total e receberá a maior colaboração da Volkswagenwerk. Não se trata, afirmou, de um desmembramento da Guérin, mas sim da melhor solução encontrada para um trabalho mais eficiente. Nos últimos anos a Guérin desenvolveu-se grandemente, expandindo a sua acção por vários campos, nomeadamente através do seu Departamento Agrícola e Industrial John Deere, do Sector Outras Marcas (Porsche, Volks-Porsche, Lancia, Chrysler, etc.) e da fábrica de montagem absorvente cada vez mais a atenção da administração. Por outro lado, os grandiosos projectos — alguns já realizados e outros muito próximos de concretização — da Volkswagenwerk, exigem uma muito maior concentração de esforços. Assim, para uma melhor coordenação, criou-se a Volkswagen de Portugal, Ld.ª, que, como o nome indica, terá o apoio de Wolfsburgo.

Seguidamente, falou o sr. Heinz Ehlert que indicou os quadros directivos da nova firma, da qual, com os srs. dr. Wischenbart, director de exportação da VWW, e César da Silveira Machado, faz parte como membro do Conselho de Gerência, sendo director-geral o sr. Peter Reinecke.

O sr. Horst Muenzner, grande amigo de Portugal, saudou os presentes e manifestou o reconhecimento da fábrica pelo trabalho realizado ao longo de tantos anos e que muito prestigiou a marca Volkswagen. Referiu-se largamente aos projectos da Volkswagenwerk, ao extraordinário êxito alcançado com a apresentação do novo modelo «Passat», do qual, em menos de dois meses foram vendidos só na Alemanha 19 000 unidades, e está já a circular em numerosos países. Afirmou que a fábrica tem em estudo — estudo muito adiantado — outros modelos Volkswagen que, num futuro mais ou menos próximo serão lançados no mercado mundial. No entanto — frisou — a construção de novos modelos não anulará a produção do famoso «Carocha», que sai das linhas de montagem a uma cadência diária de mais de cinco mil unidades, e cuja venda, devido às suas comprovadas qualidades, se processará ainda durante largos anos. Afirmou que Wolfsburgo manterá, como até aqui, a alta qualidade dos seus produtos, acrescentando-lhes cada vez maior segurança e sistemas de anti poluição mais avançados. Ainda quanto a segurança, frisou que os estudos realizados pelos técnicos da Volkswagen são dos mais avançados e ultrapassaram já o máximo de exigências dos Estados Unidos, o país mais difícil de satisfazer neste campo. Acrescentou, que essas mesmas qualidades de segurança e anti poluição garantiram fabuloso êxito nos Estados Unidos.

Por último, anunciou o apoio incondicional da fábrica à Volkswagen de Portugal, Ld.ª e deu a notícia, que encheu de júbilo todos os presentes da próxima montagem no nosso País dos avançados modelos concebidos e construídos pela Volkswagen do Brasil.

Seguiram-se no uso da palavra os srs. Fred Schmidt, Luís Fachada, Jorge de Oliveira, Nuno Vilarinho e Horst Ortelbach, que se debruçaram sobre aspectos técnicos. Por fim, em português, o sr. Peter Reinecke saudou os agentes, aos quais prometeu a melhor colaboração.

A reunião terminou com um almoço, durante o qual os srs. Horts Muenzner e Silveira Machado trocaram brindes.

Antes, porém, foi projectado um filme em que o sr. Rudolf Leiding, presidente do conselho de administração da Volkswagenwerk, numa mensagem aos concessionários e agentes da popular marca alemã no mundo, reafirmou a sua fé no futuro e salientou o trabalho que se está a levar a cabo para que a Volkswagen mantenha o posto que justamente ocupa desde o primeiro momento.

A despedida do General Spínola

Continuação da pag. 1

Para vós e por vós, com toda a força de uma razão incontroversa e à luz de um espírito de verdadeira portugalidade, se prosseguiu o nosso ideário de valorização e dignificação da pessoa humana, no respeito pela essência africana da Guiné, em ordem a garantir a sua personalização no contexto da nação portuguesa. E entendemos que a verdadeira personalização só se consegue pela faculdade de cada um formar livremente a sua vontade e de a submeter conscientemente a leis sociais em cuja feitura participe segundo a constituição que votou.

O governador-geral cessante finalizou a sua mensagem à Guiné afirmando:

. **Ao despedir-me de todos, desejo expressar o meu ardente voto de que, sob a acção esclarecida do vosso novo governador, a paz volte a essa martirizada terra, e que, de mãos dadas, prossigueis na escalada da construção de uma «Guiné» melhor dentro de uma nação dilatada e iluminada pela chama da portugalidade que aí ajudastes a reacender.**

Na qualidade de comandante-chefe cessante, o general Spínola dirigiu igualmente uma mensagem às Forças Armadas, também transmitida hoje, salientando que embora as suas palavras **sejam para todos, sem distinção de origem ou hierarquia, elas destinam-se em especial aos soldados e marinheiros, europeus e africanos.**

Cumprindo com sublime nobreza e inexcedível generosidade a vossa comissão de serviço, sois os espelhos da alma de um povo, disse aquele oficial-general dirigindo-se aos soldados europeus, os quais, segundo o general Spínola, estão **edificando com a arma numa das mãos e na outra a ferramenta do progresso através do qual vindes a operar a mais nobre das conquistas: a do coração dos nossos irmãos africanos.** Africanos que o governador-geral cessante afirmou terem **encontrado, finalmente, na justiça, na valorização e dignificação humana o caminho da verdadeira independência, e que por ele optaram empunhando as armas.**

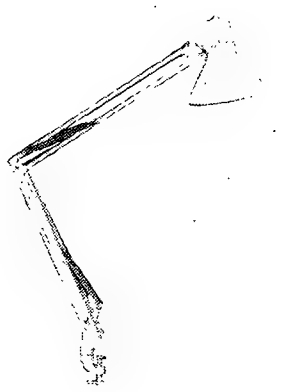
Cólera: mais um morto em Itália

ROMA, 13 (R.) — O número oficial de mortes devido ao surto de cólera que se tem propagado em Itália, subiu ontem para 25 após ter sido feita autópsia a um bébe, uma menina, autópsia que revelou que a criança morreu vitimada pela terrível doença.

Francesca Noviella, de 18 meses de idade, faleceu na passada sexta-feira e a autópsia requerida pelas autoridades de saúde revelou que só em Nápoles o número de mortos pela cólera se situa agora em 16 — declarou o director do Hospital Central de Nápoles.

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

AS JÓIAS E AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES
FUNDADA EM 1880
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

L E D U

CANDEEIROS DE TRABALHO
(SUECOS)
Distribuidores exclusivos
E M E L L I
Rua de Santa Justa, 99
Tel. 32 72 10 — LISBOA

CCN
companhia colonial de navegação

PARTIDAS DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«UÍGE»
a sair de Lisboa em 19 de Setembro, às 16 horas
Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.

«BAILUNDO»
a sair de Lisboa em 20 de Setembro
Com escala por Leixões, para: LUANDA, LOBITO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

«INF. D. HENRIQUE»
a sair de Lisboa em 25 de Setembro às 12 horas
Com escala por Funchal, para, LUANDA, LOBITO, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.

«BERNARDINO CORRÊA»
a sair de Lisboa em 28 de Setembro
Vindo dos portos do Norte da Europa, com escala prévia por Leixões, para: CAPE TOWN, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*).
Recebe carga a 14, 15 e 17 a 20/9. Último dia 19/9.

(*) SE NECESSÁRIO.

RUA DE S. JULIÃO, 63 - LISBOA 2 - Tel. 36 96 21
R. INFANTE, D. HENRIQUE, 9 - PORTO - Tel. 2 33 42

Comundo

Consórcio Mundial de Exportação e Importação, S. A. R. L.

SEDE: AV. 5 DE OUTUBRO, 56 — LISBOA-1

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL
De 150.000.000$00 para 350.000.000$00
SUBSCRIÇÃO PÚBLICA DE 500.000 ACÇÕES

COMUNICADO

A afluência de subscritores a este aumento de capital foi a maior dos últimos tempos.

Ora, tendo sido muito limitado o prazo concedido para a fixação do rateio, tivemos de utilizar uma programação no computador que nos permitisse excluir os subscritores indevidamente habilitados com mais de um boletim.

Este critério foi adoptado única e exclusivamente para benefício dos subscritores legítimos, pelos quais foram rateadas as 500 000 acções.

Surgiram alguns casos, que aliás tínhamos previsto, de pessoas não contempladas, em virtude da duplicação do nome — casos esses que, como é evidente, têm de ser atendidos.

Nestes termos, e porque montámos um sistema que nos faculta a possibilidade de cabal solução, agradecemos, pedindo desculpa pelos incómodos havidos, que os senhores subscritores, cujos boletins foram indevidamente anulados e que ainda não regularizaram o assunto, quer na Comundo, quer nos Bancos, procedam do seguinte modo:

1. Dirijam-se à Comundo com o respectivo boletim, mesmo que nele tenha sido aposto o carimbo de anulação, ou obtenham duas fotocópias, devidamente autenticadas, pelo Banco, do boletim assim anulado e as enviem, sob registo, à COMUNDO — Dept.º Financeiro, Serviço de Títulos - Av. 5 de Outubro, 56-1.º — Lisboa-1.
2. Levantem dos Bancos a totalidade dos montantes subscritos nesses mesmos boletins.

Após essas diligências, enviaremos a cada um dos subscritores nas condições indicadas, uma das fotocópias devidamente autenticada pelos nossos serviços. Para todos os efeitos a fotocópia autenticada pela Comundo substitui a cautela original, e será oportunamente trocada pelos títulos definitivos que lhe couberam no rateio aprovado, quando se comprove a legitimidade da reclamação.

Lisboa, 12 de Setembro de 1973.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL/ESTRANGEIRO

Pompidou reticente em adoptar uma posição hostil a U.R.S.S.

PEQUIM, 13 (R.) — O presidente Pompidou entra hoje a fundo nas negociações com os dirigentes chineses depois de se ter avistado com o presidente Mao Tse-Tung e com o primeiro-ministro Chou En-Lai, trocando impressões sobre vários problemas que interessam aos dois países.

Pompidou, o primeiro Chefe de Estado europeu que visita a China, foi recebido por Mao na sua residência ontem durante duas horas, ou seja o dobro do tempo que Mao Tse-Tung concedeu ao presidente Nixon, em Fevereiro do ano passado.

Durante uma sessão anterior de conversações com Chou En-Lai, o Chefe do Estado francês definiu as linhas gerais da política externa francesa e disse que o seu objectivo dominante continua a ser o da unidade europeia.

Um informador francês disse aos jornalistas que as conversações abordaram apenas as linhas gerais dos problemas pelo que só hoje os representantes dos dois países entrarão em discussões mais pormenorizadas.

Antes de retomar os contactos políticos esta tarde, Pompidou deve visitar o Templo Celestial ao sul de Pequim e ontem também já visitou a cidade proibida assistindo à noite no grande palácio do povo a um espectáculo de «ballet» revolucionário intitulado «O destacamento vermelho de mulheres».

Durante as conversações com Pompidou, os dirigentes chineses deverão manifestar os seus receios quanto a um desanuviamento na Europa que permita à União Soviética desviar as suas tropas da frente ocidental transferindo-as para a fronteira sino-soviética.

Durante o banquete de homenagem a Pompidou na terça-feira à noite, os discursos feitos por ambas as partes sublinharam a concordância que existe em larga medida nas oposições e interesses da França e da China quanto à política internacional.

Os observadores pensam, porém, que a França não poderá alinhar 100 por cento ao lado da China nos seus ataques contra a «hegemonia das duas super-potências». Embora a França deseje manter a independência da Europa tanto em relação aos Estados Unidos como à União Soviética, as suas relações com Moscovo são boas e Pompidou não quererá certamente prejudicar a cooperação técnica e económica franco-soviética aderindo à posição anti-soviética da China, o que, de certo modo, levanta uma barreira nas discussões franco-chinesas sobre o problema. Essa reticência da França em tomar uma posição declaradamente hostil à União Soviética contribuirá por outro lado para diminuir a importância da sua visita aos olhos dos dirigentes chineses.

Mao Tsé-Tung durante uma pausa nas conversações com o presidente Georges Pompidou, na residência oficial de Mao em Pequim. O chefe de Estado da França encontra-se em visita oficial à China. (Telefoto UPI-Telinprensa-DL)

Desembarcaram no Haiti mais guerrilheiros

SÃO DOMINGOS, 13 — (F.P.) — Um novo grupo de guerrilheiros teria desembarcado ontem de manhã num ponto não determinado da costa noroeste do Haiti anunciaram estações de rádio dominicanas. Este grupo teria estabelecido contacto com uma força de 30 homens que já ali se introduzira no dia anterior.

Em São João de Porto Rico, o dirigente político Haitiano Pierre Rigaud declarou que esses rebeldes não são comunistas, mas nacionalistas.

Exilados haitianos em São Domingos declararam que o propósito dos guerrilheiros era obter a adesão de elementos do exército para os ajudarem a derrubar o governo.

Segundo rumores não confirmados, cerca de 125 homens, entre os quais figurariam três dominicanos, constituiam a primeira unidade de guerrilheiros desembarcada na Baia de São Nicolau.

Uma estação de rádio dominicano declarou entretanto ter informações de que centenas de camponeses organizaram em Port-au-prince uma manifestação pública de apoio ao presidente Jean-Claude Duvalier.

EXPLOSÃO EM LONDRES

LONDRES, 13 (R.) — Dois polícias ficaram ligeiramente feridos ao explodir, a noite passada em Londres outra bomba que causou vários estragos em edifícios no elegante bairro de Chelsea.

Dez minutos antes havia sido recebido um telefonema nos escritórios da Press Association, uma agência noticiosa interna, a avisar que iria explodir uma bomba.

PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO
LIC. LUÍS MARTINS DE CAMPOS FERREIRA

CERTIFICO que fiz extrair a presente fotocópia que vai conforme o original lavrado no livro de notas para ESCRITURAS DIVERSAS, deste Cartório, número E-setenta e cinco de folhas cinco a folhas dez.

Lisboa, aos vinte e dois de Agosto de mil novecentos e sententa e três.

O 2.º Ajudante do Cartório,
Maria Tomásia da Conceição Alfaia

AUMENTO DE CAPITAL E ALTERAÇÃO PARCIAL DO PACTO SOCIAL

No dia vinte e um do mês de Agosto de mil noventos e setenta e três, no Primeiro Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Maria do Patrocínio Duarte Pina Geraldes Mousaco, primeiro ajudante deste Cartório, no pleno exercício de funções notariais, em virtude do respectivo notário, Licenciado Luís Martins de Campos Ferreira, se encontrar afastado do serviço para efeitos de aposentação, compareceram como outorgantes:

Primeiro Eng.º Manuel Correia da Costa Antunes, casado com Maria Rita Soromenho Viana Baptista da Costa Antunes, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, natural da freguesia de São Julião, de Lisboa, com residência habitual na Estrada do Calhariz de Benfica, número cinco, terceiro andar, em Lisboa.

Segundo Dr.ª D. Luísa Pereira Ryder da Costa ou Luísa Alice Pereira Ryder da Costa, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, desta cidade, com residência habitual na Rua Bulhão Pato, número cinco, quarto andar, lado direito, em Lisboa, casada com o sétimo outorgante, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou.

Terceiro Manuel Idalécio Esteves, casado com D. Guilhermina Rodrigues de Araújo Esteves, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, natural da freguesia e concelho de Alvito, com residência habitual na Rua Eça de Queirós, número trinta e oito, primeiro andar, lado esquerdo, em Cascais.

Quarto — João Ferreira de Almeida Meleças, natural da freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, casado com D. Maria da Conceição de Sousa Soares Andrea de Almeida Meleças, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, com residência habitual na Vivenda Eolo, número quinze, rés-do-chão, Quinta de Santa Rita, em São João do Estoril, freguesia do Estoril, concelho de Cascais, que intervém por si, e ainda como procurador de Victor Fernando da Costa Panaca, casado com Ilca Maria Antunes Paixão da Costa Panaca, mas dela separado judicialmente de pessoas e bens, natural da freguesia e concelho de Vila Nova da Barquinha, com residência habitual na Praça Aires de Ornelas, número três, sexto andar F, em Lisboa, nos termos da procuração adiante mencionada, e também como gerente e em representação da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada «Interpares Sociedade de Produtos Químicos para a Construção, Limitada», com sede em Lisboa, na Rua da Alegria, número treze, no uso dos poderes que lhe foram conferidos na reunião da assembleia geral da mesma sociedade, realizada em seis deste mês, nos termos da fotocópia da acta número vinte e três, adiante citada.

Quinto D. Maria Celina de Sousa Ferreira de Almeida Meleças Curado, natural da freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, com residência habitual na Praça Pasteur, número dez, segundo andar, lado esquerdo, em Lisboa, casada com o oitavo outorgante, sob o regime da cumunhão geral, segundo declarou.

Sexto Eng.º Luiz Liebknekt Rodrigues dos Santos, casado com D. Georgina da Visitação Batista Gonçalves Rodrigues dos Santos, sob o regime da comunhão geral, segundo declarou, natural da freguesia da Se, concelho de Faro, com residência habitual na Avenida de Madrid, número dois, primeiro andar, lado direito, em Lisboa.

Sétimo Eng.º José António de Carvalho Escarameia, casado com a segunda outorgante e com ela residente, natural da freguesia de São Salvador de Aramenha, concelho de Marvão.

Oitavo Eng.º Alfredo Alves Martins Curado, casado com a quinta outorgante e com ela residente, natural da freguesia dos Anjos, desta cidade.

E pelo primeiro a sexto outorgantes inclusive, nas qualidades em que intervêm, foi dito:

Que o primeiro, a segunda, o terceiro, quarto, os representados deste e o quinto outorgantes são os únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «Intermobel Móveis Modernos, Limitada», com sede em Lisboa, na Estrada da Luz, números cento e dezasseis-B e cento e dezasseis-C, freguesia de Benfica, constituída por escritura de quinze de Março de mil novecentos e setenta e dois, lavrada de folhas setenta e sete, verso, a oitenta e três, do livro D-dois mil quinhentos e cinquenta e seis, deste Cartório, com o capital de um milhão e duzentos mil escudos, na qual possuem, o sócio Manuel Correia da Costa Antunes, duas quotas, uma de duzentos mil escudos e uma de cinquenta mil escudos, a sócia Luísa Alice Pereira Ryder da Costa duas quotas, uma de duzentos mil escudos e uma de cinquenta mil escudos, a sócia Maria Celina de Sousa Ferreira de Almeida Meleças Curado, duas quotas, uma de cinquenta mil escudos e outra de vinte e cinco mil escudos, o sócio Manuel Idalécio Esteves uma quota de duzentos mil escudos, o sócio João Ferreira de Almeida Meleças, duas quotas, uma de cem mil escudos e outra de cinquenta mil escudos, o sócio Victor Fernando da Costa Panaca duas quotas, uma de cinquenta mil escudos e outra de vinte e cinco mil escudos e a sócia Interpares Sociedade de Produtos Químicos para a Construção, Limitada, uma quota de duzentos mil escudos.

Que, pela presente escritura, deliberam aumentar o capital com a quantia de novecentos mil escudos, ficando assim elevado a dois milhões e cem mil escudos, e admitir como novo sócio o sexto outorgante, Eng.º Luiz Liebknekt Rodrigues dos Santos. Que o reforço foi subscrito da seguinte forma: Pelo sócio Manuel Correia da Costa Antunes com cento e vinte e cinco mil escudos, pela sócia Luísa Alice Pereira Ryder da Costa com cento e vinte e cinco mil escudos, pelo sócio Idalécio Esteves com cem mil escudos, pelo sócio João Ferreira de Almeida Meleças com cem mil escudos, pelo sócio Victor Fernando da Costa Panaca com setenta e cinco mil escudos, pela sócia Maria Celina de Sousa Ferreira de Almeida Meleças Curado com setenta e cinco mil escudos e pelo novo sócio Luiz Liebknekt Rodrigues dos Santos com trezentos mil escudos, cujas importâncias, em dinheiro, já deram entrada na caixa social.

Que, agora, todos sócios da aludida sociedade e, em consequência deste aumento, alteram o artigo terceiro do pacto social que passa a ter a seguinte redacção:

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de dois milhões e cem mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro e noutros valores que constam da respectiva escrituração e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma de trezentos e setenta e cinco mil escudos de Manuel Correia da Costa Antunes, uma de trezentos e setenta e cinco mil escudos de Luísa Alice Pereira Ryder da Costa, uma de trezentos mil escudos de Manuel Idalécio Esteves, uma de duzentos mil escudos de Interpares Sociedade de Produtos Químicos para a Construção, Limitada, uma de cento e cinquenta mil escudos de Victor Fernando da Costa Panaca, uma de cento e cinquenta mil escudos de Maria Celina de Sousa Ferreira de Almeida Meleças Curado, uma de duzentos e cinquenta mil escudos de João Ferreira de Almeida Meleças e uma de trezentos mil escudos de Luiz Liebknekt Rodrigues dos Santos.

Pelo oitavo e sétimo outorgantes foi dito:

Que autorizam suas respectivas mulheres a outorgar a presente escritura.

A procuração conferida por Victor Fernando da Costa Panaca a João Ferreira de Almeida Meleças, já se encontra arquivada neste Cartório a folhas uma, deste livro, da qual verifiquei ter o procurador os poderes necessários para intervir nesta escritura.

Fica arquivada a fotocópia da acta atrás mencionada donde consta a qualidade e os poderes que legitimam a intervenção do gerente João Ferreira de Almeida Meleças, nestes actos.

Verifiquei a identidade do primeiro, segundo, quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavo outorgantes pela exibição dos bilhetes de identidade, respectivamente, números: 1 204 121, passado em 29 de Junho de 1971, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; 237 664, passado em 18 de Dezembro de 1968; 14 415, passado em 23 de Maio de 1966, ambos pela Direcção dos Serviços de Identificação de Lisboa; 1 396 579, passado em 27 de Abril de 1972, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; 4 804 061, passado em 26 de Janeiro de 1967, pela Direcção dos Serviços de Identificação de Lisboa; 574 600, passado em 4 de Novembro de 1963, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; e 1 216 072, passado em 8 de Fevereiro de 1966, pela Direcção dos Serviços de Identificação de Lisboa e a do terceiro também pela exibição do bilhete de identidade número dois milhões duzentos e sessenta e três mil quinhentos e seis, passado em dez de Janeiro de mil novecentos e sessenta e nove, pela Direcção dos Serviços de Identificação de Lisboa.

Foi feita aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea de todos, a leitura desta escritura, a explicação do seu conteúdo e a advertência da obrigatoriedade do registo destes actos dentro do prazo de três meses, a contar de hoje, na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa.

O Primeiro Ajudante,

Os militares chilenos ameaçam: fuzilamentos imediatos

Augusto Pinochet, o comandante do exército chileno, assumiu ontem a presidência do país e constituiu um gabinete militar (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

SANTIAGO DO CHILE, 13 (FP) — Com a designação do novo Governo, quase inteiramente composto por militares, os comunicados oficiais publicados durante o dia pela junta militar parecem assinalar um progressivo regresso à normalidade, mas neles se continua a ameaçar com sanções severas, incluindo penas de morte, qualquer resistência armada à acção das tropas.

No plano político, o facto mais saliente é sem dúvida a designação de um Governo constituído essencialmente por oficiais generais e superiores das três armas e dos carabineiras (Polícia Militar).

A vida política, foi também um pouco retomada depois do golpe de Estado. O Partido Democrata-Cristão publicou um comunicado apoiando o novo Governo, que «merece — afirma o comunicado — a patriótica cooperração de todos os sectores».

Por seu lado, o Partido Nacional, de direita, também deu o seu apoio ao novo Governo, o que, evidentemente, não surpreende ninguém.

Embora no centro de Santiago, inteiramente esvaziado por um recolher obrigatório que durou todo o dia, poucos tiros se tenham ouvido, a rádio governamental emitiu, mesmo assim, uma severa advertência, anunciando que «aqueles que persistem nas suas acções suicidas de resistência armada, serão atacados sem tréguas e fuzilados imediatamente no próprio local».

Mas, hoje ao meio-dia, hora oficial do levantamento do recolher obrigatório, as actividades devem recomeçar na capital, pois todos os sectores em «lock out» (greve patronal) anunciaram que voltarão imediatamente ao trabalho e «por-se-ão à disposição da junta para a reconstrução do Chile». Trata-se, essencialmente, dos transportes, do sector terciário e das profissões liberais que se opunham ao regime do presidente Allende.

Não foi ainda possível saber qual é a exacta situação no interior do país. No entanto, segundo os correspondentes do «Mercurio», um dos jornais autorizados a sair amanhã, a situação é mais ou menos calma nas principais cidades do Chile. Há calma absoluta, segundo dizem, em Los Angeles, ao sul de Santiago, em Arrequipa, na fronteira com o Peru, enquanto que em Talca, no norte, se registaram actos de resitência.

Em Chillam teria havido 130 prisões e também teriam sido presas numerosas pessoas em Concepcion, principal feudo do MIR, organização da extrema esquerda. Os detidos já teriam sido enviados para a ilha de Quiriquina.

Em Punta Arenas, no sul do país, o correspondente do «Mercúrio» afirma que os serviços essenciais funcionam normalmente, desmentindo os rumores de que teria havido um levantamento dos militares anti-«putsch». Teria havido 80 prisões nesta cidade. Os presos teriam sido levados para a ilha de Dawson, a cinco horas de barco desse porto.

Esta madrugada, ainda nada se sabia em Santiago sobre a situação em Valparaíso, o grande porto de donde partiram os primeiros sinais de pronunciamento na marinha de guerra. Também se está sem notícias de Antofagasta, terra das importantes minas de cobre, ao norte do país.

No entanto, em todas as províncias, os prefeitos nomeados pelo Governo de Allende foram presos pelos militares.

Quanto às vítimas do golpe de Estado, é ainda muito cedo para se saber quantas foram, todavia, o «Mercúrio», jornal conservador, refere na edição de hoje que o número de mortos e feridos deve ser muito elevado.

Entretanto, o jornalista mexicano, Manuel Mejido, numa comunicação para a agência oficial argentina Telam, afirmava que grupos de franco-atiradores postados no alto dos edifícios do centro de Santiago continuavam a resistir ontem à noite às Forças Armadas. Segundo o mesmo jornalista, o Exército chileno divulgou uma lista de 26 edifícios, cujos ocupantes tiveram que ser dominados pela força.

Uma fase do ataque ao palácio presidencial de La Moneda, em Santiago (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Salvador Allende aparece pela última vez à janela do palácio. Pouco depois estaria morto, em circunstâncias ainda não esclarecidas (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Os E.U.A. "não têm as mãos limpas" -diz um jornal

WASHINGTON, 13 (FP) — A Imprensa americana pensa, no seu conjunto, que os Estados Unidos não devem intervir nos acontecimentos em curso no Chile.

«É essencial que Washington se mantenha meticulosamente afastado da crise actual que só os chilenos podem resolver» — escreve o «New York Times». «Não deve haver nenhum motivo, seja ele qual for, de deixar supor uma intervenção estrangeira».

Encontra-se o mesmo tema no «Washington Star News», que pensa que os Estados Unidos «não têm as mãos limpas no combate contra Allende. Felizmente, o embaixador dos Estados Unidos no Chile. Nathaniel Davies, é um diplomata calmo e experimentado. Esperemos que os seus superiores não compliquem a sua tarefa».

«É típico que a revolução de Allende, feita em nome do povo, haja talvez feito mais mal à classe operária do que a qualquer outra. Há razões de crer que o assalto dos militares a Allende teve forte apoio operário» — escreve pelo seu lado o «Wall Street Journal».

Finalmente, o «Baltimore Sun» acentua que a situação no Chile poderá conduzir à guerra civil, pois há agora forças formidáveis frente a frente. Um Governo verdadeiramente democrático deverá ter em conta os erros do presidente Allende».

O Egipto e a Jordânia fizeram as pazes

CAIRO, 13 (R.) — O Egipto e a Jordânia fizeram as pazes, após um corte de relações diplomáticas que durou 17 meses, e os observadores políticos desta cidade encaram o regresso do Rei Hussein ao seio da família árabe como uma medida susceptível de aumentar a pressão contra Israel.

O restabelecimento das relações diplomáticas foi aqui anunciado ontem á noite após uma conferência cimeira que durou três dias e reuniu o rei Hussein com os presidentes Sadat do Egipto e Al Assad, da Síria.

O Cairo tinha cortado relações com o Governo de Amã em Abril do ano passado em consequência de um plano apresentado por Hussein sobre a criação de um estado federal agrupando dois Estados — um constituído pelo território da margem oeste do Jordão e outro pelo da margem leste — ideia essa que foi posta de parte em face das enérgicas objecções que provocou no mundo árabe.

Um breve comunicado sobre a cimeira entre os três dirigentes diz que foram discutidos todos os problemas que estavam pendentes bem como as questões relacionadas com a batalha comum contra Israel.

Os observadores consideram esta conferência uma vitória política pelo presidente Sadat que se tem esforçado por conseguir um plano unificado de acção árabe contra Israel.

Durante uma recente digressão pela Arábia Saudita, pelo sultanato de Qatar, pela Síria e posteriormente nas conversações que teve no Cairo e Argel com outros dirigentes árabes, o presidente Sadat parece ter apresentado um plano de luta contra Israel e de libertação dos territórios árabes ocupados em 1967.

Esse plano prevê a coordenação de diligências militares, políticas e económicas, incluindo os recursos petrolíferos e os enormes depósitos de divisas que os árabes possuem, como forma de exercer pressão sobre os israelitas e os seus aliados.

A Imprensa local, afirma, entretanto, que durante a cimeira do Cairo se chegou a acordo igualmente sobre o reatamento das relações entre a Síria e a Jordânia.

Os observadores recordam que a fronteira sirio-jordana foi reaberta em Fevereiro tendo os dois países concordado então em normalizar as suas relações o que até agora não se tinha concretizado.

Até em Washington [illegible] tiveram repercussão. (Telefoto UPI-Telimpren-

DL/GERAL

EXTERNATO GIL VICENTE
RUA GENERAL GARCIA ROSADO, N.º 10, R/C.
Telefone 56 27 58 (à Estefânia)
PREPARATÓRIO E LICEAL
★ Professores diplomados e experientes
★ Biblioteca para uso dos alunos
★ Laboratórios de Letras e Ciências
★ Mensalidades muito acessíveis
★ Aulas: manhã, tarde e noite
★ Bolsas de estudo aos alunos que se inscreverem até ao dia 20

O dr. Silva Pinto em visita ao Norte

O secretário de Estadb do Trabalho e Previdência desloca-se amanhã ao distrito de Viseu onde presidirá à cerimónia de inauguração da Casa do Povo de Poiares e a uma reunião de Trabalho em Lamego com os responsáveis das casas do Pvo.

O dr. Silva Pinto visitará nesse mesmo dia o distrito de Vila Real, presidindo aí à sessão de encerramento das Jornadas Sociais e Corporativas.

Ainda em Vila Real aquele membros do Governo terá no dia 15, uma reunião de trabalho com os delegados do Instituto Nacional do Trabalho da Região Norte, durante a qual será apreciado o plano de construção de instalações para as Casas do Povo para o próximo sexénio.

AGRICULTORES DO NORTE

Com o fim de desenvolver o aperfeiçoamento profissional de agricultores, o Centro de Gestão Agrícola do Ave organizou uma excursão de estudo que está a decorrer nas regiões do Ribatejo, Alentejo e Algarve A excursão é dirigida por técnicos da Secretaria de Estado da Agricultura e termina depois de amanhã, nela tomando parte cerca de 70 pessoas.

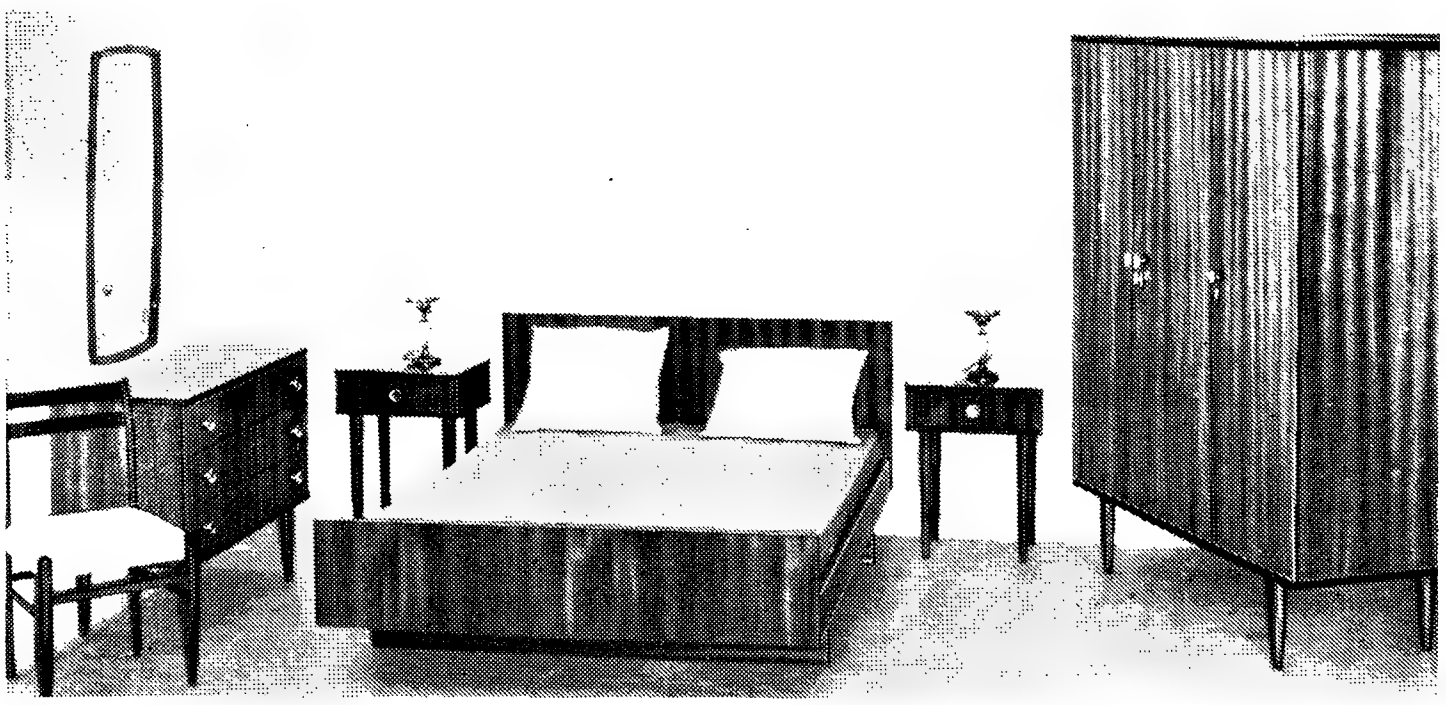
PREPARATÓRIO E LICEAL
CRISFAL
Av. República, 83-52 Tel. 779047-769620

SALDOS DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO
ESTOFOS, CARPETES E TAPETES
PASSADEIRAS C/ LARG.AS 0,50 A 1,00, TAPETES E CARPETES C/ GRANDE VARIEDADE DE CORES E MEDIDAS, Tecidos para Estofos e Decorações, grande sortido, artigos s/ defeitos, em peça desde 25$00 e muitos retalhos de DAMASCOS, SEDAS, GORGORÕES, REPS, etc., desde 5$00
RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador)
ESQUINA DA RUA DA PRATA

VINHO VERDE
ADEGA COOP. DE BAIÃO
BAIÃO
branco
tinto
e
palhete
a perdigão
UM VINHO SUAVE DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERISTICAS ECOLOGICAS DE UMA REGIÃO UNICA NO MUNDO!!!
UM VINHO PARA OS APRECIADORES

OPORTUNIDADE
Precisamos de colaboradores de ambos os sexos em todas as localidades. Na sua EMPRESA, na REPARTIÇÃO, em qualquer parte onde preste serviços, ou com as suas relações pessoais, **PODE GANHAR DINHEIRO** com um trabalho fácil, instrutivo e muito interessante sem prejuízo das suas ocupações actuais. Indispensável o 1.º ciclo dos Liceus ou equivalente. Resposta com «curriculum vitae», à Delegação do «Diário de Lisboa», Rua do Almada, 30, 2.º - Porto, ao número 350.

Aos noivos!



Façam a vossa viagem de núpcias no vosso próprio automóvel, um MORRIS "marina"

Informe-se na Dardo desta sensacional campanha. Além da formidável oferta ainda obtêm preços baixíssimos, em mobílias de quarto com colchão de molas Climax, o máximo em molas. Facilidades de pagamento surpreendentes.

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.º de Maio, 146-A

e no Stand DARDO da Feira Popular de Lisboa

Dardo
Electrodomésticos - Mobílias

MENORES PREÇOS - MAIORES FACILIDADES

VITÓRIA, 2—BEERTSCHOT, 0

UM TIRO NO PRESTÍGIO DO VITÓRIA

Uma segunda parte insípida, descolorida, sem garra e desprovida de momentos altos, foi um autêntico «tiro» no prestígio de um Vitória de Setubal já com nome (e responsabilidades) no futebol europeu. Foi um «tiro» de pólvora seca que, como na história sem vezes contada por Solnado, não magoa mas desmoraliza porque deixa em aberto uma questão que só o jogo da segunda mão poderá responder. Uma questão que diz directamente respeito às possibilidades actuais de um Vitória que surge mais forte do que nunca no meio campo, mas que se mostra às bancadas inoperante e confuso na zona do remate. Que irá fazer o Vitória a Antuérpia? Naturalmente que rectificar não apenas o resultado mas também a exibição que negou ao terço de casa que foi ontem à noite ao Bonfim. E, isso, porque outra coisa não será de esperar de uma equipa como a do Vitória, que sabe jogar futebol, sabe marcar golos e ganhar desafios...

Ontem, valeu ao Vitória setubalense a vontade e a experiência de um «veterano» José Torres: porque foi ele o marcador dos dois golos do desafio, o homem que conseguiu teimar nos lances falhados pela defesa belga, ganhando ressaltos e atirando para a baliza deserta. Não fora isso, e talvez a esta hora os homens fortes do Beerschot cantassem alegria pelo nulo que teriam vindo buscar à cidade do Rio Azul. Mas José Torres não quiz que isso acontecesse e em dois lances praticamente perdidos (ou ganhos pela defensiva contrária) fez o resultado do jogo. Para o «bom gigante» do Vitória, vão pois os louros desta vitória sem sabor, má demais para ser tomada como verdadeira.

Porque o Vitória de Pedroto habituou-nos a outro género de futebol: um futebol onde a alegria de cada jogada se conjuga com a eficiência e a técnica, transformando um simples desafio de futebol num belo espectáculo desportivo. E isso ontem não aconteceu: principalmente nos últimos três quartos de hora, quando o tento esteve mais perto dos avançados belgas, do que dos homens da camisola verde e branca. E, se nos lembrarmos do lance em que Cardoso salvou sobre o risco fatal um remate (demasiado fraco) de Mefuwls, temos a prova provada de que o Vitória esteve à beira de oferecer uma desilusão total aos seus adeptos. Mas Cardoso estava lá, o lance passou e agora há apenas que contar que a turma de Pedroto viaja para Antuérpia com dois golos de vantagem. Não são os golos que contam num desafio de futebol?

DAVID CONTRA GOLIAS

Quando, meia hora antes da hora marcada para início do prélio os belgas entraram no relvado para uns exercícios de aquecimento, todos repararam (e estranharam) a compleição física dos jogadores do Beerschot: altos, fortes, atletas no verdadeiro significado do termo, houve quem duvidasse das possibilidades de um Octávio no meio campo. Mas, pensando-se em Matine, retirou-se o «arrepio». E foi efectivamente Matine quem, desde o primeiro ao último minuto, conseguiu segurar o meio campo, passeando a sua classe e a sua técnica no transporte da bola da defesa para o ataque. Por seu lado, os belgas conseguiram também impressionar favoravelmente pois, apresentando-se com a nítida preocupação de «não perder por muitos» conseguiam criar algumas situações embaraçosas para a extrema defesa setubalense. Cardoso, Mendes e Carriço tiveram então ocasião de dar nas vistas, cortando avançadas que poderiam trazer complicações às aspirações do Vitória.

Entretanto, os setubalenses tentavam tudo para furar a defensiva contrária: com o defesa Lino «fazendo» de extremo direito, ou com Jacinto João em explêndidas explorações pelo lado esquerdo: um e outro, lutando junto à linha para oferecer a bola à cabeça de Torres; que inexplicavelmente perdia sempre na luta por alto com o seu adversário directo.

Até que, aos 30 minutos, depois de mais uma perdida dos avançados do Vitória, a bola ressalta para o lado direito do ataque dos da casa, onde acorre Torres: luta com um adversário, perde o ângulo de remate, mas volta à carga e ganha; e o remate sai certeiro, fazendo a «branquinha» ir beijar as malhas da baliza à guarda de Lauryssens. Era o primeiro golo, o caminho aberto para uma vitória que se julgava fácil. E a ideia ganhou volume quando, nove minutos depois, em jogada congénere, o mesmo José Torres consegue o segundo tento. Com ele, ficava escrita a crónica do jogo, embora muitos julgassem que na segunda parte o marcador fosse subir. Puro engano, porque na etapa complementar, os sadinos não fizeram mais do que oferecer ao adversário a possibilidade de marcarem, em função de um desacerto tão imprevisivel como incompreensivel. As substituições operadas por Pedroto, não trouxeram qualquer benefício, nem a troca de Torres por Jacinto João nas posições em campo, veio trazer maior agressividade ao conjunto português. Daí concluir-se, numa análise total do prélio, que o jogo de ontem foi um autêntico tiro no prestígio do Vitória de Setubal. Felizmente que um tiro de pólvora seca...

EQUIPAS E ÁRBITROS

Sob a arbitragem do juiz francês Roger Machin, as equipas alinharam: **VITÓRIA DE SETÚBAL**:JoaquimTorres;Lino, Cardoso, Mendes e Carriço; Octávio, Matine e Bio; Duda, José Torres e Jacinto João. Na segunda parte entraram José Maria e Arcanjo, para os lugares de Bio e Cardoso. Por sua vez o **BEERSCHOT** alinhou com Lauryssen; Van Opdorp, Tolsa, Dalving e Van Gucht; De Smet, Heyligen e Van Staeyn; Mefuwls, Nicolaes e Mallants.

O trabalho do juiz francês situou-se num plano que merece (sem dúvida) nota positiva.

ORLANDO DIAS AGUDO

Sob as vistas de Cardoso, Octávio corta o ataque de um belga

O primeiro golo de José Torres

CICLISMO

Manuel Gomes mais primeiro em Angola

Manuel Gomes, do F. C. Porto, ganhou a 4.ª etapa do prémio «Nocal», percorrendo a distância compreendida entre Camabatela e Salazar, com passagem por Samba Cajú e pelo Lucala, em 5 h 27 m 17 s. Os 181 quilómetros da etapa foram corridas em pelotão, devido ao denso nevoeiro que afectou a primeira parte do percurso e ao calor intenso que se fez sentir na parte final.

Após esta etapa, Manuel Gomes detém a camisola amarela, com 3 segundos de vantagem sobre Custódio Gomes, 7 sobre Gabriel Azevedo e 8 sobre Joaquim Andrade, todos do F. C. Porto. O F. C. Porto mantém o comando da classificação por equipas, com 21 segundos de vantagem sobre o Benfica.

Custódio Gomes, do F. C. P. é o primeiro na classificação geral de «metas volantes» (com 10 pontos) seguido de Fernando Mendes (Benfica) com 6, e de Joaquim Andrade (F. C. P.) com 3.

O benfiquista Fernando Mendes conserva o primeiro lugar do «prémio da montanha», agora com 54 pontos, seguido de Manuel Silva (F. C. P.) com 27; de Pedro Rodrigues (Coelima) com 18; de Joaquim Andrade (F. C. P.) com 13; e de Venceslau Fernandes (do Benfica) também com 13.

O «camisola amarela» acumula o primeiro lugar da classificação por pontos (com 55) seguido do seu companheiro de equipa Custódio Gomes, (com 40) e de António Martins (Benfica) com 22. José Pereira (Coelima) comanda a classificação do «prémio da combatividade, empatada com Armando Leonardo (F. C. Luanda) ambos com 3 pontos. Hoje disputa-se a quinta etapa — Salazar-Cacuso, num total de 96 quilómetros.

AGOSTINHO QUARTO EM ESPANHA

Amposta (Tarragona), — O espanhol Jesus Manzaneque ganhou o pólogo da «Volta à Catalunha» disputado em contra relógio individual na distância de 4 735 km, à média de 46 070 km/h.

Classificação: 1.º, Jesus Manzaneque (ESP) 6.09,8/10; 2.º Luis Ocaña (ESP) 6.13; 3.º Pesarrodona (ESP) 6.13,4; 4.º Agostinho (Port) 6.15; 5.º Van Springel (Belg) 6.16,5.

Mazaneque partirá para a primeira etapa com a «camisola amarela». A tirada disputa-se entre Amposta e Tarragona (173 km).

Manuel Gomes

SOBRE FUTEBOL

ALHANDRA E LAMAS NA 2.ª DIVISÃO

Resultados verificados nos derradeiros jogos dos «Torneios de Competência»: Alba, 3-Sporting da Covilhã, 2; Alhandra, 2-Nazarenos, 0 e Seixal, 0-Juventude, 0. Deste modo, União de Lamas (Zona Norte) e Alhandra (Zona Sul) vão disputar o campeonato nacional da segunda divisão.

SORTEIOS

Esta tarde, a partir das 15 horas, decorrem na Federação de Futebol os sorteios da «Taça de Portugal» e do campeonato nacional da terceira divisão. Este último torneio tem o seu início marcado para o próximo domingo.

«MUNDIAL»

A Holanda bateu a Noruega (por 2-1) em desafio do grupo 3 que qualifica para o «mundial». Cruyf assinou o primeiro tento do seu país.

SPORTING

O dirigente sportinguista Jaime Duarte reune-se amanhã num jantar com representantes dos orgãos informativos, para lhes apresentar o plano de trabalho elaborado (com José António Arsénio, padre Alberto Dias, coronel Costa Campos, Orlando Naia e os técnicos Mário Lino, Osvaldo Silva, Hilário e César) com vista ao ano futebolistico do seu clube. Entretanto, está elaborada a comitiva para Cardiff: os jogadores Botelho, Damas, Manaca, Bastos, Alhinho, Baltasar, Carlos Pereira,

Continua na pág. 16

APARTAMENTOS DE LUXO
ALUGAM-SE
SALA, QUARTO, KITCHENETE - BAR TOTALMENTE EQUIPADA, CASA DE BANHO COM ESPELHO E TOALHEIROS EM CRISTAL ITALIANO.
ALUGAM-SE COM OU SEM MOBÍLIA, AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 89.

DL/DESPORTOS

As selecções no Jamor à espreita da Bulgária

. Na dúvida, quanto à utilidade ou não do seu esforço, a selecção de futebol voltou a reunir-se e a treinar no Estádio Nacional, cumprindo desse modo o primeiro ponto do programa de trabalhos de José Augusto. Só que, enquanto não jogarem entre si Irlanda e Bulgária, nada de definitivo pode extrair-se dos trabalhos. O estado de espírito dos jogadores e treinadores será totalmente oposto ao deste treino (descontraído) se os irlandeses conseguirem fazer o jeito que mantenha vivas as esperanças portuguesas quanto ao acesso à fase final do campeonato mundial.

Assim, e somando-se à ausência dos jogadores do Vitória de Setúbal (José Augusto não convocou nenhum porque jogariam à noite para a «Taça UEFA) e à já conhecida lesão de Eusébio, não puderam treinar, embora viessem ao estádio, Nené, Vítor Martins e Dinis.

Ora, sem Dinis e sem Nené, a selecção principal não contou com um único extremo: isso alterou todo o esquema do seleccionador, além de nos oferecer uma face falsa da verdadeira selecção.

O grupo principal iniciou o treino com José Henrique (na baliza); Artur, Humberto, Alhinho e Adolfo (na defesa); Quaresma, Toni e Simões (na nédia); Pavão, Abel e Artur Jorge (na linha dianteira).

Sem extremos, como dissemos, movimentando-se muito pouco os homens do meio campo, tardou até o grupo A se impor. Os moços da selecção de Esperanças (Tibi; Esmoriz, Laranjeira, Amândio e Pietra; Barbosa, Arnaldo e Fraguito; Chico, Júlio e Manuel Fernandes) ofereceram réplica interessante nesse período, destacando-se o excelente trabalho de Amândio ao lado de Laranjeira.

Simplesmente, e já perto da mudança de campo, Toni abriu jogo, passou a actuar sobre a direita e conseguiu uma escapada poderosíssima, que nenhum defesa teve forças para suster; e marcou um golo. Artur Jorge (logo depois) faria o segundo (num choque com Laranjeira, que deixou o defesa estendido no relvado, ficando o terreno livre para a progressão a caminho da baliza) e, com as alterações nas equipas, os AA passaram a jogar à vontade e a marcar golos.

Damas, Freitas e Murça substituiram, respectivamente, José Henrique, Humberto e Adolfo, enquanto nas «Esperanças» Vala, Barros, Abreu e Conhé entraram para os lugares de Chico, Laranjeira, Barbosa e Tibi.

O resultado chegou a 5-0 (mais dois golos de Artur Jorge e um de Abel) mas não tem significado de maior. Apenas se deve referir a jogada do terceiro golo, digna de uma antologia do melhor futebol. Artu Jorge conduziu a bola a grande velocidade para a área, com Simões ao lado. Amândio veio ao seu encontro e no instante em que se aproximavam um do outro, Artur Jorge deixou a bola e continuou a correr sózinho. Simões ao lado, picou a bola sobre o defesa, para a frente de Artur Jorge: que a apanhou e fez um belo golo.

Para além do tento, ficaram nas retinas dos espectadores (muitos treinadores, desde Juca a Caiado e de Rodrigues Dias a Ferraz dirigentes — o presidente e vice-presidente da Federação assistiram ao treino — e público anónimo) a força de Arnaldo, a vontade e a boa forma de Toni, duas fintas espectaculares de Chico a Artur (na mesma jogada e a deixar o defesa do Benfica sentado na relva) e o bom toque de bola de Manuel Fernandes.

Mas, tudo isto é transitório: o importante, importante mesmo, é esperar o resultado do jogo Irlanda-Bulgária, já no dia 26 do corrente...

Manuel Marques massaja Simões, junto de Toni e Artur Jorge

Entre José Augusto e Peres Bandeira, os seleccionados antes do seu primeiro treino

SOBRE FUTEBOL

Continuação da pag. 15

Jose Carlos, Fraguito, Vagner, Nelson, Tomé, Màrinho, Yazalde, Dinis, Chico e Laranjeira, os dirigentes Jaime Duarte e José António Arsénio, o massagista Manuel Marques e o médico dr. Carlos Costa.

CANADÁ

O setubalense Emídio Graça (irmão de Jaime) deixou de ser o treinador do clube canadiano First Portuguese.

IMPUGNAÇÃO

Reune-se na tarde do próximo sábado, o Conselho Superior de Justiça, da Federação de Futebol, pra analisar a impugnação apresentada pela Associação de Coimbra ao derradeiro Congresso. Segundo um dos membros desse conclave (o dr. Fernando Fontinha) hoje declarou ao nosso colega «A Bola», **«no requerimento de Coimbra há algo que o impede de ter seguimento»**. Porém, a Associação conimbricense protesta contra **«uma tomada de posição pública e prévia de quem vai julgar»**. Veremos se o Conselho está pelo lado do dr. Fernando Fontinha ou de Coimbra...

CALDAS

Da Guiné chegou um avançado-centro para o Caldas: chama-se Sérgio Santos.

BENFICA

Eusébio, Jaime Graça, Diamantino e Vitor Baptista voltaram aos treinos. Segundo se crê, Eusébio já estará perante o Leixões.

«ESPIAO»

Mário Lino foi ontem em Cardiff a espreitar o clube que tocou na rifa ao Sporting, para a «Taça das Taças». Resultado da partida: Cardiff, 5-Oxford, 0. O técnico sportinguista não regressa muito satisfeito...

FARO

Com dois golos do veterano Figueiredo e um tento de Paris, o Esperança de Lagos bateu (3-0) o Lusitano de Vila Real e conquistou a «Taça de Honra» de Faro.

CASTIGOS

A Federação aplicou um ror de castigos o que, para inicio de temporada, é deveras «prometedor»... Veja-se: advertências ao belenense Quinito e ao portuense Pavão, a Bambo (Montijo), a Monteiro (Oriental), ao setubalense Cardoso, ao sportinguista Dinis e ao barreirense Mendes, tudo isto em relação à primeira divisão. Nos torneios secundários, a «chuva» foi enorme: advertências, sugestões e repreensões «aos montes». Destaques: repreensão por escrito ao treinador Couceiro Figueira (Lamas); 3 jogos de suspensão a Fidalgo (Odivelas) e um a Raimundo (Atlético); repreensão a Djalma (Espinho), Frederico (Sanjoanense), Marques (Varzim) e Artur Santos (Marinhense); 3 jogos na bancada para Albano (Alba) e um a Alcides (Lamas); 3 a Nicolau II (Leixões) e outros tantos a Vieira (Leixões); repreensão a Horácio (Leixões); multas ao Oriental (500 escudos) e ao Lusitano (3000); repreensões ao Benfica, Beira-Mar, Almada e Marinhense; advertências a Redol (Lamas), Pereira (Juventude), Oliveira (Seixal), Délio (Tirsense), Neto (Oliveirense), Franco (Gouveia), Barros (União de Tomar), Amadeu (União de Leiria), Costa (Marinhense), Ferreira (Lusitano), Bailão (Torres Novas) e a Fontes, Almeida e Couto (todos do Lamas), Santiago (Alba), Edson (Juventude) e Silva (Nazarenos).

«TAÇA U.E.F.A.»

Em jogo a contar para a primeira «Mão» da «Taça UEFA», a equipa irlandesa do Nord Ards bateu o Standard de Liège por 3-2 ontem, à noite em Newtonards. Ao intervalo o resultado era de 2-2.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

— *CURSOS*

(COM EQUIVALÊNCIA AO C. GERAL LICEUS E COMERCIAL, DADA PELO MCPS E APROVADOS PELO MEN)

Contabilidade e Correspondente

(APROVADOS PELO MEN)

Legislação do Trabalho e Previdência Social, Contribuições e Impostos, Estenografia, Operador Mecanográfico, Operador de Máquinas de Contabilidade, Introdução à Informática e Programador de Computadores.

— *INFORMAÇÕES*

Av. Duque de Loulé, 83-3.º — telefone 5 99 93
a partir de 10 de Setembro, da 18 e 30 às 23 horas

— *INSCRIÇÕES*

10 a 21 de Setembro de 1973

A DIRECÇÃO

Necrologia

D.ª LÍDIA SIEUVE DE SEGUIER BORGES AMARAL E CAMPOS

D.ª Lídia Sieuve de Seguier Borges Amaral e Campos, confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, faleceu ontem na sua casa de Vila do Conde. Esta senhora, que era viúva do juiz conselheiro Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares Carcavelhos, era mãe da sr.ª D. Maria Leonor Sieuve Seguier Soares Espargueira, casada com o sr. Manuel da Rocha Panis Espargueira, e dos srs. juízes-conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça, Francisco Sieuve Seguier Soares, casado com a sr.ª D. Maria Cândida Malheiro Reguão Nogueira, e Alfredo Sieuve Seguier de Azevedo Soares, casado com a sr.ª D. Maria Luísa de Araújo Leite de Castro.

A ilustre senhora era natural da cidade de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, e pertencia a uma das mais nobres famílias açorianas.

Funeral a cargo da Casa Pontes de Vila do Conde.

DL/DESPORTOS

REGISTO

FILATELIA: O Clube Desportivo de Paço de Arcos inaugura, no próximo dia 16, a 2.ª Exposição Filatélica Regional. A cerimónia (que terá lugar na sede do Clube) preside o dr. Caetano de Carvalho.

ESTÁGIO: José Perides, que foi «internacional» e agora é o treinador da Associação Académica de Moçambique, vem estagiar no Benfica.

PESCA DESPORTIVA: A 6 e 7 de Outubro, em organização do Clube Atelético de Queluz, na barragem do Maranhão, teremos duas provas: a primeira (reservada a clubes convidados) denomina-se «Peixe de Prata»; a segunda, de inscrição livre, é o «IV Concurso de Pesca de Rio Inter-Clubes».

NATAÇÃO: Na Figueira da Foz, estiveram em evidência os seguintes nadadores que participam na prova «Primeira Braçada»: Rui Carrejana, Paula Cristina Faustino, Antonieta Bagorro, Luis Migiel Pereira, João Pedro Baptista, Maria José Tavares e ainda as do Clube Elvense de Natação, Leixões Sport Clube e Clube Fluvial Portuense.

CICLISMO: Amilcar Galhano, do G.D. Fogueira, venceu a XXII Volta Ciclista ao concelho de Ilhavo.

ATLETISMO: Na disputa da VII Légua de Ovar, estiveram em evidência as meninas, Rosa Mota, Olivia Elvas, Barbara Nunes, Rosa Alice, Teresa Queiroz, Conceição Rilhó e Maria Manuela.

BELENENSES: 54 ANOS DE VIDA

O Belenenses vai comemorar, com um luzido programa, o seu 54.º aniversário. As festas principiam no próximo dia 16, com a realização do «Rallye Aniversário», aberto a todos os concorrentes interessados, com partida de Lisboa e final em Peniche (percurso de 158 km) onde terá lugar a prova complementar.

Outras actividades programadas:

Dia 23: pelas 9 horas, missa na Capela do Estádio do Restelo, em memória dos sócios e atletas falecidos. Às 10 horas, hastear da bandeira no mastro de honra do estádio e, simultaneamente, uma solta de pombos, portadores de mensagem alusiva ao aniversário do clube. Às 16 horas, jogo de futebol a contar para o Campeonato Nacional, contra o Benfica.

Dia 25: Às 17.30 h, «pôr-de-sol no Tejo» oferecido a dirigentes do Wolverhampton, delegado da UEFA, dirigentes do desporto nacional, representantes da Embaixada inglesa e órgãos de informação.

Dia 26: Jogo para a Taça UEFA em que o Belenenses defronta o Wolverhampton. No intervalo exibir-se-á uma banda militar.

Dia 28: Às 21 horas «Jantar dos Campeões», em que se reúnem, no Restaurante «O Peixe», todos os atletas campeões regionais e nacionais do Belenenses. Será feita a imposição de medalhas aos atletas homenageados.

Dia 12 de Outubro: Às 21 horas, «Jantar de Aniversário», no Restaurante «O Peixe», aberto a todos os sócios. Custo da inscrição (que pode ser feita desde já na secretaria no Estádio Almirante Américo Thomaz) 120$00. Durante este jantar, serão entregues distintivos aos sócios que, nos últimos 12 meses completaram 25 ou 50 anos de associados do Clube e, igualmente, aos atletas que, ao serviço do Belenenses, atingiram a internacionalização na época 1972/73.

motor revista

AUTÓDROMO DO ESTORIL

16 DE SETEMBRO
DOMINGO, ÀS 15 HORAS

2.º GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DE MOTOCICLISMO DO ESTORIL

CORRIDAS DE MOTOS

E O ESPECTÁCULO ALICIANTE

DOS

SIDE-CARS

PREÇOS POPULARES

Bancada Central ..... 50$00 | Peão ..... 20$00
Bancada Lateral ..... 40$00 | Peão Sul ..... 30$00

Parques ..... 10$00

BILHETES À VENDA

EM LISBOA:
Agências Abep e Abelha
NO ESTORIL:
e nos
escritórios do Autódromo

Transportes da Estação do Estoril e de Sintra para o Autódromo e volta, assegurados pela camionagem Palhinhas.

ESPECTÁCULO PARA M/6 ANOS (Grupo A)

VISADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DE ESPECTÁCULOS

autódromo do estoril
O MAIOR EMPREENDIMENTO TURÍSTICO DESPORTIVO DO PAÍS

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº2 DE 16 DE SETEMBRO DE 1973

Bondiazinho — 111 22x 1xx 22x2; Brado Africano Desporto — 111 x2x 1xx 21x2; Brado Africano Ronga — 1x1 1x2 1x2 x11x; Domingo Alegre — 1x1 122 x2x x121; Passatempo — 111 212 11x x121; Revista Desportiva — 1x1 x2x 11x 21x2; Roteiro Sonoro — 111 111 11x xx12; Terceiro Programa — 111 2xx 11x 11x1; 20 Ponto D — x1x 22x 12x 11x1; Notícias da Beira — 1x1 x21 1x1 21x; Diário — 1x1 x11 121 2x11; Renovação — 111 x12 12x 2111; Açores — 111 1x1 221 x122; Folha de Tondela — 111 xxx 111 2x11; Badaladas — 1x1 221 1x1 2111; Beira Baixa — 111 x21 xx1 21x1; Boa Nova — 111 221 111 21x1; Brados do Alentejo — 111 x12 111 2x11; Cardeal Saraiva — 111 x21 111 2111; A Comarca de Arganil — 111 x21 1x1 x111; Cavalgada do Ritmo — 111 222 121 2x1x; O Comércio de Leixões — 111 121 1x1 111x; O Concelho de Estarreja — x11 x21 121 xx1x; Correio de Coimbra — 111 xx1 x11 211x; Correio do Minho — 111 1xx 11x 111x; A Defesa — 1x1 x21 x21 21x1; Às 10 espere por nós — 111 xx1 x21 2111; Diário de Coimbra — 111 xx1 1x1 211x; Diário do Minho — 1x1 x2x 1x1 2112; Ecos de Cacia — 111 x21 111 2111; Ecos do Desporto — 111 x21 xx1 x11x; Estrela da Manhã — 111 1x1 11x xx21; Eu Sei Tudo — 11x 112 111 x22x; Folha do Domingo — 1x1 x2x 111 x111; Dos Fracos Não Reza a História — 1x1 222 221 2xx2; Gazeta das Caldas — 111 1x1 11x 2x1x; A Ilha — 111 xxx x2x 211x; Imagens Piedenses — 111 2x1 x11 11x2; Novidades — 111 2x1 11x 11x2; Jornal do Barreiro — 111 xx1 x21 x1x2; Jornal da Beira — 111 xx1 x2x 21xx; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — 111 121 1x1 x11x; Jornal de Santo Tirso — 111 xx1 211 21x2; Jornal de Sintra — 111 x21 11x 211x; Jornal do Sul — 111 xx1 x11 2x12; Jornal de Viseu — 1x1 x11 x2x 11x2; Linhas de Elvas — 111 111 2x1 xx11; Litoral — x11 221 1x1 21x2; Maria da Fonte — 111 x21 1x1 211x; Mosaico — x11 x11 221 x111; O Norte Desportivo — 111 x21 1x1 2x1x; Notícias de Chaves — 111 xx1 1x1 2x12; Notícias de Guimarães — 1x1 12x xx1 21x2; Notícias de Felgueiras — 1x1 x21 1x1 2x1x; A Ordem — 1x1 xx2 1x1 x1x2; Peça que não maça — x11 221 xx1 xx1x; Povo Algarvio — 111 x21 111 2211; Presença Coimbrã — 1x1 2x1 1x1 2112; Rádio Altitude — 111 x21 111 2112; Fórmula Jota — 111 1x2 221 1211; Notícias do Totobola — 111 xx2 1x1 2x11; Último Palpite — 111 1xx 12x x122; Programa Sem Nome — 121 12x 111 2211; Só Rádio — xx1 xxx 111 2x11; Auto Rádio — 111 x11 121 2x1x; Estúdio 64 — 1x1 x1x x21 1x1x; Miscelânea Musical — 1xx 121 1x1 x11x; Manchete Desportiva — 111 121 1x1 x111; Montra do Êxito — 111 22x 112 11x1; Música e Desporto — 121 121 xx1 2112; Penalti — 111 x21 121 21x1; Placard Desportivo — 121 212 1x1 2212; O Primeiro de Janeiro — 111 x21 1x1 211x; Programa da Manhã — 111 x22 111 1xx2; Programa Sem Nome — 121 12x 111 2212; Quadrante Desportivo — 1x1 12x 111 2211; Quadrante Norte — 121 x22 1xx 2211; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Resenha Desportiva — 111 x22 x1x 21x1; Boletim Desportivo — 1x1 x1x 121 x121; Placard Desportivo Açores — 111 11x x1x 2111; Notícias de Évora — 111 x21 1x1 211x; Rádio Oceano — 111 x21 1x1 211x; Rádio Sports — 111 x11 111 2111; Reconquista — 111 x2x 111 1x11; Renovação — 111 121 x21 2x1x; Repórter do Dia — Angola — 1x1 121 1x1 2111; Revista de Som — 1x1 x21 1x1 x111; O Sorriso da Hora de Almoço — 111 221 1x2 2x11; O Mensageiro — 111 xx1 111 1x11; O Telégrafo — 111 x21 xx1 2112; O Templário — 111 121 1x1 2111; Gazeta do Zêzere — 111 121 211 2x11; A Voz Desportiva — 1x1 x11 221 21x2; A Voz do Domingo — 1x1 12x 111 2x1x; Voz de Lamego — 111 x2x 111 x111; A Voz dos Ridículos — 111 221 1x1 x1x2; Correio do Vouga — 111 x21 1x1 x112; Diário de Lisboa — 111 xx1 xxx x111; Voz do Casa Pia — 111 xx1 111 211x.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. CUF-BEIRA MAR	95	6	0	11	1	1	
2. MONTIJO-FARENSE	72	24	5	8	3	1	
3. PORTO-ORIENTAL	98	3	0	11	1	1	
4. GUIMARAES-BELENENSES	28	56	17	3	7	2	
5. ACADÉMICA-SETÚBAL	18	27	56	2	3	7	
6. OLHANENSE-BARREIRENSE	63	23	15	7	3	2	
7. CASTELLÓN-GRANADA	72	21	8	8	3	1	
8. REAL SOCIEDADE-A.BILBAU	39	39	23	5	5	2	
9. ESPANHOL-SARAGOÇA	76	22	3	9	2	1	
10. CELTA-BARCELONA	15	26	60	2	3	7	
11. SANTANDER-MÁLAGA	67	25	9	8	3	1	
12. ELCHE-OVIEDO	70	24	7	8	3	1	
13. GIJÓN-VALENCIA	46	28	27	6	3	3	

a) Nos termos do Art.º 102. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

111 X21 11ouX1 2111

bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DE ONTEM

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %		490$	490$ —
Cons 3 %		580$	580$ —
Cons 3 1/2 %		670$	670$ —
Centenários		1.465$	1.465$ —
Tes 5 % 57		1.005$	1.005$ —
Tes 5 % 59		—	— —
Exter 1ª s		—	629$ —
Extern 1ª c		635$	635$ —
Extern 3ª s		—	730$ —
Extern 3ª c		—	730$ —
Caut 3ª s		—	165$ —

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	—	—	—
C M L 5 3/8 %	—	—	1.020$
C P 5,5 % 67	—	910$	—
C P 5,5 % 68	—	910$	—
C P 5,5 % 69	—	—	920$
Corr 5 3/4 %	—	—	940$
Metr 5 3/4 %	—	980$	—
Tur 5 3/4 %	—	—	1.000$
C P 63/4 %	1.010$	1.010$	—

ELÉCTRICAS

G. 5 % 58	—	—	800$
G 5 % 59	800$	800$	820$
G. 5 % 62	—	—	—
G. 5 % 63	—	970$	—
G 5 % 64	—	975$	—
G 5 % 65	—	970$	—
G. 6 % 67	—	975$	—
G 6 % 69	975$	975$	—
G 7 % 71	1.020$	—	1.030$
H. E C. 5 %	—	—	—
H E C 6 %	725$	725$	—
H. E D. 5 %	—	930$	—
H E. D. 6 %	—	730$	—
H E N P. 5 %	—	900$	—
H E S. E. 5 %	—	750$	—
H E S E 6 %	—	—	—
H. E. Z 5 % 57	910$	—	920$
H. E. Zêz 6 %	—	780$	—
H E Zêz 6 %	—	915$	930$
N Elc 5 %	745$	740$	—
N. Elec 6 %	—	940$	—
Termoel 5 %	—	—	—
U E P 5 % 60	—	—	—
U E P 5 % 63	—	760$	—
U E P 6 %	—	935$	—
U E P 7%	1.000$	995$	1.000$

DIVERSAS

A. P T 5 % 56	—	—	860$
A P T 5 % 58	—	850$	—
Lisnave 6 %	—	—	—
Nitratos 60	—	—	—
Pet 2ª e 3ª	—	895$	—
Sacor 7 %	1.035$	1.030$	1.035$
Sacor 5 % 54	—	980$	—
Sacor 5 % 60	—	—	855$
Sid 5 % 2.ª	—	750$	—
Sid 5 % 3.ª	—	750$	—
Sid 5 % 4.ª	—	750$	—
Socel. 5 %	—	—	—
U Fabril 67	—	910$	—
U Fabril 68	920$	920$	—

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	—	—	—
Rev 5 % 57	—	—	—
Rev 5 % 59/60	—	—	—
Mocamb. 5 %	—	620$	—
Nacala 5 %	—	820$	—

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	6.600$	6.550$	6.650$
Algarve	3.610$	3.600$	3.620$
Alentejo	3.650$	3.640$	3.660$
Angola	7.100$	7.100$	7.150$
Borges&Irmão	10.750$	10.750$	10.780$
Crédito Predial	6.250$	6.200$	6.300$
EspíritoSanto	20.000$	19.990$	20.000$
Fomento	7.000$	7.000$	7.300$
F.&Burnay	—	110.000$	115.000$
Intercontinental Português	29.800$	29.000$	30.000$
N.Ultramarino-m.	—	8.700$	9.000$
N.Ultramarino-c.	11.950$	11.950$	12.000$
Pinto&SottoMayor	21.900$	21.900$	22.000$
Portugal-n	—	—	6.500$
Portugal-p.	—	—	9.900$
P. Atlântico	18.500$	18.500$	18.600$
Totta&Açores	10.990$	10.950$	10.990$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	5-9-73	10-9-73	12-9-73
GERAL	369,2	369,0	369,7
METROPOL	389,2	389,2	390,0
ULTRAM	222,6	220,8	220,6

De Seguros

Alentejo	730$	725$	730$
Bonança	23.000$	22.500$	—
Império	—	—	49.000$
Mundial	4.600$	—	4.600$
Soberana	7.200$	7.000$	7.300$
Tranquilidade	14.300$	14.200$	14.500$

Eléctricas

C P E p	—	—	—
C P E n	—	—	—
E Beiras	—	—	—
G Elec c	—	—	—
H E A A	—	—	—
H E N P	—	—	—
H E S E	—	—	—
U E P	—	—	—

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.200$	1.150$	1.200$
Ag. Incomati	—	1.920$	2.000$
Ag S. T e P	—	—	250$
Aç Angola	—	1.700$	—
Alg Angola	350$	350$	360$
Ang Agric	680$	670$	690$
Boror	290$	290$	—
Boror Com	90$	—	—
Buzi	184$	—	185$
Cabinda	190$	180$	190$
Com. Lobito	750$	740$	750$
D. A. T. 100	2.640$	2.620$	2.650$
H E. Revué	—	500$	600$
I. do Princ	—	600$	—
Moçambique	380$	370$	380$
Sonefe n	—	450$	500$
Sonefe p	500$	—	550$
Zambézia	114$	110$	114$

Diversas

Ag. Lx anl.	—	—	—
Ag Lx. 34	—	—	—
Ag. Lx. 36	—	—	—
Cel. Guadiana	—	—	—
C. Leiria p.	—	—	—
C. Tejo p.	—	—	—
F. Ramada	—	—	—
Fornos Eléct	—	—	—
P. Celulose	—	—	—
Siderurgia p	—	—	—
Siderurgia n	—	—	—
Socel	—	—	—
Cidla	—	—	—
C. U F.	4.950$	4.930$	4.970$
Intar	725$	720$	725$
Nitratos	1.600$	—	1.600$
Petroquímica	1.780$	1.750$	1.800$
Sacor	5.780$	5.780$	5.800$
Tab Portugal	8.200$	7.500$	8.200$
Tabaqueira	15.800$	15.800$	16.000$
U. F. Azoto	1.250$	1.200$	1.250$
Empor	520$	520$	540$
Ind. Aliança	—	—	1.100$
I. P. Colon.	2.050$	2.050$	2.100$
Nac. Naveg.	3.500$	3.500$	3.600$
Naveg. (Col.)	2.300$	2.300$	—
P. Pesca	—	—	1.300$
Matur	—	—	—
R. Marconi	—	—	—
TAP	—	—	—
Compal	1.300$	1.300$	—
Salvor	4.100$	4.100$	4.200$
Penina	7.000$	7.000$	7.100$
Grão-Pará	2.300$	2.250$	2.300$
Lisnave	16.000$	16.000$	—
Vidago, P. Salg.	—	—	—

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	—	484$5	499$
F. I. D E S	—	273$4	281$6

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	-$-	-$-
Alemanha Marco	9$40	9$70
América		
Dollars de 1 e 2	22$70	23$70
Dollars de 5 a 20	23$00	24$00
Dollars de 50 a 1000	23$20	24$20
Áustria Schilling	$	$
Bélgica Franco	1$30	1$36
Brasil Cruzeiro	$60,5	$73,5
Canadá	3$20	4$00
Dollars de 1 e 2	22$30	23$30
Dollars de notas gr.	22$70	23$70
Dinamarca Coroa		3$90
Espanha Peseta		4$20
França Franco	$40,8	$43,3
Holanda Florim	5$15	5$50
Inglaterra Libra	8$60	8$V()
Italia Lira	a?$00	61$00
Marrocos Dirham	$0,6	$P) ..
Noruega Coroa	$-	$- i0
Suécia Coroa	4$10	4$P.)
Suiça Franco	a$50	5$75
Ouro	7$70	8$05
Inglaterra Libra Isabel	750$00	810$00
Inglaterra 1/2 Libra	650$00	700$00
Ouro fino Barra	77$00	87$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão

MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vária
13.15 Doris em apuros
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com... o actor José de Castro
14.15 Logo à noite
14.25 Fecho.

2.º Período

19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Lassie
20.10 Sangue na estrada
20.25 Há só uma terra
20.45 Presença do passado
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Reportagem do exterior - Corrida de Touros do Campo Pequeno
00.05 Telejornal — 4.ª edição
00.10 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
20.45 Um dia com... o actor José de Castro
21.00 Doris em apuros
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Foi êxito ca TV «Randal e Hopkirk
22.50 Encontro com o passado
23.20 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e «Abbot e Costello» Desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Um ano sem domingos»
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite
14.25 Fecho.

2.º Período

19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 Diário das Fábulas
19.45 TV Palco
20.15 Cartaz TV
20.30 Presenca do Brasil
21.00 Cinemateca Leitão de Barros
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.05 Os homens de Shilon — a protecção à cidade
23.45 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 Vária
21.00 Um ano sem domingos
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Convívio musical
22.50 Encontro com o mundo — Java
23.20 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado a litoral e geralmente pouco nublado para o interior e o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	19º
P. DOURADAS	13º
COIMBRA	20º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	20º
FARO	23º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua
Máxima **31,5º**

Penhas da Saúde
Mínima **9,4º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 20,2º
Atmosfera 19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.21	3,9 m	9.55	0,7 m
16.34	4,1 m	22.15	0,7 m

Dia 14

4.51	3,9 m	10.28	0,7 m
17.05	4,1 m	22.48	0,7 m

Dia 15

5.21	3,9 m	11.02	0,7 m
17.37	4,0 m	23.22	0,7 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Sudoeste; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal no Litoral para norte de Sines.

AMANHÃ

NASCER AS 7.17
OCASO AS 19.47

DIA 19 | DIA 26 | DIA 4 | DIA 12

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio-Programa da Juventude
18.05 O convidado de hoje: Vicky Leandros
18.20 Espectaculo-Teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Zarzuela: «La Fiesta de San Anton» (Torregrosa)
20.00 Diário Sonoro
20.30 11.º Episódio do folhetim «os Fidalgos da Torre»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música só música
21.50 Dia a dia com a ciência — pelo Dr. Marques da Costa
22.10 Guitarradas pelo conjunto de António Chaínho
22.30 Ritmos de todo o mundo
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala da madrugada — por Júlia Maria
02.00 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical — 2.ª tribuna internacional dos jovens intérpretes em Bratislava (Gravações cedidas pela Radiodifusão Checoslovaca)
22.32 Dois poemas sinfónicos
23.25 Imagens, de Debussy, pelo pianista Arturo B. Michelangeli
23.55 Canções do Ciclo «A Bela Moreira» (Schubert)
00.30 Trio n.º 3, em Do Menor, Op. 101, de Beethoven
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento»
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; programa à Gô-Gô (Continuação)
00.02 Em Orbita-Dois
01.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perspectivas
03.00 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR

16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Generico
21.05 Só-Rádio
21.35 Canções que foram exito
21.45 A arauto da verdade
22.02 Uma vedeta na noite
22.15 Impacto evangelistico
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.05 Radiorama
18.00 Hora do recreio
18.25 Boletim litúrgico
18.25 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Conjuntos modernos
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13
23.05 A 23.ª hora
15.00 Noticiário

Emissores Associados de Lisboa

Clube Radiofónico de Portugal
das 6 ás 10 e das 22 ás 2

Rádio Voz de Lisboa
das 10 ás 12 e das 19 30 as 22

Rádio Peninsular
das 12 ás 14 30

Rádio Graça
das 14 30 ás 19 30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-1
(TODA A NOITE)

ALTO DE S.JOÃO
Carrondo Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef 842518)
ALVALADE
Cartaxo Av da Igreja, 21-C (Tele 776358)
Nova Lisboa R Guilherme Suggia, 12 (Tele 727721)
AREEIRO
João XXI Av João XXI 16-A (Tele 726462)
ARROIOS
Nunes Rua Angela Pinto, 32 (Tele 497556)
BAIXA
Barral R Augusta, 225 (Tele. 361534-5)
BELÉM
Ramisio Rua dos Jeronimos, 14-C (Tele 631699)
BENFICA
Lisboa Rua Claudio Nunes, 73-A (Telef 703393)
BOA HORA
Sepol Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel 681958)
CAMPOLIDE
Pátria Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel 680627)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele 688857)
CARNIDE
Leal de Matos Rua Neves Costa, 33 (Tele 780181)
ESTEFÂNIA
Estefâia Rua Pascoal de Melo 90 (Tele 44438)
GRAÇA
Santo António Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tele 862333)
LAPA
Carrasco R Presidente Arriaga, 39 (Tele 667460)
LUMIAR
São Tome Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele 780704)
MADRAGOA
Nunes Simões Rua do Quelhas, 1 (Tele 661275)
OLIVAIS
Nova Rua E, 1, Lote 469, Olivais Sul (Tele 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo R Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef 842518)
PICHELEIRA
Luzmar Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels 72835-720703)
RATO
Janeiro Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (Tele 661453)
REGO
Universitaria Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele 778953)

TURNO E-2
Ate às 22 horas

AJUDA
Teles Rua João de Barros, 2 (Tel 638249)
ALCÂNTARA
Nogueira Rua da Creche, 2 (tele 631635)
ALTO DE S.JOÃO
Oriente Rua Lopes, 120 (Tele 843381)
ARCO DO CEGO
Palma Av Duque de Avila, 25-31 (Tele 47088)
ALVALADE
Brisalia Av Rio de Janeiro, 66-A (Tele 722358)
Aviz Av de Roma 56-B (Tele 715370)
AREEIRO
Galeno Av Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele 774920)
ARROIOS
Matos Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional Rua do Salitre, 7 (Tele 46858)
BAIRRO ALTO
Viritas Rua da Misericórdia, 135 (Tele 324554-327563-4)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça Norte, 11-A (Tele 311216)
BENFICA
Sousa Estrada de Benfica, 429 (Tele 780627)
CAMPOLIDE
Gomes Rua Rodrigo da fonseca, 101-A (Tele 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique Rua Freitas Gazul 32-B (Tel 671667)
GRAÇA
Rosas e Viegas Rua de S Vicente, 31 (Tel 864351)
LUMIAR
Alameda Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele 790942)
SANTA CATARINA
Modelar Largo dr António de Sousa Macedo, 7-A (Tele 678896)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar Av Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels 768343-764629)
XABREGAS
Salter Rua de Zabregas 65-65 (Tele 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflorres, R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residêncial, dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691)
PAREDE
Grincho, Av. da Republica, 87 (Tel 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R Regimento 19-41 (Tel. 280141); **Cascais**, R Conde de Monte Real-B - Caixas (Tel 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 2 A (Tel 935518); **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel 933303); **Helénica**, R Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R Pedro Del Negro, 5-Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA
Lemos, R de Goa, 21-A (Tel 971121)
QUELUZ
André, Av Elias Garcia, 151 (Tel 950043); **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 123-A (Tel 951841)
CACÉM
Central, R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins 285 (Tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel 980058)
COLARES
Colares, Abreja (Tel 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel 224020)
ALMADA
Macedo Henriques, R Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Tel. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est Nacional 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva 88 (Tel. 2073212)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est das Barrocas, 50-A (Tel 2760182)
MOITA
Silva Rocha, P da Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO
Giraldes, R Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL
Costa, R. da Misericórdia (Tel. 22760); **Brasil**, P. do Brasil (Tel. 24788)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

2.º TURNO

SUB-TURNO

Batalha (da), Praça da Batalha, 26. **Campo (do)**, Praça da República, 118. **Costa Cabral**, Rua Costa Cabral, 1832. **Fonte da Moura**, Rua de Tânger, 1463. **Invicta**, Rua do Bonfim, 331

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292. **Fátima**, Rua Oliv. Monteiro, 475. **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696. **Gomes**, Rua Matias de Albuquerque, 243. **Sá**, Rua Vale Formoso, 161, Sarabando, Largo dos Lóios, 36

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033; **Figueiredo**, R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837);

cinemas ● cinemas ● cinemas

ROXY (Tel 48560)
14.00 - 16 30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
12.ª Semana! Technicolor. Duatin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente)

S. JORGE (Tel. 54154-54153)
21.30. Estreia
Grupo B (10 anos)
O Trinitá dos desenhos animados! «LUCKY LUKE, O DESTEMIDO». Ás 15.15 e 18.30. Ultimas: «O SELO DOURADO». Grupo C (14 anos)

CONDES (Tel 322523-326710)
14 15, 16 30 18 45 e 21 45
Grupo D (18 anos) 3.ª semana «LIÇÃO PARTICULAR» Com Nathalie Delon

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«OS TOIROS DE MARY FOSTER» e em complemento «A MALUQUINHA DE ARROIOS»

ODEON (Tel. 326263)
15.15-18 15-21.15
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
Sara Montiel no seu filme mais sensacional «A RAINHA DO CHANTECLER» Amou e pecou. Foi glória no teatro e escrava da boémia dourada de Madrid. Lindas canções.

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo B - 10 anos)
Eastmancolor - Enrico Montesano e A:LIGHIERO Nosghese «COM OS OLHOS TORTOS DE MEDO»

LONDRES (Tel 731313)
14.15, 16.30, 18 45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana
Da mulher objecto à mulher pessoa. Jane Fonda no filme de Joseph Losey «A CASA DA BONECA»
Sanck Bar Pub «The Flag» O melhor encontro gastronómico.

EUROPA (Tel 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) Technicolor
4.ª Semana
São jovens. amam-se.. e matam! «BONNIE E CLYDE» com Warren Beauty e Faye Dunaway.

CINEARTE (Tel 660446)
Encerrado temporáriamente para beneficiações

POLITEAMA (Tel. 326305)
2145.
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Karl Malden, Raf Vallone e Olívia Hussey. «UM VERÃO PARA MATAR». Ás 15.15 e 18.15. Grupo B (10 anos). «O MAGNÍFICO ROBIN WOOD». Ciclo terror á meia-noite. Ás 00.30 h. Grupo D (18 anos). «Aamnhã: «NO GUME DO PÂNICO». Sábado: Noite de pavor.

IMPÉRIO (Tel. 551345)
Estreia ás 21.30
Grupo D (18 anos)
Robert Shaw, Sally Kellerman, Mary Ure Sondra Locke. «A IMAGEM DO MEDO». Ás 15.15. Grupo D (18 anos) «A PRIMEIRA NOITE».

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Joseph Losey «A FERA ADORMECIDA»

SATÉLITE (Tel. 50595)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana!
Adrian Bogdan e Marcel Berteau «A APAIXONADA» Colorido

ESTÚDIO (Tel. 55310)
15.30, 18.30 e 21.45
A polémica obra-prima de Glauber Rocha «ANTONIO DAS MORTES» (Grupo D - 18 anos)
(Metro - Alameda)

MONUMENTAL (Tel 551310)
15 00 e 21 30
Grupo C (14 anos). Cor de Luxe 16.ª semana! 3 Oscares, 8 Prémios Internacionais «UM VIOLINO NO TELHADO»

TIVOLI (Tel 50595)
15 15 - 18 30 - 21 45
(Vrupo D - 18 anos)
Terhnicolor Um autêntico acelerador de malandrice mas «CUIDADO COM AS CURVAS»

ROMA (Tel. 727778)
15.30, e 21.45
Grupo A (6 anos)
Eastmancolor. 7.ª Semana! Les Charlots. «OS MALUCOS DA CASERNA» Todos os dias ás 18.30 h. Grupo A (6 anos). Technicolor. «PPI DAS MEIAS ALTAS». As histórias da Pippi em albuns coloridos, á venda nas livrarias Publicações Dom Quixote.

CINEMA CASTIL (Tel. 530134)
15 30, 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos) 4.ª Semana.
Gene Hackman e Al Pacino «O ESPANTALHO» (Estacionamento: Parque Castil)

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 778013)
15 15, 18.30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
Technicolor 5.ª Semana
Um filme de Hal Ashby «ENSINA-ME A VIVER». Com Ruth Gordon e Bud Cort. Hoje ás 24.00 horas. Clássicos á meia-noite. Grupo D (18 anos). «O AGIOTA» de Cidney Wmet.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
33.ª semana
«CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINITA» c Terence Hill e Bud Spencer

RESTELO (Tel. 4060475)
21.30
Grupo D (18 anos)
«OS COMBOIOS RIGOROSAMENTE VIGIADOS» c/ Vaclav Neckar e Jutka Bendova.

CASINO ESTORIL (Tel. 46264662)
15.30, 18.30 e 21.30
Geupo B (10 anos)
Cinescope-Technicolor. «OS PIRATAS DA ILHA DOS TUBARÕES». Com Charles Quiney e Stan Cooper

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45 4.ª Semana
Grupo D (18 anos) Eastmancolor
Ele seduziu as mais belas mulheres e depois... Richar Burton e «BARBA AZUL»

MUNDIAL (Tel. 538473)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) Panavision-Technicolor-2.ª Semana
Tom Tryon, Romy Sheneider e Carol Linley em «O CARDEAL»
(ar condicionado)

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) Eastmancolor
4.ª Semana com o novo fenómeno do filme em acção. Bruce Lee e «O IMPLACAVEL BIG BOSS

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30, 18.30 e 21 45
Grupo D (18 anos). 2.ª Semana!
Alain Delon e Monica Vitti em «O ECLIPSE»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CASCAIS
CIA Ruth Escolar
18 anos
«Cemitério de Automoveis»

VASCO SANTANA
21 45 (18 anos)
Cândido

VARIEDADES
21 45 (18 anos)
«Um padre á tarana»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Que medo, senhor Alfredo»

COMUNA
21.45 (14 anos)
«Brincadeiras»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Sob a sombra da outra»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«O Amante»

OLIMPIA
21.00 (10 anos)
«Mala diplomática para o Cairo» e «O bandoleiro negro»

MUSICAL ODIVELENSE
21.30 (10 anos)
«Por um dólar de glória»

MOSCAVIDE
Cine
21.00 (18 anos)
«Profissão bigamo»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«O grande conquistador»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«O Invencível»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Perseguição»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (18 anos)
«O regresso de Sabata»

ESTORIL
Casino
15 30 18 30 e 21 30 (10 anos)
«Os piratas da ilha dos tubarões»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Traficantes de sonhos»

ESTORIL
Esplanada
21 30 (14 anos)
«O caminho da aventura»

CASCAIS
S. José
21 30 (18 anos)
«Lua vermelha»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Os longos dias de Julho»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Os alegres dias de Pompeia»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Os rivais»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A 10.ª vítima»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«A Mulher e o desejo»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Ponto de encontro»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Por favor não me gastes o perfume»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (10 anos)
«Pantominas a branco» e «Acto sem palavras»

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Dois num guarda vestidos»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O jogo da cor» o vingar primeiro, amar depois»

VALE FORMOSO
15 30 (14 anos)
«O Invencivel»

AGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Big Boss» rebelde»

S.JOÃO
15.30 e 21.30 (18 anos)
«A Piscina»

JÚLIO DINIS
21 30 (10 anos)
«Continuaram a chamar me Trinita»

TRINDADE
21 30 (10 anos)
«A Queda do Imperio Romano»

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«A luz do Sol»

RIVOLI
21 30 (10 anos)
«O Expresso de Van Ryan»

ESTÚDIO
21m30 (6 anos)
«Alice no Pais ddas fadas»

BATALHA
15 00 (18 anos)
Perseguição impiedosa

OLIMPIA
21 30 (6 anos)
«A pala dos ovos de ouro»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Boy Friend»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Profissão assassino»

GIL VICENTE
21 30 (14 anos)
«O dia mais longo»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Paixão pelo perigo»

ESPLANADA
Bombeiros Voluntários
21.45 (18 anos)
«Curvas na zona»

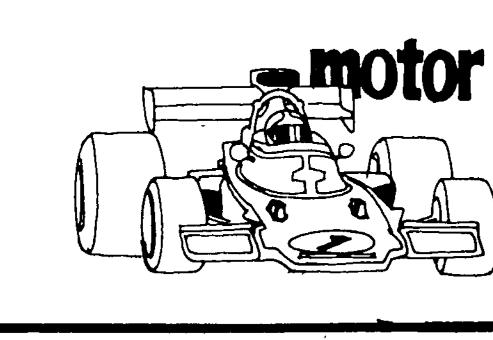
Exposições

BELAS-ARTES — Exposição permanente da organização da Sociedade Nacional de Belas-Artes (das 14 às 20 h.).

CASINO ESTORIL — Pinturas de Montoro Poza (das 15 às 3 h.)

ARCADAS DO PARQUE — Pinturas de Juliet Wilson (das 10 às 22 h)

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) — Esculturas de Benjamim Luis Lopes (das 14 às 20 h.)



BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ESPADARTE CLUB — **Sesimbra** Discoteca c peq progr de fados e musica de folclore às 2.ªs, 3.ªs, 4.ªs e 6.ªs Encerrado aos domingos **Tel. 229189.**

NINA — **Dancing** com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

HIPOPÓTAMO — Com Heider Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117**

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica constante Aberto até às 5 h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado).

CACO — **Dancing** com musica ambiente, com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Os candidatos que desistirem perdem os direitos políticos por cinco anos

É o seguinte o texto do decreto-lei relativo ao acto eleitoral, aprovado em Conselho de Ministros, a que ontem fizemos referência:

«A apresentação de candidaturas a Deputados à Assembleia Nacional deve constituir acto revestido de toda a dignidade e sujeito a séria ponderação, o que bem justifica se adoptem providências no sentido de evitar que, quer os apresentantes das listas, quer os que nelas consentirem em ser incluídos como candidatos, actuem sem o firme propósito de vir a disputar a eleição.

Providências semelhantes foram adoptadas em vários países, consistindo sobretudo na obrigação de prestação de caução, perdida a favor do Estado, quando os candidatos não obtenham na eleição certa percentagem dos votos expressos.

Não se julgou conveniente prescrever essa forma de obrigar os candidatos a disputar a eleição por estar fora dos nossos costumes, parecendo suficientes as providências agora adoptadas.

Nestes termos:

Usando da faculdade conferida pela 1.ª parte do n.º 2.º do artigo 109º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

ARTIGO 1.º Ao artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 37 570, de 3 de Outubro de 1949, é acrescentado um novo número, como segue:

Art. 8.º São inelegíveis para a Assembleia Nacional:

4.º Os que, tendo-se candidatado em eleição anterior, hajam desistido da candidatura proposta ou feito declaração pública de incitamento dos eleitores à abstenção do acto eleitoral.

Art. 2.º Ao mesmo Decreto-Lei n.º 37 570 é aditado o artigo seguinte:

Art. 81.º Incorrem na pena de suspensão de direitos políticos por cinco anos:

1.º Os que, tendo aceite a candidatura para eleição de Deputados à Assembleia Nacional, subscrito a apresentação de lista de candidatos ou feito parte da respectiva comissão eleitoral, manifestem publicamente, por qualquer meio, o propósito de não concorrer ao acto eleitoral a que se destine a apresentação das candidaturas;

2.º Os que, por qualquer meio, incitem ou aconselhem os eleitores a absterem-se de votar.»

PLENÁRIOS

OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

SANTARÉM VAI ESCOLHER OS SEUS CANDIDATOS

O Plenário Distrital de Santarém decorrerá amanhã em Torres Novas no Cine-Teatro Virgínia. De acordo com um comunicado distribuído à Imprensa pela comissão executiva do encontro, «deverá sair a lista definitiva dos candidatos a apresentar pelo círculo, que sairão de escolha a efectuar entre os democratas propostos pelas comissões concelhias.

BEJA DECIDE ESTA NOITE

Os democratas de Beja vão decidir esta noite qual a atitude a tomar perante o próximo acto eleitoral. Uma reunião plenária está marcada para esta noite, às 21 horas, no antigo café Abadia, à ruada Casa Pia, podendo assistir todos os democratas que assim o desejarem. Julga-se que, se se optar pela participação no acto eleitoral, serão escolhidos no referido plenário os candidatos que hão-de constituir a lissa oposicionista do círculo de Beja.

A.N.P.

BRAGA

BRAGA, 13 — Realiza-se no próximo sábado, em Braga, o I Plenário da Acção Nacional Popular numa iniciativa da comissão distrital daquele organismo. Presidirá à reunião um elemento da comissão central.

As sessões, de manhã e à tarde, irão decorrer no edifício da biblioteca pública.

O programa do plenário é o seguinte:

I secção — desenvolver-se-ão os temas agricultura e industria, assim especificados: — agricultura, sua reconversão e comercialização de produtos, industria — conversão de uma economia agrária numa economia industrial, problema da adaptação profissional, perspectiva da economia portuguesa no mundo.

II secção — Política-doutrinação: incentivo de participação; sectores da juventude e feminino, papel da A. N. P. na promoção de uma acção formativa.

III secção — Segurança social: perspectivas de previdência social e saúde pública.

Serão anunciados, oportunamente, os nomes das individualidades que presidem às sessões bem como daquelas que desenvolverão os temas escritos no plenário.

SETUBAL E LEIRIA

Estão marcados para o próximo domingo e para os dias 26 e 27 os plenários da ANP a realizar em Setúbal e Leiria, respectivamente. Em Beja o plenário funcionará no liceu daquela cidade, desconhece-se, por enquanto, onde funcionarão os trabalhos relativos ao plenário de Setúbal.

COMISSÕES DE BRAGA E FAMALICÃO

Pela comissão distrital de Braga da ANP foram homologadas as novas comissões de concelho de Braga e Vila Nova de Famalicão, cuja constituição é a seguinte:

Braga: dr. Teotónio Rebelo Teixeira de Andrade e Castro, presidente; dr. Edgardo de Sá Malheiro, D. Elsa Vale Machado, dr. Ernesto Antunes, José Luis Pereira Barbosa, dr. João Rodrigues Braga Simões, eng. Manuel José de Almeida, Ramiro Cursino Nunes da Silva e Raul Duarte Palafox.

Famalicão: dr. Artur Joaquim Gomes Teixeira de Melo, presidente, dr.ª D. Maria Hercília da Silva Pinto Pereira, João Mesquita de Oliveira, Vasco Carvalho Guimarães, Alberto Folhadela de Macedo Simões, José Manuel da Costa Ferreira, Liborio Ribeiro da Silva, Manuel Ferreira Gomes e Antonio Sampaio Alves.

Proibido um encontro de Monárquicos

PORTO, 13 — Por despacho de 11 do corrente foi indeferido, pelo governador civil do Porto o requerimento em que um grupo de monárquicos portugueses pedia autorização para a realização de um encontro monárquico a efectuar no sábado e domingo próximos.

NOTAS VÁRIAS

GOVERNADOR DA GUINÉ

O prof. Silva Cunha, titular da pasta do Ultramar, confere posse amanhã ao novo governador da Guiné e comandante-chefe das Forças Armadas da mesma província, general Bettencourt Rodrigues. A cerimonia efectua-se, às 18 horas, no salão nobre do Ministério do Ultramar.

TRANSPORTE GRATUITO

A Câmara Municipal do Barreiro decidiu promover o transporte gratuito, das localidades situadas fora da sede do concelho para aquela vila, dos estudantes que estejam a frequentar os cursos diurnos do ciclo preparatório do ensino secundário, da escola técnica e do liceu. São beneficiados os jovens residentes em Penalva, Coina, Palhais e Santo António da Charneca. Aguarda-se que a decisão seja homologada pela Direcção-Geral dos Transportes Terrestres.

A ITÁLIA CONDECORA DIOGO BRAVO

O presidente da República Italiana conferiu ao industrial português António Diogo Bravo a alta condecoração de cavaleiro da grã-cruz da Ordem de Mérito da República daquele país. Motivo: êxitos alcançados na sua qualidade de vice-presidente da Banca Posti.

VITÓRIA PIRES EM NEWCASTLE

Seguiu para Inglaterra o prof. Victória Pires, antigo secretário de Estado da Agricultura, a fim de participar, em Newcastle, nos trabalhos de um simpósio sobre a agricultura intensiva e o meio ambiente, promovido pelo Centro Internacional para a Coordenação das Investigações Agrícolas, instituição da qual é vice-presidente.

CONSELHO DAS CORPORAÇÕES

O dr. Silva Pinto, secretário de Estado do Trabalho e Previdência, assinou uma portaria na qual se fixa o dia 10 de Outrubro como data limite para a designação dos representantes dos organismos corporativos no Conselho das Corporações.

CONFERÊNCIA DE ENERGIA

TÓQUIO, 13 (F.P.) — Soube-se quarta-feira à noite que se reunirá em Tóquio a partir de 29 de Outubro uma conferência Mundial da Energia, em que participarão 46 homens de negócios de mais duma dezena de países industrializados, em particular do Japão, dos Estados Unidos e da Europa, assim como representantes das grandes companhias internacionais.

O principal assunto a abordar será o dos problemas levantados pela nacionalização dos haveres das companhias ocidentais decretada no mês passado pelo Líbia.

CORRIDA DE LUXO ANUAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
A que se digna assistir o Senhor Presidente da República
CAVALEIROS
MANUEL CONDE
JOSÉ MESTRE BAPTISTA
JOSÉ MALDONADO CORTES
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
F. ANDRADE SALGUEIRO
JOSÉ JOÃO ZOIO
JOSÉ VARELA CRUJO (AMADOR)
FORCADOS
AMADORES DO MONTIJO
AMADORES DE ALCOCHETE
7 TOIROS DA GANADERIA DE JOÃO RAMALHO
Grupo A - maiores 6 anos

CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 22 H.

ANGOLA MOÇAMBIQUE
Sinta-se EXPLORADOR usufruindo todas as comodidades modernas, tomando parte num SAFARI. Fique conhecendo PORTUGAL ULTRAMARINO
ATÉ DEZEMBRO
Consulte e Reserve na
WASTEELS EXPRESSO
Avenida António Augusto de Aguiar, 88 C
Tel. 42185 LISBOA

motor

LONDRES
8 DIAS
DE 24 DE SETEMBRO A 1 DE OUTUBRO
Esc. 3.490$
AVIÃO + HOTEL DE LUXO + PEQUENOS ALMOÇOS + VISITA DA CIDADE
VIAGENS RAWES
LISBOA Correspondência R. Bernardino Costa 47
Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
FARO — Rua Conselheiro Bivar 72 Tel. 23195/6

PINÓQUIO
Informa os seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores, que no próximo sábado, dia 15, encerra o seu estabelecimento e armazéns, por motivo de uma Festa de Confraternização, reabrindo na segunda-feira, com os habituais PREÇOS de SALDO.

NOVOS CURSOS
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
LISBOA * COIMBRA
T. 533733 T. 23173

VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp, 11/Telef. 563401/Lisboa
obtenção urgente de passaportes

MÚSICA
SURREALISMO
ESCRITA
E POLÉMICAS

SUPLEMENTO LITERÁRIO

INTERVENÇÃO CRÍTICA

FERNANDO LUSO SOARES

"A BAGAGEM DO VIAJANTE", de José Saramago

Deveríamos fixar de início uma observação que considero importante. Em «Deste Mundo e do Outro», primeiro livro de crónicas de José Saramago, já o seu autor nos prevenia quanto às linhas essenciais daquele seu género de textos literários. E logo na dedicatória. Aí, com efeito, nos dizia que de certo modo eles constituíam um «poema», uma «autobiografia» e uma «meditação». Pois, na verdade, estes três conceitos-chave continuam hoje a presidir à estrutura do volume que me vai ocupar. As novas crónicas com que deparamos nas aliciantes e enternecedoras páginas de «A Bagagem do Viajante» reafirmam a mesma simultânea natureza tríplice. Também aqui elas se nos mostram como um poema (de muitos poemas), uma vida e uma reflexão.

José Saramago retoma este género literário, que entre nós fez tradição de carreira brilhante desde um Cavaleiro de Oliveira, desde um Ramalho, um Eça e um Fialho, e mais recentemente com Irene Lisboa, José Rodrigues Miguéis, Urbano Tavares Rodrigues e Manuel Mendes. Fá-lo com tal simplicidade e agudeza de espírito que _ mau grado certos exemplos de fatuidade de folhetinista que por aí pulularam em tempos ainda não muito distantes _ o seu caso é suficiente para negar aquela asserção pessimista que se lê na rúbrica «crónica» do «Dicionário de Literatura» dirigido pelo professor Prado Coelho. Inscreveria João Pedro de Andrade esta sentença sem dúvida merecedora do nosso repúdio: que a crónica não detém hoje a preferência dos escritores e entrou, como género literário, em franca decadência. A leitura de «**A Bagagem do Viajante**» _que representa, a meu ver, uma ascensão relativamente a «**Deste Mundo e do Outro**» aí está para impugnar tão negatório veredicto.

No primeiro destes dois livros Saramago esclareceu-nos (a págs. 141) ser pessoa definida, muito em particular, pelo seu «vício de pensar historicamente». A fórmula é curiosa. Aproveito-a para, por meu turno, procurar compreender os seus textos de prosa (aliás inegáveis parentes poéticos de «**Os Poemas Possíveis**» e de «**Provavelmente Alegria**»). Para isso devemos partir da sua chave fundamental, de que aliás no volume que neste momento temos em questão se dá advertência, logo na própria dobra dianteira. Estas crónicas de José Saramago são efectivamente o seu dever de obra de arte como «ser e agir».

Arrancando de uma base telúrica que se explicita muito claramente na sua integração em elementos naturais, aceitando chãmente a sua alma familiar, marcada sem retóricas pretensiosas de estirpe (a título de exemplo «Carta para Josefa, minha Avó», do primeiro livro, e «Retrato de Antepassados» deste mais recente volume); protestando a cada passo um ror de reivindicações morais com toda a força da sua incomparável ingenuidade (a que alude a págs 75 e que tanto o caracteriza); ilustrando ainda o modo como a consciência se pode, e deve, libertar dos tabus sociais que no nosso país se constroem por exemplo com grande consumo de maiúsculas (a págs 144); e servindo-se sempre de uma ironia expressamente confessada (a págs 170) e que é a sua mais penetrante arma de ser e agir pela crítica _ eis enfim o cronista José Saramago nas suas linhas que, do ponto de vista humano e intelectual, me parecem essenciais. Uma análise estrutural que (com espaço e tempo a condizer) se fizesse das crónicas de Saramago revelar-nos-ia, sem dúvida, a par de uma linguagem que prima pela simplicidade, um inventário sociológico. Este colhe-o o leitor, sem dar por isso, sob o convite irrecusável de toda a poesia que lhe rescende e da mensagem de ternura que nos comove.

Mas tínhamos dito (ou melhor reparado) que Saramago aludia, em determinado passo, ao seu «vício de pensar historicamente». Pego-lhe então de novo pela palavra, com vista a constatar uma outra coisa que parece não ser desinteressante. Naquela síntese reside, a meu ver, a característica número um das crónicas de «**A Bagagem do Viajante**» título que, por si só, já significa uma ideia de movimento.

Por vezes (quantas vezes) as crónicas falseiam-se com as simples invocações saudosistas do passado. Noutras, elas consomem-se na efeméride do dia que morre ao fim do dia, já que nada podem traduzir como acção que abre a porta para a jornada seguinte. Falta-lhes o serem o resultado de uma **praxis** intelectual _ e é esta praxis, precisamente, o que sem dúvida informa e estrutura o tipo de crónica de José Saramago. Por outras palavras quereria dizer o seguinte: que não obstante falar, e não pouco, de pessoas, factos e coisas do passado, as crónicas de José Saramago nada têm a ver com o simples memorialismo. Vejamos mais explicadamente.

Em termos gerais eu diria que as «memórias» ligam um presente a um passado, enquanto as «meditações» ligam o passado a um presenta. Eis aqui o modo dos livros de Saramago, dominados por um modelo de comportamento, o seu tal vício de pensar historicamente. Enquanto as memórias constituem muito mais uma evocação do tempo ido, só para realizar a directa situação do passado em si mesmo, as meditações (se bem que naturalmente utilizem elementos residuais da memória) situam-se no presente e pelo presente. Podem até as memórias ser escritas com intenções pragmáticas, a título de força dos bons e historicos exemplos. Mas não logram constituir-se reivindicações éticas ou sociais. Isso é característico da meditação no sentido moderno do termo nesse sentido que vem desde «**Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire**», de Jean-Jacques Rousseau.

As meditações implicam um agir no presente. Para mim o «meditante» no verdadeiro sentir da palavra (o qual se aplica a Jose Saramago com plena justificação) passeia agindo. Os mais espessos, que o circundam, podem não dar por isso já que não são sensíveis àquela harmonia das esferas de que nos fala Heraclito. Os anti-intelectuais também não, sem repararem em que, querendo transformar o mundo pela acção dialéctica, estão amputando um dos braços (o intelectual) tão importante como os restantes. E os demagogos, para os quais a acção é espalhafato, também de certo não darão pela eficácia da meditação.

Repito mais uma vez, em suma, que a praxis do intelectual é a acção da sua inteligência Bem haja José Saramago por uma das mais valiosas crónicas deste seu último livro, intitulada «O Ódio ao Intelectual» (a págs 110) onde nos dá conta deste inteligente desejo: «Ora, se me permitem, gostaria de exprimir aqui o voto: o de que chegue a este País o dia em que todos os seus habitantes sejam intelectuais, o dia em que o exercício continuado da inteligência seja, não um privilégio de poucos, mas a natural realização de todos. Não vejo por que há-de ser sempre incompatível o desempenho de um ofício dito manual com o estudo contínuo, o esforço da inteligibilidade, que caracteriza (ou deverão caracterizar) o intelectual».

Com efeito, acrescentarei eu ainda, só um equívoco que certa demagogia arrasta (burguesíssimo, aliás, ao contrário do que se poderá pensar, quando não e sempre até de natureza idealista) só um equívoco pode sustentar a ideia **muito pouco dialéctica** de que a prática não abrange, em si própria, a teoria _ ou, por outra forma de dizer, que o exercício de intelecto não constitui a prática do intelectual.

Volto a achar curiosa esta aproximação que define um tipo. As meditações de Rousseau eram as de um passeante solitário. Um livro de um homem com o seu optimismo em risco, mas que o recupera por meio do seu amor da justiça social, do humanismo, da natureza purificadora dos sentimentos desinteressados. Pois também as crónicas de José Saramago (estarei com isto a dizê-las rousseaunianas sob certos aspectos...) são viagens são passeios, representam movimento. São um certo «ruminar filosofias», como se dizia já a págs 155 de «**Deste Mundo e do Outro**». São enfim _ com o bordão de providência dos cronistas que, na verdade, é a associação de ideias (cfr. a págs 182 do segundo volume destas crónicas) _ as deambulações solitárias: «Quero eu dizer na minha que estas crónicas são também os dizeres de um falasó» declara o autor a págs 85 de «**A Bagagem do Viajante**».

Mas quero ainda recortar uma passagem do seu livro anterior, que nos reafirma esta ideia de movimento, de viagem pelo contingente com que se depara, pelo inesperado que se interceota. Veja-se a págs 49 de «**Deste Mundo e do Outro**» uma passagem bem significativa: «Crónicas, que são? Pretextos ou testemunhos? São o que podem ser... Mas fosse o Garrett a escrevê-las e outro galo cantaria! Pois (agora é que eu chego) o melhor das **Viagens** e exactamente a viagem _ a crónica.

Quanto a mim, julgo que esta passagem interfere na genese do título deste segundo livro de crónicas de Saramago «**A Bagagem do Viajante**». Não a memora que se recupera para comprazer o saudosismo à antiga-portuguesa. Antes o amor à vida que se incompatibiliza com o sono da consciência. O cronista é aqui uma inteligência serenamente (poeticamente) viva. Um amor inquieto. Uma sequela incessante das razões de ser e de se poder ser eticamente melhor.

Nesta ordem de ideias diria ainda que o processo meditativo que se nos revela característico de José Saramago entrelaça, nas margens do poético, o fio de dois elementos: o sentimento e o conhecimento. Ao mesmo tempo a poesia impregna-se nos textos como a força luminosa do todo, agudizando a optica do cronista

Não será isto que Saramago quer referir enquanto a págs 38 alude à «atenção doentiamente aguda» que empresta às coisas? E não estará na sua base a infância, já que o seu esforço para começar a descobrir o sentido da vida lhe vem quase dos primeiros passos?... Aqui estaria uma possível semelhança com o processo autobiográfico de Sartre ao esvrever «**Les Mots**». São os retratos de antepassados (págs 11). O mergulhar no tempo da meninice (págs 17). A interrogação sobre o tamanho do tempo no tempo da meninice (págs 19). A infância como mito de um paraíso perdido (págs. 21). Enfim, a memória dos primeiros anos de existência, que teima em se insinuar como um tropismo (pág 36).

Paladino da inocência, José Saramago revê na **criança-pequena** o espírito de D.Quixote (uma **criança-grande**) liberto dos artifícios hipócritas que a existência social dará ao homem. Talvez aqui esteja mais uma coordenada rousseauniana. Estou a pensar na narrativa maravilhosa que Saramago nos dá em «História para Crianças», de págs 62 desta singular «bagagem do viajante», tão prenhe de riquezas humanas, onde _ muito mais significativo do que o menino que queria a Lua, do belo conto de António Botto _ este outro saiu da sua aldeia para, sem o constrangimento dramático de Sisifo, corajosamente, ingenuamente, subir mil vezes a montanha para dar água à flor solitária nascida no cume das escarpas.

O livro de José Saramago constitui uma verdadeira teoria da descoberta do real pela ingenuidade. E também pela ironia, que é afinal uma forma ingénua de se ser adulto e crítico. Teoria entendida pelo desvendar do circunstancial na pluralidade das suas manifestações, mas sempre sob uma perspectiva característica. A multiplicidade das relações humanas postas em análise, às vezes traduzidas pela parábola e pelo alegórico, sempre contudo reconhecidas como produto de um trabalho («cada um de nós é, acima de tudo, filho das suas obras» _ escreve Saramago a págs 11 deste seu último livro), faz-me também lembrar outro ancestro do seu processo, que encontro nas «**Meditaciones del Quijote**», de Ortega y Gasset. Nestas meditações talvez tenha sido a primeira vez onde, de modo igual ou semelhante ao que hoje pratica o autor de «**A Bagagem do Viajante**», se realizou aquilo a que o filosofo espanhol chamou a «salvação» do sentido das pessoas, das coisas e das relações entre os seres. Por meio dela, dado um facto _ um homem, um livro, um quadro, uma paisagem, um erro, uma dor _ aí vai o meditador pelo seu caminho mais ou menos curto, mais ou menos poético, para «a plenitude do significado».

Então o mundo é grande e exige uma constante descoberta: «...um mundo que julgávamos tão pequeno _ lê-se a págs 144 de «**A Bagagem do Viajante**» _ e que, afinal, tem o seu tamanho multiplicado pelo número infinito de instantes que o formam, juntos, o tempo do mundo». Eis como é possível, numa narrativa simples, sadia e ao mesmo tempo dialéctica, falar do tempo como categoria da matéria. •

opal

disponha dos nossos salões de exposição
e comprove V. mesmo a perfeita audição

SONY

uma excepcional sensação de realismo proporciona-lhe o conforto necessario para se deleitar com a sua musica preferida Temos o maior gosto nisso Visite nos na RUA DE BOLAMA NO PORTO NA RUA FERREIRA DA SILVA EM LISBOA OU NOS NOSSOS REVENDEDORES AUTORIZADOS EM TODO O PAIS

SONY. TEM HOJE O SOM DE AMANHÃ...

Representantes E.A.CAMPOS & Cª Lda Departamento SONY Rua Ferreira da Silva, 9 LISBOA Rua de Bolama, 109-117 PORTO

LER DUAS FOTOGRAFIAS

Fascinado por estas duas fotografias quando colocadas lado a lado, talvez a leitura pública delas me liberte desta quase obsessão ou, quiçá, ajude a compreender o porquê dela.

A primeira constatação: o casal da fotografia da esquerda é o mesmo da da direita. Entre esses dois instantâneos, provavelmente não executados para fins estéticos ou documentais mas só exprimindo o momento da efeméride, decorreram quinze anos. A primeira fotografia foi tirada por volta do ano 1915-1916, a outra seguramente em 1930. Se nos interrogarmos sobre o carácter essencial que define o tetrato correspondente ao ano de 1915, embora estejamos de modo provável no segundo ano da Guerra Mundial__e o casal da imagem vive no seio do Império Austro-Húngaro, belicoso e militarmente comprometido __ somos trentados a pensar numa situação pacífica, alegre, mundana, serena com laivos de frivolidade, e quilibrada com certo brio; talvez uma palavra exprima tudo melhor __ a festividade, **a festa**. Trata-se, de facto, de festa concretamente? Não sabemos. Visto que o homem do retrato está com o chapéu posto, a cena presume-se no exterior. No exterior da sala da festa? Antes dela, depois? Ou não terá sido colhido este instantâneo nas corridas de cavalos? A situação das pessoas atrás do casal parece nstática de mais para a multiplicidade dinâmica das corridas, embora possa acontecer que os do segundo plano perteçam a uma família ou a um grupo que forma no campo dinamico um conjunto tranquilo, talvez, até para ser fotografado. Mas haverá corridas, lá, a 8 km de Praga, no famoso e tradicional lugar de Chucle, durante o conflito militar? A confirmar através dos velhos jornais! Em 1915, porém, é provável que a vida civil continuassse ainda do mesmo modo como se nada sepassase, tendo esperança numa guerra curta e vitoriosa para a s armas dos Poderes Centráis. Todavia, se não se trata de uma fotografia nas corridas de cavalos, que outra festa ou solenidade, talvez mais íntima no fim de contas, podemos imaginar? Um casamento? Ou antes, um noivado? A confirmação (Bar-Mizwah) de um rapaz, filho de amigos?

Relativamente à descrição (e irradiação) do ambiente, e outra fotografia não deixa lugar para grandes dúvidas. Estamos num parque durante um passeio, provalvelmente habitual e perto de casa, agora interrompido a pedido do fotógrafo; e embora ou arbustos floridos ao fundo dos retratados indiquem que o passeio não se poderá ter realizado antes do meio do mês de Maio nem depois dos primeiros dias de Setembro __estamos em Praga __ os casacos de meia estação testemunham o frio da **saison** interior, numa palavra: **o alto outodo casal.**

Há coisas e fenómenos em comum entre a **festa** de 1915 e o **alto outouno** de 1930. Por exemplo:

. A bengala __ apesar da bengala da festa ser ornamental, evidenciada, para ser vista e a outra instrumental, antes escondida;

O colarinho duro do homem, embora de forma levemente diferente segundo a moda, e cuja medida idêntica, comprada segundo o hábito, não serve bem ao pescoço emagrecido do ano de 1930;

a pérola da gravata;

os sapatos são de forma igual, escuros, bem engrasados.

Quanto à senhora:

a mão esquerda está no mesmo repouso tranquilo, modesto passivo não desprovido de feminilidade;

o calçado e a mala são invisiveis na fotografia de 1915, mas o gesto de levar a mala na mão parece idêntico ano de 1930.

Há evidentemente diferenças; entre elas, talvez a mais notória seja a relação de altura entre o casal. É possível que, graças aos saltos altos e ao chapéu da pluma a diferença real se afigure menor em 1915. Todavia o abaixamento manifesto dos ombros da senhora na fotografia de 1930 pode ser índice, em última análise de consequências bilógicas do **alto outono** que, no caso dela, se expressa então em diminuição de altura. Outro elemento sinalético de diferença consiste no facto de que na primeira imagem o marido está à direita da mulher __ o que na Europa Central corresponde indiscutivelmente a uma certa solenidade ou ostentação do cumprimento do protocolo relativo aos casais, enquanto que, no jardim público, o marido está à esquerda da mulher, isto é, a relação mútua é de intimidade, do particular, do não público; assim ditam as velhas leis da velha galanteria dos namorados quando ainda constituem uma ilha fora do mundo estabelecido. Neste caso concreto, a posição do homem à esquerda da esposa sugere o regresso humilde e melancólico dos isolados (vem de ilha), dos isolados de facto, talvez involuntários, talvez lembrados simbolicamente da solidão, mas estão felizes dos tempos passados.

Quem tirou as duas fotografias? O mesmo fotógrafo? É duvidoso. Porém, mais uma vez não sabemos. Mas que se passou, digam por favor que nesse relativamente curto lapso de tempo __ quinze anos __ as diferenças das expressões constituintes, uma de **festa**, outra de **alto outouno** traduzem muito mais do que se pode supor das diferenças enunciadas; entre as duas fotografias, eis um abismocomo que após um confront dramático, um abismo cujo conflito originário ainda paira, encoberto mas evidente. Uma realidade dilacerante, inextricavelmente escondida, lavrou o que temos dificuldade em rete Que realidade? De novo não sabemos.

Sabemos, o que é bem pouco, o seguinte: que os fotografados são os pais de Franz Kafka. Em 1915, o homem elegante, de flor na lapela, seguro no seu lugar, era ainda o **Pai** da famosa carta do escritor, em 1930 era apenas aquele cujo filho morrera, talvez então um orfão ao contrário. Se as contas dão certas, o autor de «O Processo» (que escrevia esse texto enquanto tiravam o retrato do Pai na festa, em 1915) morreu entre as duas fotografias, no meio invisível delas, no intervalo. Mas sinto que concluir disso algo mais, significaria ir além do permitido; moralmente autorizada é apenas a pura leitura das duas fotografias, colocadas lado a lado num encadeado de vida e de morte que é aliás comum a todos os documentos arrancados ao tempo.

JORGE LISTOPAD

A IDEIA QUE MALRAUX SEMPRE FEZ DE MALRAUX

. Escritor, jornalista e professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris, Jean Lacouture, uma das penas mais férteis do nosso tempo e também a que com mais frequência nos surpreende, é o autor de um recente *André Malraux, une vie dans le siècle (1):* 450 páginas densas e profusamente documentadas sobre esta «vida do século» que é a existência (real e imaginária) de um homem de acção e de talento nascido na sua primeira aurora, em 1901.

Para Jean Lacouture, Malraux é um dos últimos heróis vivos do nosso tempo e porventura o último «grande» deste século de «gigantes»; «com excepção de Mao Tsé-Tung», diria o próprio Malraux, «esquerdista» e inconformista que o tempo, a história e a evolução dos sistemas políticos haviam de conduzir à opção conformista do poder, seduzido (e seductor?) pelo homem que encarnava o poder político na França recentemente libertada. Atitude que coloca o homem em contradição flagrante com as suas lutas passadas mas não com a ideia que Malraux sempre se fez de Malraux: igualar os ídolos da sua juventude (e da idade adulta) que no correr dos anos (e das ideias) se foram eliminando uns aos outros: Pascal, Saint-Juste, Stendhal, Baudelaire, Karl Marx, Dostoievski, Nietzsche, Lawrence, Max Jacob, Trotski e Mao Tsé-tung. De Gaulle, como diria Malraux, é outra história... De Gaulle é o pólo de uma situação concreta e bem determinada, o vértice de duas convergências ideológicas que se disputam o poder após terem-se «disputado» a libertação do país. De Gaulle é a opção definitiva, imposta pela trama dos partidos, o catalisador de um momento histórico que a todos impõe a mesma intransigência. Para André Malraux, De Gaulle é o fim do imaginário e o começo do real, a História oposta ao romanesco, o poder sucedendo (logicamente?) à aventura. Tal poderia ser a síntese do estudo de Jean Lacouture que, a passos delicados e subtis para melhor se apoderar e envergar a pele do lobo), nos conduz através das mistificações do«farfelu» Malraux para melhor nos ajudar a compreender o homem Malraux e as suas diversas «metamorfose ». Assumindo-o para melhor o sitiar, despojando-o de todos os artifícios caros ao autor da *Condição Humana*. Mas o leitor julgará facilmente os métodos de investigação de Jean Lacouture, que muito devem em estilo claro e desenvolto da reportagem.

O seu livro lê-se, aliás, como tal: como um acontecimento surpreendido no seu sono (imaginário) ou um romance (real) de André Malraux. Do entusiasmo pelo desconhecido ao prazer da descoberta. Sobretudo tratando-se de uma personagem que é, sem dúvida nenhuma, a mais caracterizada (característica?) do romancista Malraux: ambíguo voluntário, duplo de si mesmo que, à força de querer (e de lutar) conseguiu o que tantos procuram em vão: viver duas vidas numa vida só. Viver uma vida cheia, total, conseguida.

Com efeito, Malraux «são» dois: o homem de acção e o homem de gabinete. O jovem e o adulto. Ou melhor: o jovem «farfelu» que soube orientar o seu destino com a decisão e a maturidade de um adulto. Inteligentemente. Como se todo o seu destino tivesse sido previsto desde os tempos da sua primeira aventura na Indochina (empunhando a serra contra os baixo-relêvos do templo de Angkor) ou traçado nas linhas da *Voie Royale,* dos *Conquérants,* da *Condition Humaine* e do *Espoir!*

. Malraux: mito ou realidade? Para Jean Lacouture, a realidade do homem teria (voluntariamente) deixado entrar o mito na sua realidade. Como o verme no fruto... E segundo as necessidades de uma legenda que se ia tecendo à sua volta e na qual o «coronel» dos céus de Espanha e dos «maquis» da Alsácia, fiel à sua reputação (legendária) de «lugar-tenente de Borodine» se se deixava voluptuosamente envolver __ personagem (irreal) de um sonho (real) projectado no espaço imaginário da sua existência de homem e de escritor. Garine é Malraux recriado, um revolucionário «qui n'a pas à définir la Revolution mais à la faire». E sob o nome de Garine Malraux esboça o retrato vigoroso de um moderno Saint-Juste: imitação do herói que acarinha e admira acima de todos os outros, que tal é (e a tanto obriga) a perspectiva malraussiana __ formidável mecanismo intelectual capaz de transformar a impostura em realidade e de legitimar o imaginário em desabono do real. Atitude estética (e profética, como tantas vezes se disse) que Clappique resumiu numa simples frase da *Condição Humana*: «Ce n'est ni vrai ni faux, c'est vécu». Assim cresceu e se impôs um mito que, mesmo falso (não vivido) se fez realidade na vida (primeiro sonhada, depois vivida) de um homem resoluto, consciente da legitimidade da sua revolta e do poder inflexível das suas armas: uma inteligência generosa e lúcida a par de uma prosa aguçada e original, disposta a abrir brecha sobre brecha em dois campos de batalha simultâneos. Tal é a realidade de uma aventura humana extraordinária em que a inteligência e a coragem surgem constantemente nas primeiras linhas. De admiração por Max Jacob a Karl Marx e de Trotski a De Gaulle: degraus sucessivos da *condição humana* de um *conquistador* que vai talhando com as suas próprias mãos, imperturbavelmente, a sua *via real*...

ALCIDES DE CAMPOS

1) *Editions du Seuil,* Paris-1973.

AMEAÇA DA ESCRITA

(à margem de um texto de Nelson de Matos)

Entre constestation, mise en jeu des valeurs, mise en question, je ne puis admettre de différences.

Georges Bataille, «Sur Nietzsche»

La structure de la violence est complexe et sa possibilité __ l' écriture __ ne l' est pas moins.

Jacques Derrida, «De la grammatologie»

Tratava-se, neste momento, diferencialmente, uma ofensiva cultural (política) extremamente inquietante: por um lado, a banalização asfixiante de todo o processo literário, que as colunas de « etc» e do «Expresso» demonstram amplamente. De outro modo, textos e intervenções como os de Nelson de Matos (1) sinalizam a **crise prática e teórica**, mas embaraçam-se nela, continuando experiências e lugares comuns de repetição. O texto de N.M. denuncia a sua posição, daí a invisibilidade e a elipse da sua implicação, do seu silêncio, dos seus interditos. Dir-se-ia que não podia deixar de ser desse modo. Como se tentará demonstrar. Estamos fartos da linguagem dos balanços, é preciso é balancear a própria linguagem, descentramento e não. A impunidade é o sintoma nuclear do espaço literário português. Repare-se como Vergílio Ferreira se empertigou sempre a combater o marxismo, e por outro lado, o **fenómeno de burocratização** paralisou, sine die, infalivelmente, experiências como as de Óscar Lopes e de um núcleo teórico que teoriza na «Seara Nova» do malogrado Jofre Amaral Nogueira a Sottomayor Cardia, José Tengarrinha e Barradas de Carvalho, por exemplo. Tudo isto tem a sua justificação teórica e política, como um texto várias idades. Como projecto de repetição cujos índices fundamentais se podem já localizar em «A Leitura e a Crítica», as linhas de força estratégicas de N.M. fazem circular as suas próprias limitações. Assim, surgem as oposições frontais entre os seus projectos de **desconstrução ideológica** e **teórica** e os modos de equação dessas questões. O seu discurso mobiliza, até à exaustão, os sinais teológicos mais comovedores: a supremacia da palavra; do acto de falar em transcrição; da impressão subjectiva ou da citação, onde se reflecte a metafísica da presença e do sujeito. É a fraqueza a insignificância irremediáveis de intervenções deste tipo que Jacques Derrida desconstrói poderosamente: «A ética da palavra «viva» seria perfeitamente respeitável, tão utópica e atópica como é (isto é, desligada do espacejamento e da diferença como escrita), seria respeitável como o próprio respeito se não vivesse dum engano e do não-respeito da sua condição de origem, se não sonhasse na palavra, com a presença recusada à escrita, recusada pela escrita. **A ética da palavra é o engano da possessão da presença»**. (Jacques Derrida, «De la grammatologie», p. 201). Não se compreende como se pode fazer a desmontagem da «crítica» literária em Portugal através da escassez e divergência qualitativa das referências, de Francisco Bronze a Eduardo Prado Coelho, Nuno Júdice e J.A. Osório Mateus. N. M., misturando arbitrariamente práticas significantes tão diferentes, projecta, fantasticamente, citações de Roland Barthes e referências opacas às posições estéticas de J. F. Lyotard e Michel Foucault. Gérard Genette **e sobretudo J. Derrida desarmaram a seu tempo (21 de Outubro** de 1966, «La structure, le signe et le jeu dans les sciences humaines», artigo inserto in «L' écriture et la différence», livro composto em Dezembro de 1966), a lógica pré-marxista de colagens como as de Nelson de Matos: **mito-logias**. Como uma operação textual só se efectiva a partir do trabalho conceptual, em progressão múltipla. Ora N. M. não aprofundou nunca o que no programa de «A Leitura e a Crítica» se propunha ou expunha fazer e articular: **o modelo «Tel-Quel»**. Desde 1967 até hoje, o texto (decalcado e mal de um original de Ph. Sollers, ver «Logiques», p. 9-14) e a combatividade do grupo «Tel-Quel» sofreu várias rupturas: a saída de Jean-Pierre Faye; o corte ideológico com a «Nouvelle critique»; o movimento de Junho de 1971; a saída de Jean Ricardou e a de Jean Thibaudeau; a mutação epistemológica dos textos múltiplos de Ph. Sollers, Julia Kristeva e Roland Barthes, sem dúvida alguma sob o impacte da publicação de «O Anti-Édipo» de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para lá de tudo isto, que ou não é compreendido ou é mal perspectivado por Nelson de Matos, radicam-se, pragmaticamente, com o peso de toda uma poderosa colonização cultural e económica, os trágicos e repetitivos processos culturais estilo nova cultura-anticultura: « etc».

La plus grande force est celle d' une écriture qui, dans la transgression la plus audicieuse, continue de maintenir et de reconnaître la nécessité du système de l' interdit (savoir, science, philosophie, travail, histoire, etc.). L'écriture est toujours tracés entre ces deux faces de la limite.

Jacques Derrida, num texto sobre Georges Bataille.

Em relação à prática (teórica e de divulgação) de Eduardo Prado Coelho, sem dúvida nenhuma, e talvez inevitavelmente, contraditória, flutuante e eclética, já hoje é possível, através de exemplos múltiplos, ver o **trabalho** do **erro** e do **rigor**, a **estratégia** e a **aventura**, e sobretudo os **métodos** das suas questões, que têm o **mérito impressionante** de se afirmarem **exorbitantes:**

A) No prefácio da «Antologia de Estruturalismo», modelo exemplar de trabalho e de orientação pluridisciplinar para a época (1968), a apresentação das diferentes correntes da Linguística é quase perfeita e exaustiva. Mas as referências aos discursos de Barthes e Derrida e o grande silenciamento sobre trabalhos como os de Jean-Joseph Goux, J. Kristeva e Ph. Sollers, sobre o materialismo dialectico e as questões de leitura e escrita, posição de sentido, são extremamente decepcionantes.

B) As análises sobre o espaço literário francês, dispersas nos volumes «O Reino Flutuante» e «A Palavra sobre a Palavra», o nível do seu rigor, crescem com o desenvolvimento da sua prática. Mas nem sempre as rupturas são assinaladas com nitidez e há uma oscilação heterógenea. Fracas as apresentações teóricas das problemáticas hegelianas de M. Blanchot, G. Bataille e P. Klossowski. Sobre o nível de intervenção dos grupos «Tel-Quel», Cahiers pour l' analyse» e «Cahiers M. L.», são também bastante superficiais e deslocadas as intervenções produzidas.

C) A polémica com António-Franco Alexandre em «O Tempo e o Modo» (Fevereiro/Março de 1968) veio denunciar o grau elementar e o eclectismo difuso da prática literária de E. P. C. até aí. A.-F. A. assinala a descontinuidade efectiva entre a análise ideológica da literatura por E. P. C. e os objectivos, cientificamente inexistentes, que ela, em transformação e adaptação ecléctica (na ausência de «corte epistemológico», que contudo Jacques Derrida diz que não acredita muito: ver «Positions», p. 35), queria impor.

D) A polémica com Vergílio Ferreira, nas colunas do S. L. do Diário de Lisboa, em Abril/Maio/Junho de 1968, centrada nas interpretações em torno de «As Palavras e as Coisas» de Michel Foucault, em breve alastra a todo um círculo de saber e ciência, impropriamente denominado Estruturalismo, onde se destacam as intervenções de Louis Althusser e o seu grupo da E. N. S. na tentativa de revisão do M. D.-M.H.; a de Jacques Lacan nas transformações da ciência freudiana; a de Claude Lévi-Strauss em linguística e antropologia; a de Michel Focault na crítica das ciências humanas; a de Roland Barthes em literatura. Através de um complexo jogo de conceitos (cf. causalidade metonímica, causalidade estruturalidade, causalidade estrutural, inconsciente, práticas significantes, corte epistemológico, etc.), E. P. C. consegue denunciar o idealismo pré-marxista e freudiano de Vergílio Ferreira. Com base num artigo histórico de Alain Badiou, na argumentação cerrada de Lacan, Michel Tort, J.-Alain Miller (psicanálise) e no revisionismo cientista de Althusser, E. P. C., de certa maneira, implantou o recomeço do materialismo dialéctico entre nós.

E) A polemica com Maria Helena Mateus, na «Mesa Redonda», suplemento do «Diário de Lisboa», em Junho de 1970, sobre linguística e ideologia, revela a crítica do formalismo chomskiano, por parte de E. P. C., num texto em que a presença das teses de Michel Foucault, em a «arqueologia do Saber», sobre a ideologia das práticas discursivas, exerce invisivelmente a sua irradiação fulgurante.

F) A polemica, em 1972, com dois redactores do ex-mensário literário «Crítica», Eduarda Dionísio e Helena Domingos, a propósito da função da crítica literária, revela-se-nos importante como nova fase de combate de E. P. C. contra as tendências formalistas que, a partir daí, se aliaram com o revisionismo.

G) A recente polémica entre E. P. C. e o colectivo de crítica de cinema (in «República», onde também publica Manuel Cavalheiro, «especialista» em dizer mal de Godard, oh espanto...) para lá do apuramento ideológico que proporcionou e desenvolveu, fez produzir vários acontecimentos. Contra o dogmatismo estreito e aniquilador do Colectivo, que se funda nas revisões ecléticas e neo-revisionistas da actual linha teórico-política da «Cinéthique» (ver as «Práticas Artísticas no M.-L.», n.º 11, fins de 1971), E. P. C. ultrapassou radicalmente o empirismo inconsequente de tais teses, colocando frontalmente a questão da inconsciência do poder, no combate ideológico. Por se inserir numa conjuntura teórica extremamente dominada e manietada, singularmente fechada sobre os seus próprios fantasmas e censuras, a influência e o alcance da intervenção teórica de E. P. C. implica um cuidado extremamente generoso na sua observação crítica. Para lá do bem e do mal, E. P. C., com singular pertinácia, uma atenção irradiante e uma actuação quase constante, tem começado a construir aquilo a que se poderá chamar uma **opção materialista.** Combate que se radica na subversão histórica, na crítica do idealismo significante e na nova prática da leitura e da escrita. Estabelecer, pois, a intensidade desta construção, o grau e a qualidade do sistema, de rupturas que ela põe em circulação, será um trabalho necessário para a produção diferente de uma estratégia diferente.

FERNANDO ALMEIDA-RIBEIRO

«) Nelson de Matos «Prefácio a um [illegible] S[illegible] Diário de Lisboa de 26/[illegible] 1973

■ ARTEL 4

PHILIPS

MÚSICA PARA FÉRIAS!

OFERTA TEMPORÁRIA
NA COMPRA DE UM RADIOGRAVADOR PHILIPS

A MÚSICA QUE V. PREFERE, NOS LOCAIS QUE MAIS LHE AGRADAM. A GRAVAÇÃO DAS HORAS MAIS ALEGRES DAS SUAS FÉRIAS

RADIOGRAVADORES PHILIPS

3 2 5 + 1* MUSICASSETTES CASSETTES

225$00

*APENAS PELO PREÇO DE UMA MUSICASSETTE

*CASSETTE INCLUÍDA NO APARELHO

OPORTUNIDADE DE POUPAR MAIS DE 500$00

PHILIPS

TEOBALDO VIRGINIO, DE CABO VERDE

Ninguém tem menos autoridade do que eu para falar dum escritor como Teobaldo Virgínio, já que da literatura relacionada com o continente africano apenas conheço dois livros de Doris Lessing, um livro de Luandino Vieira e, agora, um livro deste escritor cabo-verdiano, para mim inteiramente novo. Não tenho __ confesso-o _ a curiosidade que tantos têm de viajar noutros mundos culturais e nunca me seria possível fixar residência numa cultura alheia à minha, como fez, por exemplo, Wenceslau de Morais, que passou a vida a podar árvores e a regar flores que não há no meu jardim.

Estou excessivamente ligado à minha problemática e à problemática da minha gente para passear em jardins alheios e se por acaso passo umas horas num livro em que se descreve um mundo a que não estou vinculado, faço-o por motivos muito semelhantes aos que levam qualquer turista a provar um prato exótico que nada tem a ver com o seu paladar, com a sua tradição ou com a sua cultura. Foi-me fácil, por isso, ler a obra de Doris Lessing, ela nada tem de alheio àquilo que sou, senão uma paisagem exótica enxertada à força num campo de acção cujos conflitos e personagens me são familiares. A paisagem está lá por acidente histórico, mas não faz parte da cultura dos personagens e a cultura de cada um é o seu país de origem.

Já me foi mais difícil ler o Luandino Vieira, que não foi enxertado à força na paisagem, nem teve de ler tratados de sociologia ou jornalistas liberais para entender o mundo dos seus personagens. Na obra de Luandino Viera, de que gostei, vivi pouco tempo, e, mesmo esse, como quem vive num quarto alugado a uma família vagamente excêntrica que andou numa escola vinculada a programas diferentes dos que segui quando, menino e moço, decifrei os meus primeiros trechos. Perante Teobaldo Virgínio __ de quem escrevo repito, sem autoridade e quebrando a regra que me impus de não colaborar em páginas literárias nem escrever sobre escritores __ a minha reacção foi diferente: tendo, acidentalmente, alugado quarto no seu livro «Distância», dei comigo a prolongar a estadia muito para além do tempo de que dispunha e, até, a voltar a ele depois, já, de ter regressado a casa com armas e bagagens. Nunca, durante essa minha estadia, me senti fora do meu jardim ou dei pela presença de plantas exóticas deliberadamente colocadas numa jarra para me deslumbrarem, pela cor ou pelo perfume, a ponto de me obrigarem a perder o uso da razão.

Não há em todo o livro que li deste autor uma única tentativa de folclorismo visual, imagético ou linguístico. Não há, em todo o livro deste autor, uma única tentativa de folclorismo, tentativa essa que me teria levado a abandonar o quarto com uma rapidez que não hesito em classificar de fulgurante. Tudo no quarto que aluguei no livro de Teobaldo Virgínio, se integrava, com tal acerto, numa paisagem verdadeira e, portanto, diferente daquelas que os folcloristas literários inventam

Sentei-me no chão com os personagens deste livro e comi cachupa com eles sem estranhar o gosto deste prato que, a julgar pelo que senti, como desde pequeno sem nunca o ter provado. Brinquei na areia da praia com os garotos que brincaram com o Teobaldo, tal como brinquei com os garotos do Soeiro Pereira Gomes nas margens do Tejo em que nasci. Nunca me senti «de fora», nunca fui forçado a aprender uma palavra que não estivesse no meu vocabulário, nunca tive de lavar os ouvidos irritados por folclorismos linguísticos destinados a provocar o saudosismo de cabo-verdianos dados àquele tipo de patriotismo fácil e afadistado que parece afectar os indivíduos que não perdoam a si mesmos o facto de terem abandonado as suas terras para subir na vida. Tudo no livro de Teobaldo Virgínio é verdadeiro, tão verdadeiro que nem dei pelas palavras que não entendi, ao contrário do que me teria acontecido se este autor as tivesse enxertado para me impressionar. Cabo-verdiano, que é, Teobaldo Virgínio não tem que fingir que é cabo-verdiano e foi por isso, possivelmente, que me senti tão à vontade no quarto que aluguei no seu livro.

Teobaldo Virgínio

Que isto não seja, porém, mal interpretado: o libro de Teobaldo Virgínio só pode ter sido escrito por um homem que tenha nascido na fronteira de dois jardins, e é por isso, possivelmente, que eu me sinto à vontade nele, tal como se sinto mais à vontade numa peça legítima de folclore eslavo do que numa turistice folclórica pseudominhota criada para ludibriar os frequentadores das chamadas «casas típicas». Tudo, repito, é verdadeiro neste livro cujo autor não pretende impressionar críticos ou figurar em antologias desligadas da realidade. Tudo neste livro é tão verdadeiro como o vento, o mar, as árvores e os homens. Tudo neste livro é tão verdadeiro que se não encontra, numa só das sua páginas, um vestígio que seja de folclorismo.

«Distância» é um terreiro em que o povo nasce, canta e morre sem saber que vale a pena descrever a sua vida, que as suas danças poderiam figurar em festivais internacionais de folclore ou que os seus pratos são exóticos. Dançando no meio do terreiro tão integrado na música que nem dá pelo facto de estar a dançar, Teobaldo Virgínio actua sem saber que é escritor __ e que escritor! __ mais interessado em viver do que em reduzir tudo aquilo a literatura. Esse é, talvez, o maior dos méritos deste livro que passou mais ou menos despercebido e em que vivi durante algumas horas que gostaria de partilhar com outros. Teobaldo Virgínio, ao contrário de Doris Lessing, faz parte da paisagem que descreve e porque essa pertença é verdadeira e não artificial, o seu livro acusa um sofrimento que se não traduz imediatamente numa tomada de posição crítica.

Essa tomada de posição adivinha-se __ eu, pelo menos, julgo adivinhá-la __ mas é muito mais eficiente, do ponto de vista de comunicação, do que o seria se o autor a tivesse por objectivo para ganhar lugar no quadro sinóptico dos escritores contemporâneos cuidadosamente comprometidos. Não julgo porém que esta pertença de Teobaldo Virgínio à paisagem que descreve __ pertença facilmente constatável __ seja total. Teobaldo Virgínio é cabo-verdiano, mas não daqueles que tinham por destino social acabar a varrer as ruas de Lisboa. Nisto, como é em tudo, é preciso não ceder perante a demagogia, venha ela donde vier: há cabo-verdianos e cabo-verdianos, e Teobaldo Virgínio pertence à paisagem, mas não é paisagem: é cabo-verdiano, mas não ao ponto de não ver o que se passa com olhos de fora.

Há entre ele e o seu mundo uma distanciação de que ele talvez não tenha tido consciência ao escrever «Distância», mas que é evidente aos olhos de qualquer leitor atento. Teobaldo Virgínio descreve as crenças dos personagens que giram na sua paisagem __ as crenças, os bruxedos, os vestígios de África com um amor não desprovido de um certo sentido de humor (dissemos atrás que havia cabo-verdianos e cabo-verdianos e que Cabo Verde é uma terra de fronteira entre um mundo e outro) que não esconde a sua origem cultural. O seu mundo subjectivo está impregnado duma objectividade latente em que se adivinha uma concepção racional da vida, que nada tem a ver com a concepção da grande maioria dos seus personagens. Teobaldo Virgínio está nas coisas que descreve, mas não se confunde com elas, e foi talvez por isso que me foi possível viver tão bem no quarto que aluguei no seu livro. Fosse ele povoado de imagens telúricas de outros mundos culturais, tivesse ele as paredes cobertas de símbolos de crendices africanas, tivesse eu encontrado sobre a mesinha de cabeceira um Teobaldo Virgínio vestido de feiticeiro falando às massas dos valores culturais de Cabo Verde, e teria __ não o escondo __ mudado de quarto imediatamente.

É esta objectividade, esta distanciação, que me levou a percorrer lentamente o quarto que aluguei na novela «Distância» e que me levou tanto a aderir aos seus valores humanos como a querer conhecer este Teobaldo Virgínio de que, infelizmente, nunca ouvira falar. Da nossa conversa poderia ter nacido uma entrevista, e ficou apenas esta breve nota.

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

DO CAPÍTULO DA INGENUIDADE

Nada me move contra Pedro Tamen, que não conheço sequer de vista e pouco de leitura. Mas calhou ter topado no «Expresso» uma prosa sua, «Manuel de Lima: uma vanguarda vã», em que Pedro Tamen, tradutor português de André Breton, me parece ter ido longe demais no capitulo da ingenuidade. Uma capciosa ingenuidade, que se confessa contrita, «sem animosidade» (« digo isto com a ingenuidade de quem, muito sem querer, está simultaneamente de fora e dentro, e que sem qualquer animosidade se sente à vontade para gritar o rei vai nú», escreve Tamen), ou premeditada, ou interessadamente desatenta e confusionista, e que bem percebemos a quem aproveita e o que por detrás dela se pretende, com relativa eficácia, escamotear.

«Muito de propósito diante do terceiro volume das «Obras» de Manuel de Lima», prossegue Tamen o passo antes citado e não deixa de, sem animosidade... meter uma ferroada a despropósito: *«pomposa apresentação editorial que não muitos escritores têm tão cedo»*, o que, em si, é um desconchavo, quando o *«tão cedo»* se refere a um Autor que já não é criança e perdeu, que eu saiba, três romances e grandinhos por quartos de aluger, à falta de editor, e *A Pata do Pássaro,* agora incluída nas «Obras», ter levado sumiço na tipografia depois de 80 páginas impressas, porque eu então já estava mais que falido (Manuel de Lima era e é um autor azarento: originais transviados, comentadores ceguetas, agora o Tamen, em tempos Jorge de Sena, que o comparou a Pitigrilli, ou o Rogério Fernandes, que lhe invocou uma suposta influência de Céline, escritor que Lima nunca lera...), Pedro Tamen discreteia com desembaraço, sobre a novela e a peça *O Clube dos Antropófagos,* que acaba por considerar *uma maçada* depois de esgaravatar três exemplos (coisinhas de pormenor) que mais o incomodaram e sacode com um imperativo *Basta*.

Quero alertar Pedro Tamen, e o leitor disto, que a minha reacção imediata possa ter sido emocional. Que tivesse preferido, por comodidade ou meia-dúzia de razões, ficar caladinho. Mas perante um texto tão hipocritamente caviloso, o silêncio não é, creio, a atitude mais prudente. Ou, com todos os riscos, mesmo refreando a pascialidade que a figura e a obra de Manuel de Lima me incutam, a atitude que ele merece de um antigo editor e Amigo. Convém que tais coisas fiquem aqui expressas, porque vou tentar a seguir encarar a prosa de Pedro Tamen de maneira objectiva. Daí, que a minha intervenção se limite a indagar (de Tamen e dos que o leram e a Lima) menos que a afirmar. Gostaria que Pedro Tamen, tradutor de André Breton __ não o esqueçamos __ me esclarecesse:

. *a)* com que título, ou leviandade, vai P.T. remexer no movimento surrealista, identifica Lima com este ou decreta, peremptoriamente, que *«não serão os nomes de António Maria Lisboa ou de Cesariny suficientes para se poder vir a falar no futuro de uma autêntica geração surrealista na literatura portuguesa «de ficar»*... e a segurança com que P.T. sabe *quem é de ficar, a muita gente «que fica»*, não é das coisas menos cómicas ou abstrusas da sua prosa. A não considerarmos sinistro o aviso inicial: *deixemos as pessoas morrer...*, mas ninguém quer morrer, Tamen. Nem os católicos vão nisso.

b) será que Tamen desconhece, enfronhado como o sabemos no meio editorial português, as dificuldades de toda a espécie que se opuseram à expansão de um movimento, à publicação de obras que não pretendiam ser apenas meras gracinhas estéticas, como é useiro e vezeiro querer reduzi-las? Manobra que, de tão repetida, e agora outra vez assumida de forma inesperada por este tradutor de Breton (mas ainda a maior surpresa foi ser ele o tradutor...), nos conduz a bem fundadas suspeitas de se querer esvaziar esse movimento, como foi entre nós, como pôde ser, de todo o seu conteúdo ético e socialmente interventor?

. *c)* nem custa muito caro: compram-se dois livrinhos à venda em Lisboa, *Position Politique du Surréalisme* e *Documentos políticos del Surrealismo,* de André Breton; releiam-se alguns dos textos mais significantes de Mário Cesariny de Vasconcelos ou de António Maria Lisboa (não acredito que P.T. os desconheça); recordem-se biografias de mortos (António Maria Lisboa, João Rodrigues), episódios públicos, manifestos (cito apenas dois: *Aviso a Tempo por Causa do Tempo,* de Lisboa, e *Autoridade e Liberdade São Uma e A Mesma Coisa,* de Cesariny) e poderá suponho, fazer-se um balanço mais justo e aproximado do que foi, *in illo tempore* esse movimento em português, que Pedro Tamen *arruma* despachadamente, como *«algo de muito pobre em si mesmo»*.

d) ridícula alternativa: *ficar* ou *não ficar*. A preplexidade de Tamen dá vontade de rir. Porque está assim tão preocupado? Ele, um marginal instalado (será que fica?...) *simultaneamente de fora e de dentro* (esta é demais... não percebo. *Dentro* donde? *fora* de quê?) Ingénuo. E a fazer os outros ingénuos, também. Ou tão distraídos, como lhe conviria.

e) Ficar ou *não ficar*. Quem o pode saber hoje? Quem estará tão interessado em permancer ou tem a estultícia de o supor? E muito mais obnóxio tratando-se de um movimento *datado*. O que o tradutor espanhol do livrinho de Breton atrás citado, José Martín Arancibia, aponta com lucidez: *«Qué sentido tiene reunir y presentar hoy estas páginas? No, ciertamente, el de la aprobación beata de todas y cada una de ellas; no el asumir todas sus tesis ni la expressión de ellas. Tanto a unas como a la otra habria que oponerles objecciones, em ocasiones, graves.»* Bastaria reparar que os textos ali incluídos quedam-se em 1935... vai para quarenta anos, e que desde então muita coisa no mundo mudou. Até entre nós, desde 1947. Aí está a atestá-lo a evolução, humanamente inevitável, dos participantes no chamado surrealismo português, nalguns casos __ e salientes __ virados hoje do avesso.

f) termino com uma afirmação de Breton, para avivar memórias distraídas: *«L'art pour l'art est une formule aussi vide de sens pour lui que le serait, aux yeux d'un véritable révolutionnaire, la formule: «la revolution pour la révolution»*. Creio que será isto, ou a negação disto por certas consciências comprometidas, que se pretende escamotear. Estará na origem dos mais descarados oportunismos, encapotados mal ou bem pela ingenuidade dos que se arrogam detentores de uma sabedoria, diremos profética, negam no passado e no presente as sementes de um futuro onde receiam, justificadamente, *que não vão ficar*. Daí, a católica recomendação: *deixemos as pessoas morrer...* As pessoas não querem morrer, Tamen. Não te precipites, rapaz. Está descansado: como tradutor do Breton, tens um coval aparte.

LUIZ PACHECO

ar•CO CENTRO DE ARTE E COMUNICAÇÃO VISUAL

Rua de S. Tiago, 18 — Telefone 863355 — LISBOA

Autorizado pelo Ministério da Educação Nacional

Abertas as inscrições — Início a 8 de Outubro

DESIGN, PINTURA, FOTOGRAFIA, CINEMA, SERIGRAFIA, DESENHO, ESCULTURA, ESTÉTICA, COR, HISTÓRIA DE ARTE, AUTOVISUAIS, TÊXTEIS, COMUNICAÇÃO GRÁFICA.

EM CADA CURSO VÁRIOS PERCURSOS

VARIAÇÕES SOBRE A CRÍTICA MUSICAL

A infelicidade com que o Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian generalizou a função da crítica musical, na réplica ao inquérito feito por Mário Vieira de Carvalho sobre a crise da orquesta dessa instituição, impõe da minha parte, não só por solidariedade com a oportuna intervenção do meu colega, mas ainda como oficial do mesmo ofício que se sente atingido,

Procurando limitar a acção da crítica a simples considerações de ordem estética, por exclusão de partes, como se depreende do seu conceito, o Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian impôs um dogma hoje mais do que inaceitável: que *está absolutamente fora do âmbito de um verdadeiro crítico musical envolver-se nas relações contratuais e económicas ou disciplinares entre a entidade que organiza e mantém uma orquestra e algum ou alguns dos músicos que a constituem porque tal é o foro das respectivas partes de quem juridicamente as representa ou dos tribunais.*

Em face desta rudimentar definição da crítica, cumpre a todos os que exercemos a actividade da crítica musical, desde há largos anos, e que temos procurado dilatá-la numa relação de estética e sociologia, perguntar como podem pessoas a quem certamente por direito próprio foram confiados os altos postos de uma instituição mecenática que pesa na cultura portuguesa reduzi-la a tão simples expressão, sem ter sido em resultado de uma investigação sistematizada sobre a matéria. Antes de manifestar publicamente o seu parecer em assunto de tamanha complexidade, deveriam os ilustres membros daquele Conselho pensar que alguns críticos possuem larga experiência da vida musical em toda a sua profundidade, sem esquecer os conhecimentos de base e não podem ser relegados para uma situação contemplativa, apenas com uma simples penada.

Essa forma ultrapassada de entender a crítica é, a todos os títulos, repito, inaceitável. Há muito tempo que no campo da música o crítico deixou de ser aquele indivíduo canhestro que ainda se encontra noutras actividades, nomeadamente na literatura, useiro e vezeiro em se colocar no centro da valorização da obra de arte ou do evento criticado, e que parte do princípio de que a sua opinião é suficiente para informar o leitor. Ora, as opiniões guardam-se para casa e impingem-se à família. Foi banido do criticismo o género de expressões como: *não gostei, constituiu para mim uma desilusão,* etc, que nada definem.

O leitor nada tem a ver com o gosto do crítico. A prática do criticismo implica uma norma fundamental: formar juizos de valor; e a teoria do criticismo, que lhe é implícita, impõe a obrigatoriedade de explicitar esses juizos de valor.

Se os ilustres membros do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian tivessem seguido atentamente a crítica que nos últimos anos tem sido feita, incluindo aquela particularmente dirigida às manifestações musicais da instituição que lhes incumbe orientar, teriam observado que se tem precisamente procurado informar o leitor através de críticas onde foi praticamente posto de parte o estilo adjectivante que nada esclarece. Por outro lado, a crítica musical moderna não se reduz a mera análise de natureza estética. Tem enveredado pela estrutura social da música, a fim de pôr ao alcance do mais vasto público possível uma arte que, para além das grandes linhas da sua evolução, constitui também matéria sociológica dado que exige profissionais e que estes, desde há séculos, formaram um núcleo social de avultadas proporções — que engloba, segundo os sociólogos, condições vitais, físicas, e económicas, de indivíduos e famílias, sem excluir os sentimento e pontos de vista sobre esta existência material.

Não é, em 1973, a definição dos ilustres membros daquele Conselho uma forma progressiva de entender a verdadeira função da crítica musical.

Têm sido convidados como observadores de algumas manifestações musicais da Fundação Gulbenkian, críticos estrangeiros que na sua ignorância sobre as contingências do nosso meio sociomusical se limitam, com efeito, a formais considerações de carácter estético. São críticos ilustres, como Gavoty do «Figaro» ou Maurice Fleuret, do «Nouvelle Observateur», que se instalam aqui como já um deles uma vez declarou no seu jornal, *generosamente protegidos à sombra de uma poderosa instituição...*

Esses críticos ignoram, como é natural, a nossa actividade congénere, talvez porque se julgam muito acima de nós, ou porque ninguém lhes fez notar que em Portugal existe uma crítica que se afasta das linhas esteticistas a que eles continuam fieis nos seus antiquados métodos de criticismo. O resultado é lamentável. Quando a seguir temos a oportunidade de ler as suas crónicas, escritas a título de retribuição das benesses de que foram alvo, deparamos com a mais inútil forma de informação devido à carência de uma crítica da sociedade (que eles não conhecem) que *pudesse ser posta ao serviço da sociedade e da arte*.

Talvez tenham sido eles os culpados da consciencialização formada pelos ilustres membros do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, visto que as suas críticas não ultrapassam as barreiras do esteticismo. O drama desses «nossos convidados de honra» já vem de muito longe um dos episódios mais picarescos remonta ao século passado quando o Conde Farrobo solicitou de Itália um maestro compositor, para animar e dirigir o seu teatro lírico. Dois jovens músicos italianos, por então ambos desconhecidos, foram indicados como possíveis candidatos. Eram eles, Frondoni e... Verdi. Resultado: veio o Frondoni!

Moral da história: nunca nos sai a *taluda*. Calha-nos sempre a aproximação.

A partir do momento em que a Fundação Gulbenkian se arvorou em componente organizador do consumo da sensação da música, chegaram-nos de vários pontos do Mundo alguns não menos curiosos tipos equivalentes, historicamente, ao Frondoni do passado. Da América chegou-nos um dia, a convite da Fundação Gulbenkian, um maestro. Chamava-se Sunshine. Ninguém tinha ouvido falar nele. Um ilustre desconhecido, antes e depois da sua actuação entre nós. Não veio o Leonard Bernestein. E em continuação da lista dos maestros convidados (generosamente) é de perguntar o que será feito dos outros que também por cá passaram, o maestro italiano Rutusolo (oxalá não me tenha enganado no nome) o maestro Rivoli de triste memória e, por fim, o maestro alemão Albert, que acabou por ser implicado num processo-crime de difamação como declarou António de Oliveira Silva no seu depoimento no «Diário de Lisboa». Presentemente, no fim de desfavoráveis críticas unânimes, foi nomeado maestro titular, um francês, o sr. Tabachnic.

Voltando à crítica esteticista dos convidados *generosamente*, Gavoty ou Maurice Fleuret, tanto faz, enfatuado no seu pedestal, torna-se absolutamente inútil, comparada com aquela que nós fazemos e que parece chocar os ilustres membros de Administração da Fundação Gulbenkian, por *sair fora do âmbito das funções de um verdadeiro crítico musical, etc.*

Assim, o crítico do «Nouvelle Observateur», Maurice Fleuret, não tomou conhecimento da crise da Orquestra Gulbenkian, na sua passagem meteórica por um meio sociomusical que desconhece inteiramente. No entanto, a atmosfera na orquestra não podia estar mais sobrecarregada de inquéritos, processos disciplinares, e até de processos jurídicos de que ainda se espera a conclusão.

Da constituição de um agrupamento orquestal que, é bom não esquecer, é formado por seres humanos, depende o nível das suas realizações musicais. A crítica (a nossa) não pode ignorar o fenómeno do trabalho ou da profissão como consequência da *economia da música*, no âmbito do efeito recíproco de grupos sociais entre si e com os seus membros — como dizem os sociólogos e com inteira razão.

Exigir a uma orquestra socialmente em crise, sob pressão das respectivas implicações, moral e artística, que nos dê realizações de nível superior, conhecendo os meandros da sua impossibilidade, seria sintoma de hipocrisia. Portanto, um crítico, na sua qualidade de representante de um sector específico da informação integrado na Imprensa, tem o dever de contribuir por todos os meios para a resolução de problemas que interferem directamente no resultado das realizações artísticas. A sua intervenção deverá ser corajosa, dilatada a todas as causas, e mesmo apaixonada, pois estão em jogo interesses simultaneamente de índole artística, social e humana.

A discussão sobre a crise da Orquestra Gulbenkian tem toda a oportunidade. Se houver algum defeito a apontar-lhe, é de ter vindo demasiado tarde, pois que a questão relativa à formação de orquestras, anda há muito tempo a ser adiada, entre nós. Da minha experiência de músico profissional, antes de optar pela actividade jornalística, conservo amargas recordações

A primeira confusão que urge eliminar é a concepção de hierarquias na actividade musical. A formação de uma orquestra não pode ser fundamentada em princípios tecnocráticos equiparados aos usualmente seguidos pelas empresas na formação do pessoal de quadros. Nem é lídimo aplicar sistemas como *classificação e funções de componentes*, quando se trata de uma orquestra que pertence a outro tipo de sistema social que é o da associação.

Um conjunto orquestral não está compartimentado para permitir a subdivisão de categorias, normalmente aplicada no desenvolvimento da indústria. Não contém (não pode conter) uma ética no sentido que lhe dão os industriais, a qual implica a *transformação do indivíduo, determinada pela transmissão de novos conteúdos de pensamento ou de novos modos de acção (socialmente falando)* como se observa nas empresas.

Receio que tenha sido por se ter considerado a Orquestra Gulbenkian como mais um quadro de pessoal, integrado na burocracia geral da instituição, que os membros do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian fizeram publicamente, por intermédio do seu presidente, dr. Azevedo Perdigão, as afirmações chocantes inseridas no seu depoimento sobre o inquérito dirigido pelo meu colega Mário Vieira de Carvalho.

Não há *equipas de produtividade* e outras formas neste sector que levem a admitir a expressão de *superiores hierárquicos*, falando-se de elementos de uma orquestra, cuja estrutura, repito, pertence à forma da associação, segundo os sociólogos da música.

Todos os componentes de uma orquestra são iguais em categoria social. A diferença de valor artístico não altera, numa orquestra, esse grau de categoria. Um violinista não é superior a um clarinete e vice-versa. Mesmo a designação de «primeiro» e «segundo violino», tem apenas um significado musical em relação à orientação interna de uma partitura. O maestro não desfruta de nenhuma espécie de supremacia social, embora no acto da direcção da orquestra lhe assista o direito à obediência no plano de execução musical, obediência que prescreve mal tenha saído do pódio.

Não há numa orquestra lugar para a expressão do género de *respeitabilidade hierárquica*, porque não pode haver confusão entre o valor artístico individual e uma situação *de trabalho*.

Na minha actividade de músico profissional em várias orquestras sinfónicas, entre elas a da Emissora e a do Porto, não falando nas formações orquestrais de caracter provisório, verifiquei sempre uma flagrante falta de consciencialização sobre as alíneas básicas da sociologia da música.

Com efeito, nestes últimos anos (vinte, trinta?) não se verificou a organização de uma orquesta pela qual fossem responsáveis os seus componentes. Os elementos organizadores pertencem a outras actividades: médicos ilustres, advogados de nomeada etc.. Jamais os músicos são os verdadeiros responsáveis pela formação de uma orquesta.

E no resto da actividade musical, formação de programas e recrutamento de executan-

CARLOS FRANCO (actualmente na Orquestra Gulbenkian) DEPÕE SOBRE A CRISE

A orquestra sustentada pela instituição mecenática mais poderosa do país é precisamente aquela em que se abriu a crise mais aguda, capaz de levar à expulsão de dois músicos e ao abandono de outros.

Alguma coisa está mal. É preciso descobrir o quê. Os problemas da Orquestra Gulbenkian — na medida em que afectam directamente a situação sócio-profissional dos músicos — vieram de certo modo tornar mais aguda a verdadeira questão de fundo, que é a da política musical da Fundação Gulbenkian considerada em globo. Não se pode adiar por mais tempo a tarefa de a analisar em profundidade, de lhe diagnosticar os vícios, de a reestruturar desde o ponto zero.

Ao prosseguir o inquérito, por enquanto limitado ainda à crise da orquestra, pretendo chamar a atenção dos responsáveis para a urgência dessa tarefa. Aliás, vendo bem, responsáveis pela Fundação Gulbenkian — cujo acto de instituição lhe confere uma existência teleológica, independente de quem efemeramente é mandatado para a gerir — somos todos nós. Não pertence ela menos ao leitor do que ao funcionário ou ao administrador que a serve, para que nos sirva. Uma Fundação não é propriedade privada de accionistas ou de administradores: daí a legitimidade de criticar publicamente a sua acção e a audiência que se espera obter junto daqueles que, no exercício de um simples mandato, devem velar pela realização do «fim principal da obra».

Várias referências da extensa nota de 5 de Julho, assinada pelo Presidente do Conselho de Administração da Fundação, levaram-me a procurar Carlos Franco, flauta solista alternante, na efectividade, da Orquestra Gulbenkian.

DISCRIMINAÇÃO ENTRE ESTRANGEIROS E PORTUGUESES

No fim do ano de 1971 — começou por me dizer Carlos Franco — **os solistas de sopro estrangeiros recebiam um suplemento de três mil escudos mensais, embora não tivessem direito ao subsídio de férias. Em Janeiro de 1972 houve uma revisão de vencimentos para todo o pessoal da Fundação. Segundo a doutrina estabelecida na circular do Conselho de Administração então distribuída, procurava-se com essa revisão, nomeadamente, elevar o salário mínimo geral, diminuir a amplitude das diferenças de vencimentos e «repensar a estrutura de salários em ordem a dar cumprimento ao princípio de salário igual para trabalho igual».**

Inexplicavelmente, os músicos parecem ter sido exceptuados desta política de salários visada pelo Conselho de Administração. Carlos Franco mostra-me a carta que então escreveu à Direcção do Serviço de Música insurgindo-se pela situação criada:

«As remunerações agora estabelecidas vieram piorar uma situação que já de si se apresentava bastante grave, várias vezes indicada a V. Ex.ª como perturbadora do bom andamento da orquestra...»

Na verdade, para os músicos o princípio de salário igual para trabalho igual fora transformado no seu contrário. Carlos Franco concretiza:

Em 1971, os solistas estrangeiros de oboé, trompa e trompete (falo do caso que melhor conheço: o dos instrumentos de sopro) recebiam anualmente mais trinta e dois mil escudos do que os portugueses. Com a revisão de Janeiro de 1972, a diferença passou a ser superior a quarenta mil escudos.

Perante esta situação, Carlos Franco entendeu que devia tomar uma atitude. Por isso, na carta em que representou as suas razões ao Serviço de Música, concluía assim:

«Como pessoalmente considero esta situação de inferioridade em relação a colegas beneficiados humilhante e insustentável, e atendendo a que o meu actual vencimento está nivelado com a grande maioria dos meus colegas não solistas, comunico a V. Ex.ª que a manter-se a actual situação não poderei continuar tranquilamente a desempenhar o lugar de 1.º flauta, propondo por isso a minha passagem a 2.º flauta permanente».

Seis meses depois, o Serviço de Música respondia, dizendo que a carta lhe merecera a melhor atenção»:

O Serviço de Música procurava justificar a discriminação alegando que os contratos com os músicos estrangeiros eram de carácter transitório, sem quaisquer garantias quanto ao futuro e que, além disso, nos respectivos vencimentos se incorporava uma quantia destinada à deslocação e alojamento em Lisboa. Por outro lado — continua Carlos Franco — **o Serviço de Música alegava ainda que o regime da Orquestra Gulbenkian diferia do de uma orquestra sinfónica normal «por razões que se dispensava de enumerar», resultando daí que «nem sempre as remunerações dos instrumentistas eram fixadas conforme é hábito nas orquestras do tipo sinfónico».**

Bom era que o Serviço de Música não se dispensasse de enumerar razões em questão tão obscura. Ou pretenderia apenas dar um aval abstracto (teórico) a uma anterior justificação concreta (prática) que se lhe afigurava, no fundo, pouco convincente? Pela minha parte, gostaria de saber se há alguma orquestra estrangeira que pague mais a um português emigrado (temporária ou definitivamente) do que a um natural do respectivo país... Se precisamos de importar músicos, e se temos de sujeitar-nos às suas condições, só nos resta nivelar os portugueses pelos estrangeiros, o que é também uma maneira de estimular e promover a profissão de músico em Portugal e, a longo prazo, evitar a importação.

tes, os músicos permanecem alheios. Basta dizer-se que um músico da categoria de Lopes Graça nunca é consultado em nenhuma circunstância.

Por todos estes motivos, a «desobediência de Mário Vieira de Carvalho em ter saído do *âmbito de um verdadeiro critico musical*... trouxe apreciáveis vantagens. A par do esclarecimento das incidências internas da Orquestra Gulbenkian, e da denúncia dos elementos contrafactores que a dirigiam, deu-se o despertar do Sindicato dos Músicos, há tantos anos caído no silêncio e que vem agora dar sinal de vida. E assim, a crítica, contribuindo para esta revitalização dos direitos sociais dos profissionais da música, e dos seus deveres, deixa de correr o perigo de se converter em vício literário, para se tornar um corpo vivo e actuante.

MANUEL DE LIMA

e flautista

Carlos Franco retoma o fio da «sua» meada:

. **Na mesma carta em que apresentava estas justificações, o Serviço de Música, referindo-se ao meu caso pessoal, esclarecia que eu não tinha direito (nos termos do contrato) a ser 2.º flauta permanente, assim como não teria direito a ser 1.º. Acrescentava, porém que, querendo eu ser 1.º flauta permanente, bastaria dizê-lo, a fim de se estudar a hipótese de abrir concurso.**

Tratava-se, de toda a evidência, dum expediente «irónico» para iludir a questão real posta por Carlos Franco, a qual continuou em aberto.

Mais tarde, já em Março deste ano, verifiquei com surpresa que a nova revisão de vencimentos, então realizada, não me contemplava com qualquer aumento, nem a mim nem a mais três ou quatro colegas.

Chegavam, pois, as primeiras medidas de retaliação, logo confirmadas por carta:

Nesta carta, o Serviço de Música comunicava-me a decisão de não me aumentar o vencimento, sem no entanto dar a esse respeito qualquer explicação. Mas não ficava por aqui: invocava a minha primeira carta (de Fevereiro do ano anterior) para concluir que eu preferia passar a exercer permanentemente as funções de 2.º flauta, e propunha-me em conformidade novo contrato.

É o que se chama disputar o terreno palmo a palmo. Como o vulgar patrão duma qualquer empresa lucrativa em conflito com um empregado. Por esta via de sofismas em cadeia não sei onde é que o Serviço de Música iria parar... Carlos Franco remeteu-o para a sua própria lógica:

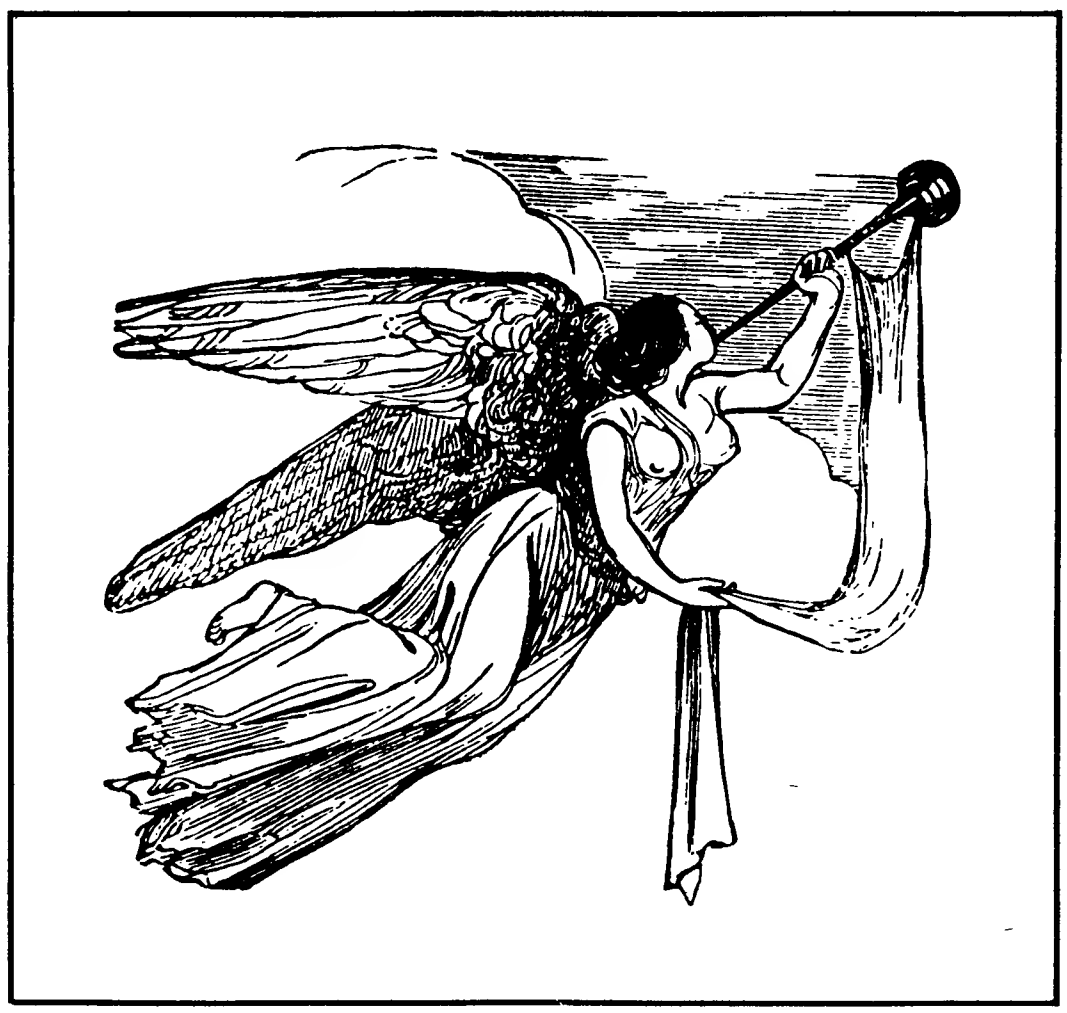
Respondi textualmente: «Quanto à minha situação na orquestra informo que no presente não estou interessado em desempenhar o lugar de 2.º flauta permanente. Na verdade, a posição por mim tomada na minha carta de 10 de Fevereiro do ano passado foi alterada principalmente depois de ter sido esclarecido por V. Ex.ª através da vossa carta de 25 de Agosto também do último ano, em que me chamava a atenção para o facto de eu não ter o direito moral de pretender a minha passagem a 2.º flauta permanente».

E Carlos Franco conclui assim a história do seu caso pessoal:

«Quando pretendi informar-me pessoalmente junto do Serviço de Música sobre qual teria sido a falta que cometera e determinara a punição de não ser aumentado no meu vencimento, houve um funcionário superior daquele Serviço que me disse não ser isso consequência duma punição, mas antes consequência do prémio de aumento de vencimento que tinha sido atribuído a outros... Na mesma ocasião inquiri desse mesmo funcionário se podia dar-me uma explicação para o facto de o outro flauta solista alternante estar a receber, particularmente, a totalidade da gratificação que nos era destinada a ambos. Ainda estou à espera desse esclarecimento — que poderá vir daqui a seis meses — para fazer uma exposição sobre o assunto ao Conselho de Administração.

COMO SURGIU E DESAPARECEU A TÃO FALADA «COMISSÃO» DA ORQUESTRA

Conforme se ficou a saber pela nota de 5 de Julho, assinada pelo Presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, e publicada nestas colunas no passado dia 23 de Agosto, Carlos Franco pertenceu durante pouco mais de um ano a uma Comissão de três membros eleita pela orquestra em Março de 1971.



A este respeito, disse-me:

Houve sempre uma oposição entre a Orquestra e o Serviço de Música quanto às tarefas que cabiam à Comissão. Fui eu próprio quem elaborou o regulamento (da Comissão), aprovado depois pela orquestra com ligeiras modificções. A nossa função era servir de intermediário entre a Orquestra e o Serviço de Música, representando perante este os problemas da Orquestra, que por sua vez era por nós informada dos planos de trabalho do Serviço de Música.

Portanto, a alegada função de «zelar pela disciplina e pontualidade dos músicos nos ensaios e nos concertos» não competia à Comissão. Ao contrário do que se dá a entender na referida nota do Conselho de Administração, não foi pela dificuldade (!) do exercício desta tarefa que a Comissão se extinguiu. Carlos Franco explica:

. **Com a saída de um dos elementos e a nova eleição a que se procedeu a Comissão passou a ser constituída pelos que ficaram (entre os quais eu me incluía) e por um instrumentista que veio preencher o lugar vago. Este último é que procurou defender o ponto de vista do Serviço de Música contra o da Orquestra, acabando por perder o mandato desta. O seu pedido de demissão arrastou, por uma questão de princípio, a dos restantes membros.**

Estreita concepção burocrática esta de pensar o funcionamento duma orquestra na base duma comissão (eleita) solicitada não para uma colaboração activa, criadora, na definição de planos de trabalho e na dinamização da actividade musical, mas antes, essencialmente, para uma função de fiscalização de horários...

Aliás, acrescenta Carlos Franco, **em matéria de disciplina já havia vários funcionários a quem incumbe essa função específica.**

INEXISTÊNCIA DUM REGULAMENTO DA ORQUESTRA

Um ponto em que a Comissão sempre insistiu, praticamente em todas as reuniões que teve com a Direcção do Serviço de Música — Carlos Franco acentua bem isto, que considera muito importante — **foi a necessidade dum Regulamento para a orquestra. A maior parte dos problemas que têm surgido na orquestra são devidos à ausência dum Regulamento.**

É espantoso: a orquestra existe há mais de dez anos sem um estatuto onde se definam clara e inequivocamente direitos e deveres, normas de trabalho e de convivência, enfim, um «modus vivendi».

Quando a Direcção do Serviço nos perguntava — a nós Comissão — porque aconteciam certas coisas, porque se levantavam constantemente inúmeros problemas, a nossa resposta era sempre a mesma: porque cada músico julga que está dentro da razão; porque cada maestro põe e dispõe conforme muito bem lhe apetece; porque ninguém sabe com que é que pode contar; porque os critérios se alteram de hora a hora; porque não existe um Regulamento.

O Serviço de Música parecia concordar, mas o Regulamento nunca mais vinha:

. **Umas vezes diziam-nos que o Regulamento estava a ser elaborado por um funcionário do Serviço e que tinham sido pedidos elementos informativos a outras orquestras, portuguesas e estrangeiras. Outras vezes, diziam-nos que já fora elaborado um Regulamento mas não servia e teria de ser substituído por outro. E assim se foi adiando uma questão de que fizemos verdadeiramente um «cavalo de batalha» nas nossas relações com a direcção do Serviço de Música.**

O Regulamento não deveria, porém, ser **ditado** à orquestra:

A Comissão, prossegue Carlos Franco, **propunha que o projecto de Regulamento a elaborar fosse submetido à apreciação da orquestra, para o discutir, alterar (se fosse caso disso), e aprovar. Mas até este momento não apareceu nem projecto, nem Regulamento. E, claro, a orquestra continua sujeita, por exemplo, aos caprichos dos maestros: um entende que deve mudar os lugares dos instrumentistas, o que vem a seguir anula o que fez o anterior e prefere mandar abrir concurso; o maestro Albert não queria solistas alternantes nos sopros, ao passo que o maestro Tabachnik considera a alternância altamente favorável à eficácia e elevação do nível artístico duma orquestra (é, de resto, a prática generalizada); e assim por diante...**

A propósito do maestro Albert, ocorreu-me que Carlos Franco poderia esclarecer certas dúvidas que me suscitou a nota, já várias vezes referida, assinada pelo Sr. Dr. José de Azeredo Perdigão.

O CASO DA «ELEIÇÃO» DO MAESTRO ALBERT

É que o Conselho de Administração transfere para os instrumentistas a responsabilidade da «investidura» do Sr. Albert na chefia da Orquestra Gulbenkian. Diz-se textualmente na referida nota que Werner Albert foi contratado pelo prazo dum ano «com base na escolha da orquestra». **Quid juris?**

. **O Serviço de Música,** esclarece Carlos Franco, **forneceu uma lista de vários maestros para que a orquestra se pronunciasse, atribuindo uma pontuação de zero a dez a cada um dos seguintes factores: direcção; musicalidade; competência técnica; contacto humano. Mas as opiniões que a orquestra iria emitir — ficou logo esclarecido — não vinculavam o Serviço de Música.**

Da objectividade da apreciação que a orquestra era convidada a fazer julga Carlos Franco:

. **Na lista que nos foi apresentada só alguns maestros eram conhecidos da totalidade dos músicos da orquestra, enquanto outros — os mais antigos — só eram conhecidos duma magra dezena. A razão por que o Albert teve uma pontuação muito elevada assenta em dois factos: 1.º) os quinze dias em que trabalhou connosco pela primeira vez, e que nos impressionaram favoravelmente pelo seu aparente bom trato, precederam imediatamente a votação; 2.º) todos os votantes lhe atribuíram alguma pontuação, porque todos o conheciam. Sobre o maestro Ruotolo, por exemplo, só dez se pronunciaram, porque só dez tinham trabalhado com ele.**

Nestas circunstâncias, como seria possível dar à votação um mínimo de validade objectiva?

A Comissão sugeriu ao Serviço de Música que a tabela de valores atribuída aos maestros fosse elaborada na base dum sistema percentual (atendendo ao número de votantes para cada maestro) e não do mero somatório global de pontos. A nossa sugestão foi aceite. Ao fim e ao cabo, tal como se procedeu, a votação não teve qualquer sentido útil, nem traduziu o pensamento real da orquestra. Isso é que explica o gesto de um dos meus colegas, as arrancar da parede o papel em que o Serviço de Música mandara publicar a «classificação» final dos maestros.

Em suma: o maestro Albert, se foi contratado «com base na escolha da orquestra» (sic), foi-o erradamente, até porque neste caso, não podia haver efectivamente «escolha» da orquestra.

OUTRA VEZ O «GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA»

A questão que seguidamente pus a Carlos Franco foi a de saber que tipo de dificuldades tinha encontrado para se afirmar como solista fora do âmbito das actividades da Orquestra Gulbenkian. Contou um caso concreto:

Em Dezembro de 1970, Filipe Pires, então a estagiar em Paris, num estúdio de música electrónica, tendo sido abordado pelo Director do Centro Cultural da Fundação naquela cidade para um concerto, sugeriu também o meu nome. Faríamos um programa para flauta e piano, constituído por determinadas obras que ele me propôs por carta. Dias depois de receber esta proposta fui chamado ao Serviço de Música. Em primeiro lugar, perguntaram-me se estava interessado no concerto. Depois, perante a minha afirmativa, disseram-me que iriam estudar o assunto, designadamente ver qual seria a semana em que a minha ausência faria menos falta ao serviço da orquestra.

Mais um exemplo de como o Serviço de Música considera uma questão de interesse cultural global antes de mais através do prisma limitado e limitativo dos interesses da «sua» orquestra.

Vejamos agora o tipo de «facilidades» que estava disposto a conceder:

. **Ofereciam-me um «cachet» de três mil escudos, do qual eu teria que pagar o alojamento em Paris (facilitavam-me a ida para a casa de Portugal por aí ser mais em conta). Além disso, eu teria de suportar ainda as despesas com o instrumentista que me substituísse na orquestra durante a minha ausência. Quer dizer: ainda havia que pôr dinheiro do meu bolso. Claro que não aceitei tais condições... (Tem graça que, pela mesma ocasião, o «cachet» oferecido a um estrangeiro, nas mesmas condições, foi de oito)**

. Era inevitável passar desta história edificante para a outra, não menos edificante, do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Já que foi o próprio Conselho de Administração que, a este respeito, trouxe Carlos Franco «à colação», ao Franco «à colação», ao nomear uma carta que o Serviço de Música lhe dirigiu, e outra carta — o célebre «desmentido» a uma crítica da minha autoria — em que o mesmo Carlos Franco participou. Não deixa de ser interessante recordar neste momento, o benefício do que precede e do que se segue, a transcrição que o Conselho faz duma comunicação a Carlos Franco, tida por comprobatória da política de abertura do Serviço de Música relativamente ao Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Ei-la: «A presente carta não implica menos apreço pela acção até hoje desenvolvida pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, o qual de resto, nasceu ligado a uma actividade da própria Fundação Calouste Gulbenkian: a realização em 1970 do IV Curso de Iniciação à Música Contemporânea. A Fundação **deseja continuar a estimular a actividade solística de V. Ex.ª e dos seus colegas da Orquestra** (sublinhado meu — M. V. C.). Torna-se apenas necessário que o processamento dessas actuações se faça dentro das normas contratuais e sem que delas resulte prejuízo para as actividades da Orquestra de Câmara Gulbenkian».

Esta linguagem — diz Carlos Franco — **não só está em contradição com a prática do Serviço de Música, como ainda é totalmente diferente da própria linguagem que o Serviço Utilizou na mesma ocasião a respeito do mesmo problema. Faz-se aquela afirmação de princípio, e simultaneamente censuram-se asperamente os membros do Grupo «por terem aceitado tomar parte» num concerto da Academia de Amadores de Música sem prévia autorização da Fundação; considera-se «o presente caso» — que, repare-se, consistia apenas em «aceitar tomar parte» (diferente de «actuar») sem prévia autorização — uma «reincidência grave»; afirma-se que a autorização para estas actuações «só será concedida a título excepcional»; protesta-se pelo facto de se assistir repetidas vezes «a afirmações públicas de perfeita autonomia do G. M. C. L., apesar de este ser actualmente integrado na sua maior parte por elementos da Orquestra Gulbenkian» e precisa-se que «essas afirmações consistem sobretudo na programação de concertos sem a Fundação Gulbenkian ser sequer consultada»...**

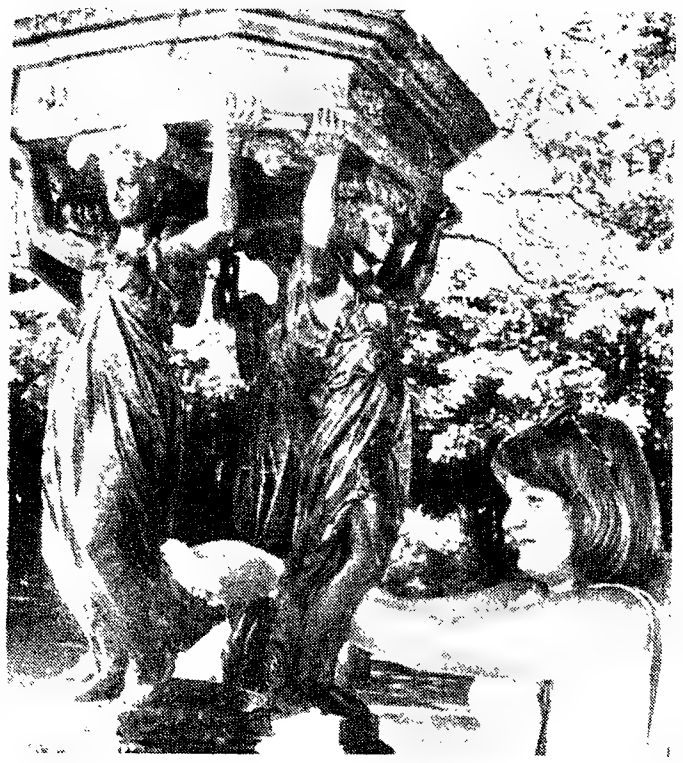
Quanto ao pretenso «desmentido», a posição de Carlos Franco é bem clara:

. **«Confirmo e faço minhas as palavras de António Silva, publicadas neste Suplemento no passado dia 6. O documento em que negávamos a existência de obstáculos à actividade do Grupo foi feito sob pressão e acabou por ser visado e corrigido por quem na realidade tinha mais interesse em que ele circulasse. Não compreendemos na altura que, para além dos aspectos éticos, essa nossa posição de fraqueza nos conduzia a um beco sem saída.**

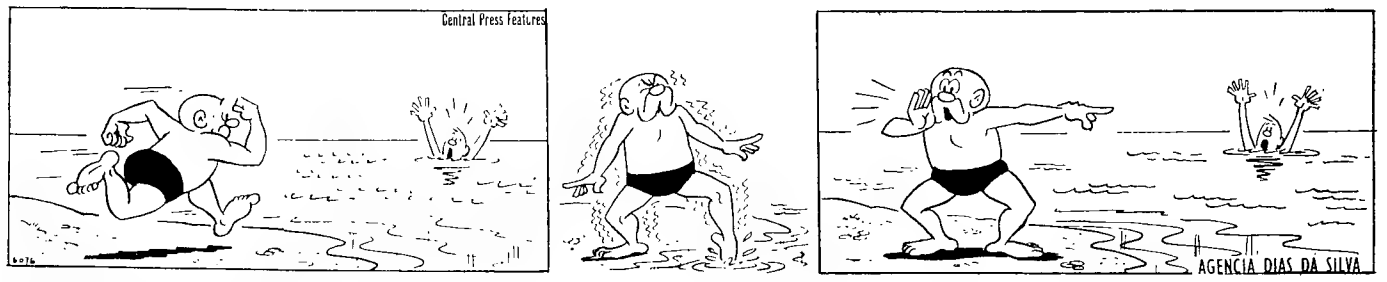
Quero aproveitar a oportunidade para fazer uma rectificação ao depoimento de António Silva: a suspensão do concerto na Universidade para que fora convidado o G. M. C. L. é anterior e não posterior ao «desmentido».

Depois de tudo isto, ainda haverá alguém que possa honestamente afirmar que o pôr em causa a política musical da Fundação, a estrutura do Serviço que é por ela responsável, os seus métodos de trabalho, é uma reles questão de má-fé e **obsessão** de quem a coloca ou promove a sua discussão?

Mário Vieira de Carvalho



Esta fonte decorativa dos Campos Elísios parisienses não só continua a deitar água como liberta ainda o espírito de uma época já ultrapassada mas cuja essência um artista do passado tentou captar e fazer perdurar. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



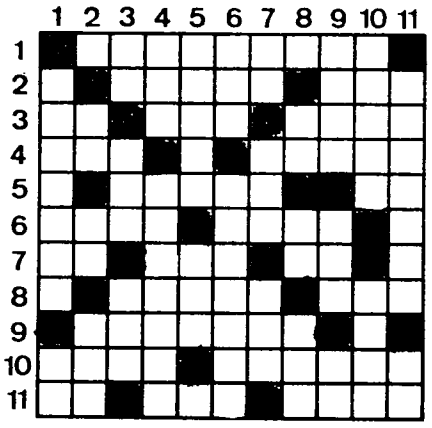
PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 547

HORIZONTAIS:

1 Coroas
2 Lar batidos. Cento e dois em romano
3 Erbo (s.q) Recusa. Vale escarpado nos Pirenéus
4 Pronome relativo. Estive a colar por aderencia
5 Freguesia do concelho de Satão. Amonio (s.q)
6 Estavam. Rezem
7 Neon (s.q) Igual. Nota musical
8 Espécie de trigo ou cevada, de que os antigos faziam uma espécie de cerveja. Atilho
9 Ausência de sonoridade.
10 Mamífero desdentado espécie de tatu. O mesmo que látex
11 Tempo do verbo haver. Nome de letra. Gostas muito de



VERTICAIS:

1 Limitado. Interjeição que exprime admiração.
2 Estrépito de desmoronamento. Nota musical. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Asia
3 Prefixo que designa afastamento. Ave pernalta. Azáfama
4 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Suplica
5 Inundo. Cidade de França.
6 Curso de água. Espécie de chouriço em que entra o sangue do porco.
7 Brisa. Rio da Suiça. Pegadeira
8 Preposição latina que designa movimento. Preposição. Letra grega
9 Picante. Um milhar. Prefixo de negação.
10 Fechara as asas para descer mais depressa. Tira de fígado temperada e frita.
11 Adversário. Tempo do verbo ser.

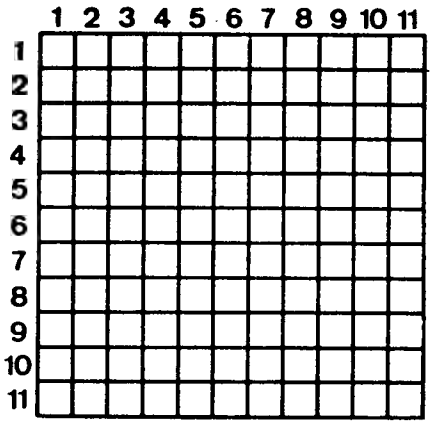
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 704

HORIZONTAIS:

1 Vê. Ilha pertencente à província de Macau. Lutécio (s.q).
2 Avaliar. Cidade de França.
3 Atraiçoar. Fúria.
4 Queimo. Gigante.
5 Cidade de Espanha.
6 Prefixo de negação. Basta. Batráquio. Cobalto (s.q).
7 Enganar. Na parte posterior. Tempo do verbo ir. Lição.
9 Pêlos de certos animais. Cidade de França. Oceano.
10 Segundo. Circular. Quinhentos e um em romano.
11 Queimem. Tira estreita.



VERTICAIS:

1 Rio de França. Grande ilha triangular do Mediterrâneo — antiga. Trinácria.
2 Vagueia. Apelido.
3 Morada. Espaço de trinta dias.
4 Pronome demonstrativo. Possui. Germânio (s.q).
5 Alardear. Aparelho para encurvar as calhas das linhas férreas.
6 Oceano.
7 Quebrara. Página.
8 Lavai. Prende. Batráquio.
9 Nome de mulher. Álcool de melaço.
10 Limpa com água. Silêncio completo.
11 Emprega. Enfiada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 546

HORIZONTAIS:

1 Palma. Asa.
2 Um. Oiã. MCII.
3 Ala. Fiara.
4 Nasceriam.
5 Tipo. Uaua.
6 Arais. Ris.
7 Arm.
8 Moa. Ga. Só.
9 Agrediremos.
10 Iaco. Matais.
11 Sm. Nua. Essa.

VERTICAIS:

1 QUANTO. MAIS.
2 Miai. ROGAM.
3 Aspa. Arc.
4 AO. Cora. Eon.
5 Lime. Arad.
6 Ma. RUIM. Imã.
7 Fias. Grã.
8 Miau. Caetê.
9 Acamar. Mas.
10 Sir. Sois.
11 Aiaras. Ossa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 703

HORIZONTAIS:

1 Sola. Sina.
2 Os. Reprovar.
3 Rua. Riam. Im.
4 Tara. Amarra.
5 Omite. Aer.
6 Sa. Ás.
7 CCC. Arpão.
8 Arames. Cais.
9 Ri. Anal. Mat.
10 Marcaram. Si.
11 Osso. Aral.

VERTICAIS:

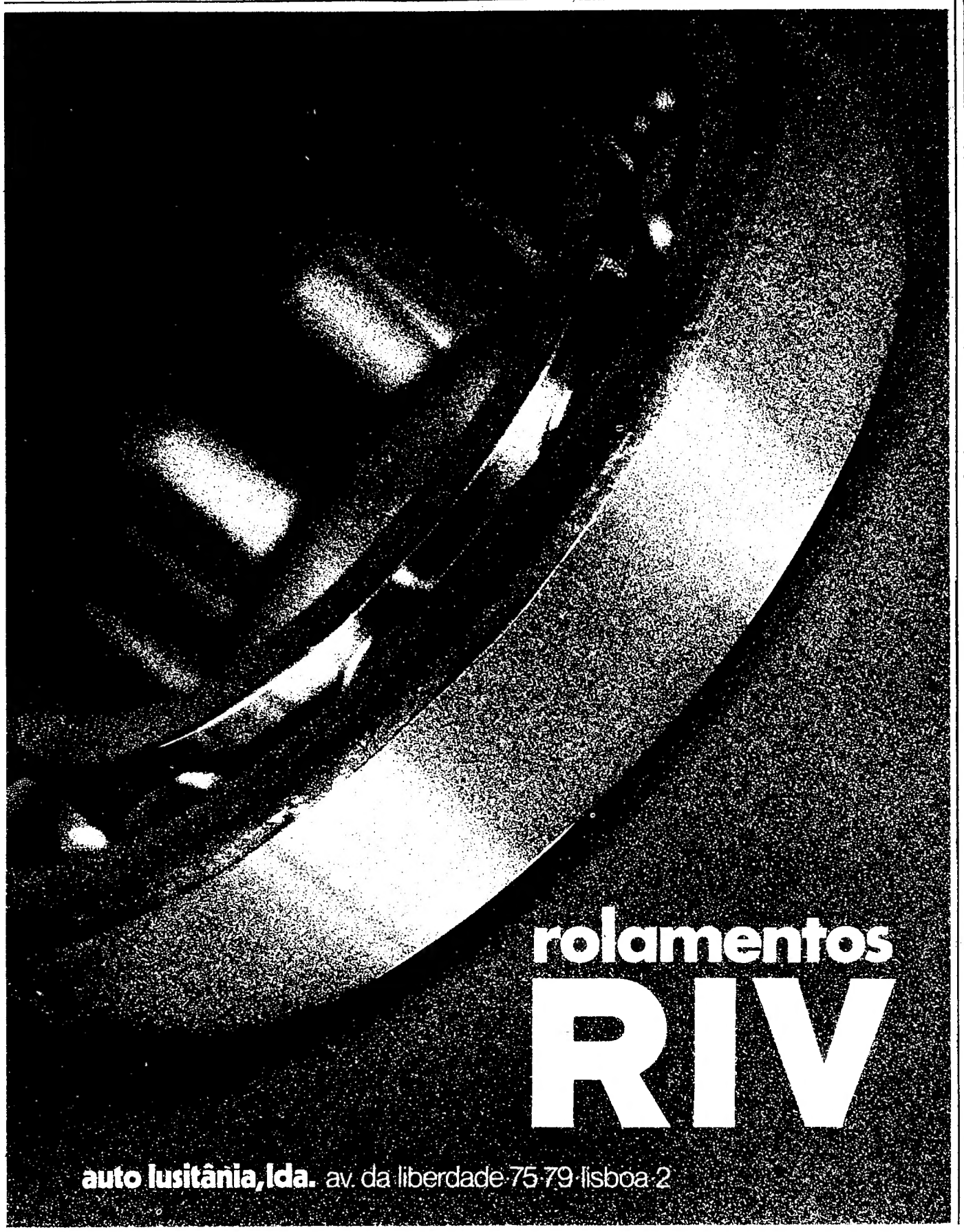
1 Porto. Carmo.
2 Suam. Crias.
3 Arisca. Rs.
4 Or. Ata. Maço.
5 Ler. Sena.
6 Ápia. Sara.
7 Ramo. Lar.
8 Soma. Arc. Ma.
9 IV. Raspam.
10 Naire. Aias.
11 Armar. Óstia.

Provérbio: QUANTO MAIS ROGAM AO RUIM, PIOR.

JOGOS SEM PALAVRAS

SALDOS
NA QUADRANTE
MATEMÁTICA, JUDAICOS, ESTUDO
SETEMBRO

HOTEL CASTOR
PORTO
AR CLIMATIZADO
TEL. 28691
R. DAS DOZE CASAS, 17



Livros recebidos

EDITORA ARCÁDIA

HITLER E AS SOCIEDADES SECRETAS
René Alleau
Tradução de Maria Célia Coutinho

EDITORES ASSOCIADOS

RESSURREIÇÃO
Leão Tolstoi
Tradução de Alfredo Brás e Maria Clarinda Brás
Colecção Livros Unibolso - n.º 23

AS PALAVRAS
Jean-Paul Sartre
Tradução de J. Guinsburg, revista por Fernanda Botelho
Colecção Livros Unibolso - n.º 24

EDITORIAL VERBO

O LIVRO-JOGO DA QUINTA
Texto de Alain Grée
Ilustrações de Gérard Grée
Versão portuguesa de Maria Selene Santos
Colecção Livro-jogo - n.º 4

INICIATIVAS EDITORIAIS

O LIVRO DO REARMAMENTO
Enrique Ruiz Garcia
Tradução de Manuel J. Palmeirim
Colecção Século XX-XXI

LIVRARIA ACADÉMICA

CRÓNICA DOS ANOS DA PESTE - I
Eugénio Lisboa
Prefácio de Maria de Lourdes Cortez

Sá de Miranda
EXTERNATO • SEMI-INTERNATO
CICLO PREPARATÓRIO – LICEAL
★ INEXCEDÍVEL CORPO DOCENTE
★ INSTALAÇÕES FUNCIONAIS
★ AMBIENTE DE ESTUDO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secrt. 45310 — Direcção 537532
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

LICENCIADO EM FARMÁCIA

Pretende grande Laboratório zona Lisboa, sexo masculino, com ou sem experiência nomeadamente programação, largo futuro. Agradece-se referência e outras informações. Guarda-se sigilo estando empregado. Resposta a este jornal ao n.º 908.

LUSTRES
de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..
VENDA AO PÚBLICO

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE
HOJE MESMO A
ORCOSI
MEDIADORA AUTORIZADA
E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

CRUZEIROS INSULANA ★ N/M "FUNCHAL"

JÁ PENSOU QUE PODE GOZAR 8 DIAS PLENOS DE FELICIDADE VISITANDO 5 LUGARES DIFERENTES SEM FAZER E DESFAZER AS MALAS ?

Pois é verdade...

Pode conhecer o misterioso encanto de MARROCOS visitando CASABLANCA e em MARRAKECH os Souks e a famosa praça Djemaa el-fna com os seus encantadores de serpentes, acrobatas e bailarinas...

a bela ILHA DE TENERIFE nas CANÁRIAS lugar internacional e muito em voga...

a incrível beleza da ILHA DA MADEIRA a pérola do Atlântico sempre florida e a cidade do FUNCHAL repleta de tipicismo e de tradições...

a paradisíaca ilha sempre verde de S. MIGUEL nos AÇORES onde a natureza se mantem intacta e onde entre outras maravilhas podemos ver a majestosa LAGOA DAS SETE CIDADES com as suas águas divididas em cambiantes de azul e verde

Tudo isto a preços excepcionais e sem a parte incómoda das viagens (as deslocações, as malas, as mudanças de hotel) antes gozando o sol e o ar puro do Oceano aliado ao requinte da boa mesa, jogos e diversões, bronzeando-se na piscina e dormindo noite repousante no seu camarote com banho privativo, alcatifado e climatizado

O luxuoso paquete FUNCHAL foi propositadamente remodelado a pensar no seu conforto.

VIAJE CONNOSCO QUE O HOTEL VIAJA CONSIGO

Próximas saidas de LISBOA:

25/ 9 Regresso a 3/10	23/10 Regresso a 31/10
9/10 » » 17/10	

Reserve desde já lugar no seu agente de viagens ou na

abreu
DESDE 1840

LISBOA – Av. Liberdade, 166 Telef. 390021 (15 linhas)
PORTO – Av. dos Aliados, 207 Telef. 27921 (15 linhas)
COIMBRA – Rua da Sota, 3 Telef. 27001/27002

CARTAS DO NORTE PARA O NORTE

Por ANTÓNIO MODESTO NAVARRO

É, caro Celso Emílio Ferreiro, uma carta para dizeres ao mestre José que há muito tempo estamos à espera dele. Não pode demorar-se tanto assim, se não que vai ser das tesouras?, a da minha tia, marca corneta, a da Maria da Cruz, muito maior, de costureira da alta. Diz-lhe que a vila está na mesma, apenas mais só; à meia-tarde, exactamente quando ele descia até à praça, o sol continua a esconder-se atrás da casa alta; logo depois, o recanto das flores fica calmo, apetece sentar no bancc e olhar a serra onde os pinheiros novos crescem e se aproximam da vila.

Repara, ele que não fique mais tempo aborrecido; aconteceu aquilo, um desastre, certo, mas é coisa que tem sucedido a tantos; trazia sempre uns cortes de pano para calças; às vezes, trazia também o filho, e dizia logo à porta: — «Mestre Manuel, aqui tem o seu amigo!» Prendia o cavalo no melhor sítio, à manjedoura pequena, arranjava a roda e ia saber da vida; o filho ficava com a malta, jogava o pião e à bola, quase não podia com as calças grossas, de pana amarela; era o espanhol, filho do espanhol, assim lhe chamavam, e nem adivinhavam a ofensa que lhes faziam; afinal tratava-se de naturais da Galiza; o pai, representante da indústria dos amoladores de tesouras, falava galego porque era das classes trabalhadoras, tal como tu o dizes e o diz Manuel Maria, outro poeta da Galiza tão lutador como tu; a esse vou escrever qualquer dia, a agradecer-lhe o livro que nos mandou também através da Razão Actual; foram 9º poemas dos mais lindos e mais fortes que têm aparecido por cá; quanto aos teus (e aos dele), ocupam um lugar especial nas nossas leituras; são poemas que não cristalizam a palavra, antes a movimentam dentro de nós, trazendo-nos uma riqueza às vezes adormecida; desentorpecem-na, fazem-nos olhar a terra mais fundo, e depois vem uma nova procupação pelo andamento das coisas; dois belos livros, com franqueza.

Mas olha, diz lá ao José que as tesouras, por exemplo a do mestre Manuel, estão cansadas; Maria da Cruz, pelo dia fora, ainda corta tecido com a velha, mas qualquer dia tem de comprar uma nova; mestre Manuel já vai tosquiando com a que tem, à espera de um dia ver surgir à porta da oficina um novo cavalo tocado pelo amigo José; o outro, já velho, morreu com uma pulmoeira, era Inverno; mestre Nanuel ainda lhe abriu a garganta, deitava pus à farta; Jose gastou rios de dinheiro, pagou a conta na farmácia, pagou o resto e abalou com a roda de amolar e o filho ao lado. Vinha todos os anos da Galiza, saber da vida; não teria ele arranjado dinheiro para outro cavalo? Teria ele arranjado outro trabalho ou emigrado? Com esta coisa do abandono, tanta vida se foi alterando.

Aquela viver e não viver, aquela amizade de mestre José para mestre Manuel, tu sabes, Celso, foi acabando aqui em Tras-os-Montes; os artesãos deixaram de ter empregados e abalaram atrás deles para Franca e Alemanha; os que ficaram, por serem velhos como mestre Manuel, trabalham sozinhos, lá vão andando; penso que são os casos da Galiza, segundo vejo pelo teu livro e pelo de Manuel Maria. Esta carta do norte para o norte, de Trás-os-Montes para a Galiza, vai atravessar muitas terras vazias, meu velho. Por onde andas? Por onde andamos? Aqui há anos encontrei o filho de José em Lisboa, na rua do Salitre, sozinho com a roda de amolar e o assobio; caramba, disse-lhe, onde chegam as faltas, e ele também me respondeu assim; estivemos um bocado parados um em frente do outro, à conversa; falámos da morte do cavalo, e do pai que já estava acabado; disse-me que viera saber da vida para o sul porque nos dois nortes cada vez era mais a gente que abe'ava; não deu novidade nenhuma.

Estou para aqui a escrever-te sem saber onde páras agora; também emigraste, para Caracas, segundo li no início da Auto-escolha dos teus po[illegible]as, há tempos publicada pela Razão Actual; segundo o que di[illegible], e já lá vai tempo, em breve voltarias; é isso, meu car[illegible]a volta, tanta volta, mas a verdade é que a «loita» é mai[illegible] na nossa terra.

Volta depressa, como não sei sequer se lerás esta, respondo-me em teu nome com a carta poema em que falas de «produção» e outras coisas. Dás licença?

CONTRIBUCIÓN AO PLÁN DE DESENROLO ECONÓMICO
(Índices estadísticos)

O meu país predilecto
limita ao norde cos ventos alisios,
ao sul cun arrabaldo de Bós Aires
e co porto de Hamburgo;
ao leste con três pombas mensaxeiras
ao nordeste coa terra de ningures.
O meu país predilecto é un emporio
de cousas nunca vistas:
os homes viven fora da lei da gravedade
pero conhecen moi ben a lei do embudo
i-o principio da palanca e do fungueiro.
Un país que vive de milagre.
Produce ao ano xustos doce meses
e tres mil romerias de San Roque
Quinientas toneladas de labercas,
setecentas de grilos,
vinte de volvoretas
e sete de tabáus incontrolados.
Suma e sigue:
Oitenta mil arrobas de maletàs,
dous mil metros cuadrados de ataúdes,
sete lobos per cápita,
dez raposos por cada con ribuinte
e chumbo, moito chumbo,
que exportamos,
transportamos,
soportamos.

Item mais:
Cinco mil toneladas de carneiros
e un castrón por parroquia.
E que cicais non somos
un país ben desenrolado?
Somos os segundos kilovatios do mundo
e os primeiros amperios de Europa (fora Rusia).
A nosa industria de amolar coitelos
navalhas e tixeiras
non ten rival no Ocidente.
Fábricas de corozas: setecentas.
Comprexos industriaes
pra produción en serie de foguetes:
cinco mil, mais industriais auxiliares.
Fábricas de zocas: quinientas.
Fábricas de albardas: outras tantas.
Fornos altos e baixos: non se sabe,
non hai datos.
Fábricas de gaseosas: sete mil.
Laboratorios sicotéinicos
pra o estudo do porvir
(Sorte de paxarinho): sete ducias.
Fábricas de serrar paus: nove mil.
Fábricas de colher puntos
ás medias das mulheres: três mil ducias.
Empresas colaboradoras
prá cocacolonización da patria: cen mil.
Quen dixo que o país non está desenrolado?
Cinco mil toneladas de esgarabelhos das patacas.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil toneladas de moscas e mosquitos.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil toneladas de castanhas bolecas.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil toneladas de formigas.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil toneladas de pirlxel e nabos.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil toneladas de paciencia.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil toneladas de parvos.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil toneladas de emigrantes.
Cinco mil toneladas.
Cinco mil, cinco mil, cinco mil toneladas
de camándulas pilhos,
de morcegos ilustres
e de pegas piedosas.
Cinco mil toneladas.
Sumo total, salvo omisión ou erro:
Quinientos mil kilómetros cuadrados
de tuneles na noite interminavel...
Cinco mil toneladas.

Folhetim-artístico

José-Augusto França

DARCÍLIO LIMA NO "CHATEAU" DE LA PORTE

. ...Tudo se sabe na vizinhança rural e a notícia chegou-me a casa. Os do «château» de La Porte tinham alugado uma ala do solar a um pintor brasileiro. Quem e como, não entendi bem, os do «château» de Brossay, através dos quais a notícia chegara, não me souberam também dizer o nome do artista, parecia que vindo de Paris, quando lá fui buscar um queijo de cabra especial __ e o melhor era ir a La Porte, a uns cinco quilómetros daqui. Se o brasileiro chegara de Paris quase certamente nos conheciamos, se viera do Brasil era também possível que.

O pequeno solar de La Porte vem do século XVII, com sucessivos acrescentamentos em Setecentos e um ar final na sua decoração interior fixada em meados do século XIX: a história habitual dos «châteaux» do Beaugeois, e por este país fora. A velha proprietária morreu, herdou a casa um sobrinho que veio enterrar-se ali, criando «poneys». Uma ala do solar lhe chegou, o resto vai-se arruinando __ as portas torcendo, as pedras da escadaria quebrando, os móveis apodrecendo, os panos das paredes ou o papel caindo por si, o pó acumulando-se entre teias de aranha... Casa que seria de fantasmas se os houvesse no Anjou, e é apenas uma casa morrendo, absurda nos seus contrastes do antigo luxo senhorial e do desmazelo de hoje. Só, pelo relvado incerto, os «poneys» trotam, entre as árvores antigas. Em volta, sob o céu pálido, alarga-se a planura verde e desenha-se o dédalo de pequenas estradas que vão de lugar em lugar...

...Chamado pelo proprietário, desceu Darcílio de Paula Lima, brasileiro do Ceará, achando naturalíssima a visita. E na mão trazia já a enorme pasta dos desenhos.

Um pintor brasileiro no Anjou, e num «château»! «É» __ explicou ele. E a explicação ficou por isso mesmo. Teve Darcílio o prémio nacional de uma bolsa de dois anos na Europa que já conhecia de múltiplas viagens que sobretudo o levaram à Escócia __ e resolveu fixar-se algures em França. Não em Paris, mas em local tranquilo e pessoalizável. No Anjou, por exemplo __ e porque não no solar de La Porte, se um amigo lhe falou, em Paris, da aldeia de Sermaise, se por isso tomou o comboio para Angers, se de lá telefonou, ao acaso do anuário, para o «château» e se lhe disseram que sim, que alugavam? Por um ano de tranquilidade.

«Vê aquela árvore? Achei logo que ia ficar mesmo. Está certo, compreende?».

Compreendi. É um cedro de folhas minuciosas, majestosamente recortado no azul.

Eu não conhecia o Darcílio, que vem do Rio __ mas logo descobrimos dez ou vinte amigos comuns, e, entre eles, o velho Mário Pedrosa que há cinco anos o «lançou», servindo de fiador à sua arte estranha de desenhista. Os desenhos (e as gravuras), sim, conhecia-os, de ocasional exposição colectiva em São Paulo, e fixara-os __ como era irremediável que os fixasse, ou que os fixe, fascinado, quem alguma vez os vir.

...Numa mesa moderna de desenhador, à beira da lucarna que abre sobre o cedro, entre um leito «Charles X», e velhas gravuras e livros românticos pelas paredes e pelas estantes, Darcílio, debruçado, desenha pormenorizadamente, minuciosamente, obsessivamente, com uma caneta filiforme que marca o grão do papel de pequenos pontos e sinais. Logo corpos nus num massacre fantástico; logo corpos monstruosos numa luta carnal. Logo um universo de formas e seres, de signos e ameaças...

Um ano de trabalho à frente, um livro a publicar então, em Paris, pelo famoso editor Eric Losfeld, que se chamará, mais ou menos (Darcílio hesita entre três títulos, outros ainda achará), a «Constituição do Homem» __ e terá cem desenhos e textos vários. Ao mesmo tempo, Darcílio fará uma exposição em Paris, onde haverá desenhos em tela, de três metros de altura. E sempre este labor quotidiano, dobrado sobre o estirador, ponto após ponto __ que vira braço, boca, corpo, sexo, aflição!

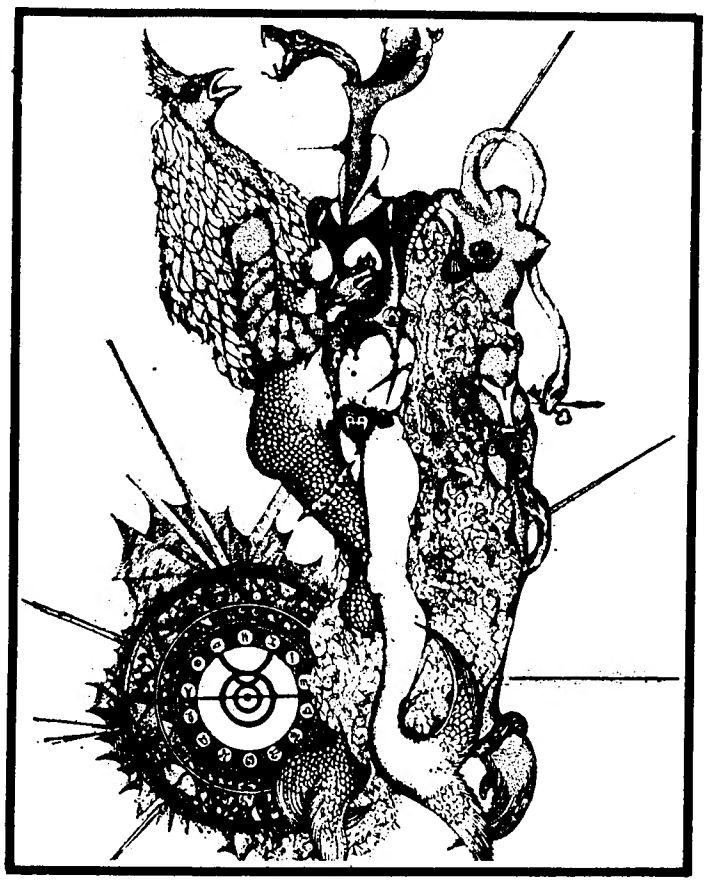
. «O Homem desenvolve-se segundo um círculo de forças: nesse estado (um senso de presença), ele induz um campo de energia o qual, simplesmente, o habilitaria a ser diuturnamente envolvido por um campo de informação. A rotina e a inconsciência eliminarão todo o campo durante esta geração, criando a divisão entre os homens __ privilegiados e indefesos».

E depois:

. «Os homens estagnados aproximam-se do fim do seu momento tecnológico, abrem grandes proscénios, em eterna competição uns com os outros, em nome da auto-afirmação».

E logo adiante:

. «Hoje vagarei para descansar um pouco e, após chorar, oferecerei Ouro e Mirra a Frida, Rossicler e Sileno, por seus passeios divergentes nos grandes vales afrodisíacos de Marte e Ursa. Neste momento eu sinto o frescor do jasmim, que é a respiração dos seus lábios, o sussurro das suas sedas, e as furiosas pisadas dos seus garanhões, enquanto os cabelos voláteis e os manes de suas bestas rompem o vento impetuoso, como as lâminas mais frias. Eles abrirão o Grande Portal. Paz e Ouro».



Esta é a «Visão Contemporânea», título do manifesto de Darcílio Lima publicado em «The Image», em Londres. «Art and Artists» consagrou-o também, como, em Paris, a «Planète», e em breve sairá o seu grande livro __ contemporânea visão em que espiritualismo, magia e alucinação se ligam, de modo indissolúvel, e hermeticamente. Desenhador ocultista, diabolista, erotista, surrealista?

. Mário Pedrosa, em 68, falou de «surrealismo fantástico», ao alto da sua apresentação. Ou desenhador herético?

. «Expressão arcaica num mundo contemporâneo. Quero dizer, fora de moda. Mais ainda __ inactual». Mas esta inactualidade de que Pedrosa escreve (e sublima) é apenas aparente, num desenho que pode parecer académico pelo conhecimento codificado dos objectos representados. Para além da forma exterior, e dando-lhe sentido, um significado outro se define, porém __ e a perfeição obsessiva do significante gráfico vale por si própria, elemento de uma linguagem que inventou, a par da exigência técnica da escrita ou da caligrafia, um alfabeto de signos misteriosamente criptografados.

A «expressão arcaica» é, assim, aquela que vem da profundeza do tempo e não a que se recusa a um tempo de moda estética. Por isso, «este surrealista autêntico do Ceará é um homem de hoje» __ da família de outro, nascido em Espanha e herético também, na grandeza das suas melhores obras que a nossa imaginação completa oniricamente: Luís Buñuel. A comparação é ainda de Mário Pedrosa, e tão acertada em 1968 como em 1973.

Tenho diante de mim o desenho litografado que deu a Darcílio o prémio da estada na Europa __ é um jaguar e uma serpente, duas serpentes, enrolam-se às pernas de uma mulher de cabelos em fogo, como que lhe saindo do ventre polido. E outro corpo nu se cola ao primeiro, prolongado por uma enorme asa de outro corpo ainda, emplumado. O grande movimento ascendente e sinuoso continua em serpentes e vísceras, e um demónio, ao alto, preside a ele, tocando, como numa guitarra, as vértebras de uma coluna. Elemento após elemento, uma adição constante e sem trégua, acrescentamento e proliferação insólita, coisa ou ser, chamando, produzindo, criando outro, ou exigindo-o, na sua convulsão total...

Mas esta serpente-braço e mão estrangula outra e, no arco que ela forma, desenha-se uma roseta coberta de estranhos sinais lunares e solares, caracteres e fórmulas. Alguém as escreveu, alguma força sustenta, no ar, este disco mágico. Mas a mulher de quatro braços a que o jaguar dilacera um seio, escreve __ e a pena flamejante que segura, ao termo de um braço coberto de portentosas jóias, deixa, num papel alado (ou as asas o levam e ligam à rosácea mágica donde emana?), outros signos, uma escrita, um alfabeto minucioso, como se determinasse, numa carta celeste, a fatalidade de quem olhar...

Morte e desejo, uma raiva de sangue no luxo majestoso do Mal __ e o Homem assim se constitui, correndo a apelos antigos, de monstros, demónios e maravilhas!

. ...Numa mesa, ao lado, «The Victorian Painters», de Jeremy Maas, «Symbolist Painting», de Luce-Smitc. Não, por acaso, os «Cantos de Maldoror» que Darcílio desejou ilustrar, disse-me, quando lhe falei neles.

Bosch, Blake, Fussli, Grandville, Goya, Gustave Moreau __ os nomes vêm à conversação. Não, Darcílio não conhece o museu Moreau em Paris. «Há um museu Moreau?». Indiquei-lhe onde: «Você precisa de conhecer!» __ e lá correrá em breve.

Correrá lentamente, que ele sabe bem a prudência que o faz avançar degrau a degrau do conhecimento: com grandes gestos dos braços, Darcílio desenha no espaço os degraus a subir. E pergunta-me: «Compreende?», pontuando as frases quase sibilinas, sincopadas, detidas pelo meio, num olhar ao mesmo tempo agudo e distante.

O cedro imenso está no parque do «château» de La Porte como num desenho de Darcílio. Antes de eu chegar, Darcílio fizera uma das suas velozes voltas quotidianas, numa bicicleta de corridas, pelas estradas do Beaugeois.

um apartamento,
um belo local
no estoril,
um rumo certo
para
os seus "tempos livres"

No Vale do Sol, o Touring Club de Portugal tem óptimos apartamentos, que combinam a intimidade que você deseja com um eficiente serviço de hotel. Sem esquecer a "tal" fondue, cabeça de cartaz do restaurante...

APARTHOTEL VALE DO SOL – ESTORIL

RESERVAS
71 91 81/2/3

TCP

touring club de portugal

TEXTOS SOBRE TEATRO

Carlos Porto

CAMINHOS DA CRIAÇÃO TEATRAL

1. O OUTRO LADO

Examinei anteriormente os textos que constituem o 1.º volume de «Les Voies de la Création Théâtrale», uma edição do Centre National de Recherche Scientifique que reúne, em vários volumes, conjuntos de textos descritivos e analíticos de alguns espectáculos do teatro contemporâneo.

Lembro que no 1.º volume, vários estudiosos franceses analisam espectáculos que podemos considerar integrados num tipo de teatro ritualista e de expressão corporal. Pelo contrário, neste 2.º volume, encontramos a análise de espectáculos de teor directamente político. Esta arrumação metodológica é um critério a ter em conta na análise destes volumes do C. N. R. S.

Vejamos o plano deste 2.º volume: «Mãe Coragem» e «A resistível ascensão de Arturo Ui», de Brecht; «Andorra», de Max Frisch; «A tragédia do rei Cristóvão» e «Uma estação no Congo» de Aimé Césaire; «Morte e Vida Severina», de João Cabral de Melo Neto, espectáculo conhecido em Portugal. Vemos [illegible] as incidências ideológicas dos espectáculos propostos neste volume, espectáculos que, nas palavras de Denis Bablet, seu organizador, *pertencem a um teatro de inspiração político-social em relação directa com os problemas e as realidades do nosso tempo.*

2. DOIS [illegible]

Jean-Claude François analisa «Mãe Coragem». O articulista começa por lembrar alguns conceitos (aliás, de certo modo elementares) que possam ajudar a uma definição do teatro épico sobretudo pelo contraste estabelecido com a definição do teatro de sala aristotélica cuja acção tem como base uma intriga dramática. J. C. François põe em confronto a peça de Brecht com o «Egmont» de Goethe.

Em relação a esta primeira parte do seu trabalho, é de sublinhar a anotação de pequenos pormenores essenciais no sentido da obra brechtiana. Observações como esta: *«Mãe Coragem» está sempre ausente quando acontece alguma coisa aos filhos, mas está ausente «por causa dos negócios»,* constituem síntese que iluminam o processo complexo de que Brecht se servia na estrutura das suas peças.

O articulista faz uma análise do que considera as *cenas principais,* embora sem esquecer as restantes. Seguidamente, faz a análise do Espaço e do Tempo em «Mãe Coragem» bem como das personagens e da linguagem. Sobre a principal personagem da peça, retenhamos o seguinte parágrafo: *A peça não nos convida a julgar Mãe Coragem como mãe (boa ou má?) ou como «hiena do campo de batalha», não se trata de chorar sobre o destino da pobre mãe nem de condenar a mãe indigna. O carácter dividido da personagem deve ser mostrado não como uma curiosidade trágica mas como produto de uma necessidade de origem social. Tendo o carácter dividido da personagem uma causa a crença de que «os pequenos», os da «camada inferior» podem lucrar com a guerra, é necessário suprimir essa causa.*

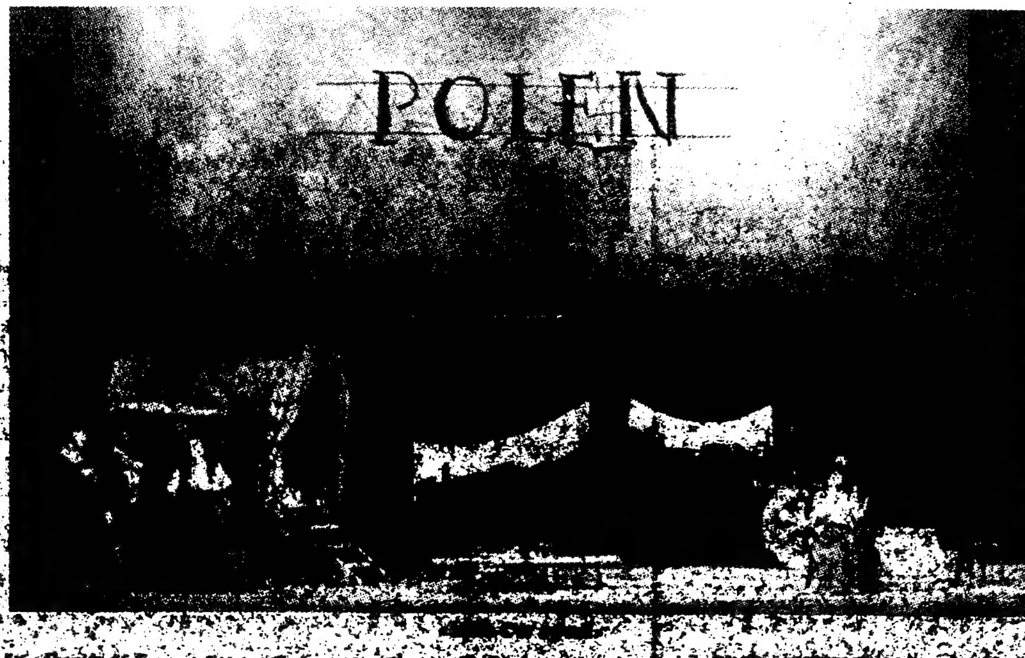
A respeito da linguagem que constitui um dos elementos fundamentais do teatro de Brecht, vejamos o que diz o articulista: *À fragmentação da acção e à natureza contraditória das personagens corresponde no plano da linguagem uma estrutura a três níveis: a linguagem da acção propriamente dita, a linguagem a que poderíamos chamar* schweykiana *e as canções. Esta descontinuidade exerce a mesma função que os restantes elementos estruturais: evitar a participação total do espectador, a sua hipnotização, introduzindo rupturas na acção, na psicologia, na linguagem.*

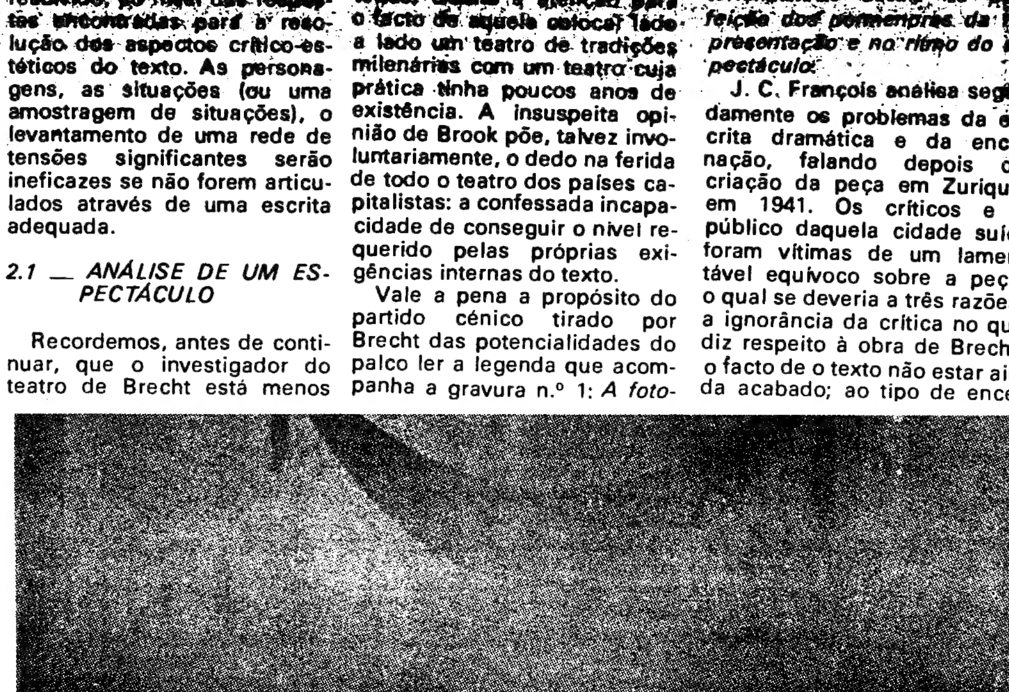
Por linguagem *schweykiana,* pretende o autor referir-se às características linguísticas daquela personagem que Brecht foi buscar ao romance do checo Hasek, características que Mãe Coragem, na sua opinião, também assume.

Observemos, de acordo com J. C. François, como em Brecht o problema da linguagem se articula intimamente com os outros problemas do seu teatro. É que não pode haver teatro político a sério — como não pode haver nenhuma outra forma de expressão estética de intervenção — sem que este problema da linguagem esteja resolvido, ao nível das respostas encontradas para a resolução dos aspectos crítico-estéticos do texto. As personagens, as situações (ou uma amostragem de situações), o levantamento de uma rede de tensões significantes serão ineficazes se não forem articulados através de uma escrita adequada.

2.1 — ANÁLISE DE UM ESPECTÁCULO

Recordemos, antes de continuar, que o investigador do teatro de Brecht está menos





«Arturo Ui»

a desvendar os meandros literário-teatrais de um texto do que a analisar as relações dialécticas entre esse texto e o espectáculo que o torna vivo. E recordemos sobretudo que os espectáculos de Brecht eram ao mesmo tempo criação individual literária de um artista, logo transmudada no cadinho de uma prática que o próprio cirador dirigia (Brecht preferiria a palavra produtor). Recordemos, finalmente, as condições peculiares em que decorriam as produções brechtianas do «Berliner Ensemble». Estou a lembrar-me de declarações de Peter Brook em que este afirmava a propósito do facto de não encenar peças de Brecht mais ou menos o seguinte: *Depois de ter visto as peças de Brecht montadas pelo «Berliner Ensemble»* [illegible] *a peça* [illegible] *nível atingido por essas realizações* [illegible]

Embora não sendo o ponto de vista do encenador inglês, [illegible] teórico, chama a atenção para o facto de aquele colocar lado a lado um teatro de tradições milenárias com um teatro cuja prática tinha poucos anos de existência. A insuspeita opinião de Brook põe, talvez involuntariamente, o dedo na ferida de todo o teatro dos países capitalistas: a confessada incapacidade de conseguir o nível requerido pelas próprias exigências internas do texto.

Vale a pena a propósito do partido cénico tirado por Brecht das potencialidades do palco ler a legenda que acompanha a gravura n.º 1: *A fotografia mostra um destes tempos mortos que introduzem a descontinuidade no desenvolvimento da acção. Mãe Coragem, o cozinheiro e o capelão comentam, utilizando os processos sweykianos, a política de Gustavo-Adolfo. a largura da cena e a posição da carroça permitem sublinhar o carácter claramente separado deste «número». A outra metade da cena é ocupada por Catarina, que atrai a atenção sobre si, durante os silêncios do outro grupo, entregando-se a um jogo mudo (experimenta as botas e o chapéu de Yvette). Este jogo mudo permite a transição entre a cena precedente (Yvette canta) e a seguinte (o ataque dos católicos e os preparativos de Yvette para receber os inimigos). Permite ainda* [illegible] *é a mímica de Catarina —* [illegible] *feição dos pormenores da representação e no ritmo do espectáculo.*

J. C. François analisa seguidamente os problemas da escrita dramática e da encenação, falando depois da criação da peça em Zurique, em 1941. Os críticos e o público daquela cidade suíça foram vítimas de um lamentável equívoco sobre a peça, o qual se deveria a três razões: a ignorância da crítica no que diz respeito à obra de Brecht; o facto de o texto não estar ainda acabado; ao tipo de encenação utilizado nesse espectáculo. Após esta estreia, Brecht introduziu algumas modificações no texto com as quais procurou acentuar os aspectos materialistas das relações sociais estabelecidas entre as principais personagens da obra. Uma das reconhecidas constantes de Brecht consistia exactamente na preocupação de aprofundar, melhorar, rectificar os seus textos de acordo com as experiências que ia conhecendo e com a necessidade de lhes conferir a necessária eficácia.

2.2 A PROPÓSITO DO «MODELBUCH»

As referências feitas à «Noção de Modelbuch» constituem um dos mais importantes passos deste capítulo. «Modelbuch», [illegible] volumes contendo [illegible] fotografias — cerca de 200 — e as notas de Brecht. No que se refere a «Mãe Coragem», as fotografias e os comentários referentes a três encenações da peça feitas em conjunto pelo autor e por Erich Engel no «Deutsches Theater» (1949); «Kammerspiele Munich» (1950); e «Berliner Ensemble» (1951).

O «Modelbuch» destina-se — diz J. C. François — *aos encenadores e aos actores, e mostra como foi feita a passagem entre a obra escrita e a sua representação. O «Modelbuch» propõe, portanto, um método de trabalho aos produtores de um espectáculo.* Este ponto é muito importante porque elimina a hipótese da obediência cega (ou seja: inintеligente) a uma pseudocartilha brechtiana. Entre um metodo de trabalho e um decalque puro e simples vai uma distância incomensurável, a mesma que vai entre o artista que pretende fazer uma obra de acordo com as suas circuntâncias e aquele que se limita a transpor o que outros fizeram. Aliás, J. C. François afirma-o categoricamente: *Na medida em que o «Modelbuch» é uma obra de referência para os intérpretes, as exigências de Brecht podem resumir-se assim: representai a situação, representai o pormenor, representai a contradição — pois prendermo-nos a um único aspecto da personagem equivale a provocar a identificação ou a dar uma caricatura* — e desde que isso esteja compreendido, inventai tanto quanto possível!

2.3 UM ELEMENTO IMPORTANTE DE DISTANCIAÇÃO

Qual o verdadeiro papel das canções (*songs*) nos espectáculos de Brecht? Trata-se, como já vimos, de um elemento fundamental de ruptura e descontinuidade e, portanto, de distanciação. Diz o ensaísta: *Para que essa função possa exercer-se, é importante que haja verdadeira ruptura entre a canção e a acção, que não passemos insensivelmente da palavra ao canto, que o canto não seja uma espécie de amplificação da palavra. A encenação do «Berliner Ensemble» marcava claramente a ruptura fazendo descer da teia um «símbolo de música», constituído por um conjunto de estandartes e de instrumentos musicais (tambor e trompete) que subia quando a canção acabava.*

3. QUATRO ENCENAÇÕES DE «ARTURO UI»

Philippe Ivernel estuda a seguir quatro encenações de uma das mais conhecidas peças de Brecht: «A resistível ascensão de Arturo Ui». Brecht escreveu esta peça em 1941, no seu exílio finlandês, em colaboração com Margaret Steffin. A peça foi publicada e representada apenas após a morte do autor pelo que se trata de [illegible] uma peça de Brecht cujo material dramático e ideológico não foi corrigido e enriquecido após sua montagem. Brecht explicou [illegible] *de explicar a ascensão de Hitler ao mundo capitalista transpondo-a para um meio que era familiar ao autor.* [illegible] *parte sublinhado. Aqui, como na «Ópera de Três Vinténs», o dinheiro faz as reputações. Tudo se compra, tudo se vende, tudo se paga: da couve-flor simbólica às coroas fúnebres que Givola vende sem dúvida às famílias das suas vítimas...*

Para Philippe Ivernal a peça parodia Shakespeare (e não só) em especial «Richard III».

São as seguintes as encenações estudadas neste texto: de Peter Palitzsch e Manfred Wikwerth, no «Berliner Ensemble»; de Jean Vilar-André Acquart-Georges Wilson, no Théâtre National Populaire; de Gianfranco di Bosio no Teatro Stabile de Turim; de Erwin Axer no «Teatro Contemporâneo de Varsóvia».

Segundo P. Ivernal, enquanto a encenação dos discípulos de Brecht obedecia naturalmente às indicações de Brecht, tanto as encenações francesa e italiana como a polaca, reivindicavam uma maior liberdade na interpretação do texto.

Vejamos como o articulista confronta os quatro trabalhos: *No «Berliner Ensemble», a vontade de explicação teórica interfere com o aparato espectacular do circo nazi, apesar das precauções tomadas para defender a autonomia do travesti e a generalização da lição. (...) No «Teatro Contemporâneo de Varsóvia» intervinham também factores abscuros. (...) O passado não fora totalmente superado e nos dois casos aparentemente antagonistas o teatro estabelece-se na periferia do psicodrama. Pelo contrário, a encenação francesa não se situava a esse nível profundo, ligeiramente anbíguo, do subconsciente nacional. O «Arturo Ui» do T.N.P. prolongava logicamente o discurso shakespeariano de Jean Vilar e os seus apelos ao civismo. (...) Nas mãos de Di Bosio, a peça tornou-se uma forte história de «gangsters». Privado de todo o domonismo, o ditador é inventado e manipulado por um «trust» denunciado sem rodeios.* o facto de um crítico ter acesso a quatro encenações diferentes do mesmo texto e poder consultar toda a documentação que lhes diz respeito explica muita coisa, não é?

(CONTINUA)